

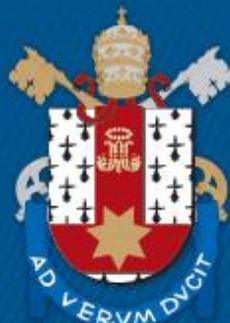
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESCRITA CRIATIVA

PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO

DOZE HORAS: O MITO INDIVIDUAL EM UMA AUTOBIOFIÇÃO

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO

DOZE HORAS:

O MITO INDIVIDUAL EM UMA AUTOBIOFICÇÃO

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Porto Alegre

2018

Ficha Catalográfica

T313d Tenório, Patricia Gonçalves

Doze horas : O mito individual em uma autobiocção / Patricia Gonçalves Tenório . – 2018.

184 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil.

1. Autobiocção. 2. Literatura. 3. Linguagem Digital. 4. Psicanálise. 5. Escrita Criativa. I. Assis Brasil, Luiz Antonio de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

PATRICIA GONÇALVES TENÓRIO

DOZE HORAS:

O MITO INDIVIDUAL EM UMA AUTOBIOFIÇÃO

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Escrita Criativa pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 08 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria do Carmo de Siqueira Nino – UFPE

Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos – UFSC

Profa. Dra. Débora Teresinha Mutter da Silva Mota – ULBRA

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno – PUCRS

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil – Presidente/PUCRS

Porto Alegre

2018

RESUMO

Doze horas é uma novela ensaística em três camadas. Narrada em terceira pessoa do singular, conta a história de Arabella Fantini, quarenta e cinco anos, solteira e sem filhos, nascida em Recife, residente em Porto Alegre, Brasil, e museóloga do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. Ela traz à tona artistas desconhecidos, e, uma bela tarde, recebe a carta com fotografias da obra de Fernandes Vieira, artista português que o remetente afirma ter conhecido seu pai, desaparecido desde os treze anos da museóloga. Toda a narração é feita durante o voo de doze horas para Lisboa, resgatando o passado, descrevendo o presente, antecipando o futuro, criando diálogos imaginários com “o rapaz ao lado”. Esta é a primeira camada. A segunda camada é narrada em primeira pessoa do singular, por uma estudante de doutorado em Escrita Criativa, Manoela. Subentende-se que ela estuda na PUCRS, e seria uma *mimesis* do processo de construção da presente tese. A terceira camada encontra-se no ensaio teórico (na impessoalidade da primeira pessoa do plural), com os Diários de Bordo em anexo (na proximidade da primeira pessoa do singular). O ensaio teórico tem como objetivos, à luz dos conceitos de autobiografia, autoficção e diário encontrados em *O pacto autobiográfico* – de Rousseau à internet, do ensaísta e sociólogo francês Philippe Lejeune, e de “O mito individual do neurótico”, do psicanalista francês Jacques Lacan, investigar as camadas intercambiáveis da tese, assim como apresentar o gênero híbrido da autoficção.

Palavras-chave: Autoficção. Literatura. Linguagem Digital. Psicanálise. Escrita Criativa.

ABSTRACT

Twelve hours is an essayist novel in three layers. Narrated in the third person singular, tells the story of Arabella Fantini, forty-five years old, single and childless, born in Recife, resident in Porto Alegre, Brazil, and museologist at the Art Museum of Rio Grande do Sul – MARGS. She brings up unknown artists and, one fine afternoon, receives the letter with photographs of the work of Fernandes Vieira, Portuguese artist that the sender claims to have met her father, who has disappeared since the museologist's thirteenth birthday. All the narration is done during the twelve hours flight to Lisbon, rescuing the past, describing the present, anticipating the future, creating imaginary dialogues with "the man next door". This is the first layer. The second layer is narrated in the first person singular, by a PhD student in Creative Writing, Manoela. It is understood that she studies in PUCRS, and would be a *mimesis* of the process of construction of the present thesis. The third layer is in the theoretical essay (in the impersonality of the first person plural), with the attached Logbook (in the vicinity of the first person singular). The theoretical essay has as objectives, in the light of the concepts of autobiography, autofiction and diary found in *The autobiographical pact* – by Rousseau to the internet, from the French essayist and sociologist Philippe Lejeune, and "The individual myth of the neurotic", from the French psychoanalyst Jacques Lacan, to investigate the interchangeable layers of the thesis, as well as to present the hybrid genre of autofiction.

Keywords: Autofiction. Literature. Digital Language. Psychoanalysis. Creative Writing.

SUMÁRIO

1 Parte I	08
1.1 <i>Doze horas</i>	10
2 Parte II	85
2.1 <i>Doze horas: o mito individual em uma autobiocção</i>	88
Referências Bibliográficas	117
Anexos	122
Diários de Bordo	123
Caderno de Imagens	179

PARTE I

Toda arte é uma revolta contra o destino do homem.

(André Malraux)

Hora I

Arabella abre o laptop e fica esperando. Nada. Silêncio. Nem um suspiro de inspiração. Digita uma letra, hesitante. Volta com o cursor e apaga. Insiste em outra letra. Parece que agora conseguirá formar uma palavra, a palavra inaugural. Ainda não. Olha pela janela. Os personagens no mesmo lugar. O carregador com as bagagens. O bombeiro do abastecimento perto da mangueira de combustível.

Da janela do avião ela vê o movimento das bagagens, o abastecimento, os últimos preparativos para fecharem as portas e decolar. O voo está atrasado por causa de uma mala extraviada, e o comandante pede desculpas, avisando o reescalonamento de horário.

Desde que perdeu pela terceira vez a mala, só viaja com bagagem de mão. Economiza nas roupas, não coloca objetos cortantes nem que possam se inflamar durante o voo. Viaja com o mínimo necessário, usando os serviços de lavanderia dos hotéis para reaproveitar as roupas. Com isso, gasta muito tempo antes das viagens separando as peças combinatórias: veste um casaco mais grosso ou mais fino de acordo com a temperatura, usa um sapato confortável e leva um social, uma bolsa toilette, um vestido de noite, duas calças, uma jeans e outra de tecido, três camisas de botão, itens de higiene, roupas íntimas e uma falsa joia.

Senta-se à janela – diz que é para aproveitar a paisagem. Mas quer se certificar do bom funcionamento da turbina. A janela serve sempre de fuga para quem deseja escrever. Da janela pode-se viajar distâncias sem sair do lugar, sem sair do aeroporto de Porto Alegre rumo ao aeroporto de Lisboa.

O laptop permanece com a tela vazia. O cursor pisca anunciando os segundos, como se perguntando por que estão ali, ele e Arabella. Ela não sabe responder. Abre a pasta de couro sintético com as fotografias enviadas pelo curador renomado e a carta-convite para conhecer a obra de Fernandes Vieira.

*

O curador renomado foi bem específico na carta: *Venha para Lisboa conhecer a obra do escultor Fernandes Vieira*. O problema era o voo de doze horas de Porto Alegre para Lisboa. A ida no dia seguinte à casa do artista português.

O problema era nunca ter conhecido pessoalmente aquele curador renomado, não saber como ele conseguiu seu nome, o endereço, não saber se ele era ele mesmo, se era

real. Parecia uma voz ressoando na cabeça, ela caminhando em círculos sobre o piso de madeira preta com listas brancas, ou piso branco com listas pretas, uma tonalidade mais clara, a outra mais escura, uma mais clara, outra mais escura; uma voz ressoando na cabeça, caminhando descalça em círculos sobre o piso de madeira preta com listas brancas, ou piso branco com listas pretas do apartamento quarto-sala-cozinha do centro da cidade; a voz ressoando em círculos na cabeça sobre o corpo, o frio de Porto Alegre subindo pelas listas pretas do piso branco de madeira, pelos pés descalços, a voz ressoando feito *Larga as ovelhas, pega o cajado e vai salvar o meu povo no Egito!*, a voz de *Larga as redes e vem ser pescadora de artistas, Arabella!*, *Artistas desconhecidos que você traz à tona!*, a voz ressoando na cabeça a semana inteira, em círculos a semana inteira, a cabeça sobre o corpo frio, o frio do centro de Porto Alegre, a cabeça sobre o corpo frio em círculos no piso de madeira preta com listas brancas do apartamento quarto-sala-cozinha no centro de Porto Alegre, em círculos, a voz ressoando a semana inteira, até acordar às duas horas da madrugada do frio gaúcho e não poder evitar mais.

Vou para Lisboa!

*

O Museu de Gavetas foi imaginado e construído por Herbert Distel, entre 1970 e 1977, e consiste em um armário de vinte gavetas, contendo cada uma vinte e cinco pequenas salas, e cada sala contendo uma obra de arte em miniatura doada por artistas como Pablo Picasso, Robert Cottingham, Tom Phillips, Edward Ruscha, Dieter Roth e John Cage.

Se Beatriz visse a irmã um ano mais velha naquele avião, diante do laptop vazio, diante das fotografias de esculturas de Fernandes Vieira, dos esboços de Fernandes Vieira que pareciam mais geniais ainda, se Beatriz visse a irmã naquele instante diria para não se preocupar.

Preocupar é se ocupar antes, Arabella.

A irmã um ano mais nova tomaria a câmara analógica e filmaria os passageiros sentando, cada qual em seu lugar, feito as obras de arte do Museu de Gavetas, de Herbert Distel, o museu departamentalizado, no qual cada artista possui uma história diferente, cada artista doa uma obra diferente, e não deixa de ser quem é, assim como os passageiros juntos no voo de doze horas de Porto Alegre para Lisboa.

Perceba.

Uma mulher alta, magra, cabelos longos e lisos, vestido de corte reto, carregando um bebê de colo, um menino de uns seis meses, pode ser uma modelo frustrada, divorciada recentemente e viajando de volta para a casa dos pais na Europa.

Veja.

O senhor de uns sessenta anos, baixo, um pouco gordo, de paletó apertado, bem que pode ser o dono de uma cadeia de padarias portuguesas retornando de Porto Alegre onde foi visitar o filho pródigo.

Enxergue.

Um rapaz se aproxima de Arabella, alto, magro, calvo, óculos, vestindo camisa branca e calças pretas; ele se aproxima de onde ela está sentada; ela faz de conta que não o vê se aproximar, faz de conta que não o vê sentar-se ao lado, disfarçada em digitar um diário imaginário em pleno avião.

*

O avião é formado por um complexo de sistemas duplos. Para cada sistema existe um sobressalente: caso um falhe, o outro entra de maneira automática. O sistema hidráulico, o elétrico, o pneumático e o de navegação, apesar de, no sistema de navegação, um não contaminar o outro, são independentes. Isso ocorre também com o piloto e o copiloto, o comandante e o primeiro assistente – o pai de Arabella explicava quando a filha, aos dez anos, visitou a cabine de comando. Este é o Gregor, o copiloto do voo, filha. Prazer, Gregor. Prazer, senhorita Arabella. Eu e Gregor trabalhamos juntos, mas cada um tem sua responsabilidade, cada um sabe o que tem de fazer. Isso, comandante Cláudio, na decolagem, por exemplo, eu sou responsável pela parte manual. E eu, filha, sou responsável pela parte da fonia, ou seja, falar com a torre de comando. Mas existem momentos em que deixo o Gregor voar sozinho. Feito Dédalo e Ícaro. Gregor sorriu sem graça.

*

O tempo torna-se elástico na primeira parte de um voo internacional. O que parecem sessenta minutos, podem ser trinta, quarenta, o que justifica a variação no número de horas da história.

Os sentidos se apuram, percebem-se sons, cheiros, a saliva se espessa, o sangue torna-se grosso.

As batidas do coração mudam o ritmo para acolher esse período de entrega.

Um aroma mais suave vindo da cadeira à frente, um mais ácido vindo da cadeira atrás, um acre-doce do vizinho ao lado.

Um aroma pode revelar o mundo inteiro. Pode trazer lembranças de pessoas que não existem mais. Pode abrir as portas do passado, intuir o futuro, realçar os contornos do presente. Um aroma pode fazer sair do lugar.

O sabor dilata as papilas gustativas, o que vai ser despertado daqui a algumas páginas, em uma refeição. O corpo se adequa ao estranho, ao inquietante, àquilo que não se sabe nomear, e sente-se como se apreendesse uma língua nova, aquela que vem antes dos signos, antes dos símbolos, antes das palavras.

Prepara-se para viver o presente, mas foge do presente a todo instante porque o sente pesado demais, confuso demais, como se fosse um caleidoscópio. Não se consegue enxergar o que representa a imagem do caleidoscópio. Então, a imagem faz viajar e sair do presente, e fugir do presente para espaços imaginários, tempos fictícios.

*

Arabella se prepara para um espaço imaginário. Para entrar na ficção. E, enquanto tenta absorver os perfumes do presente, escutar os detalhes nos sons daquele início de voo, no toque da ponta dos dedos no teclado ergométrico do laptop, nos rostos dos passageiros ao redor na tentativa de adivinhar as suas vidas, no sabor da saliva grossa, espessa, em sua boca, enquanto ela concentra os cinco sentidos naquele início de voo internacional, algo muito grande e incomoda, algo que vem de longe, de uma cena atávica, um personagem que não consegue nomear. Um personagem que pode ser ela mesma, há alguns minutos, algumas horas, muitos anos. Uma náusea reúne todos os sentidos, mistura todos os sentidos como se fossem um só.

E ela, sem saber o porquê, sem conhecer onde vai chegar, sem esperar muito de onde vai chegar, o tom, o lugar, a situação, sem compreender muito o que sente, se medo, se pânico, saudade, falta, tristeza, alegria, chama esse nada, esse vazio, esse antes de tudo, fim de ciclo, início de outro, prelúdio, prefácio, ela chama esse sentimento de intuição.

*

Na sala de espera do consultório da psicóloga havia uma reprodução de “A Queda de Ícaro”, de Pieter Bruegel. Dois sofás, um de veludo liso e outro de almofadas quadriculadas. Umas revistas. Esculturas de bustos femininos. Música de concerto. Arabella fica olhando para o nada, como se aquele nada fosse preencher um vazio seu. Lembra a psicóloga lacaniana que frequentou aos quinze anos. A psicóloga quase não falava. Uma palavra. Outra. Só na escuta. Não quis procurar outra psicóloga por não mais acreditar. Até vir à tona a cena do apartamento. A vertigem no apartamento depois de dois meses pensando no convite do curador renomado. O convite do curador e a informação de que Fernandes Vieira conheceu seu pai.

Ouve passos no corredor. Passos de sapato alto. Ritmados. Ela vem, abre a porta. Mais jovem do que Arabella imaginou. Mais séria do que Arabella imaginou. Convida-a a entrar. Arabella se levanta. Pega a bolsa e a agenda que descansavam ao lado no sofá e segue a senhora ritmada. A senhora ritmada convida a cliente a sentar. Vê-se uma poltrona e um divã. A cliente prefere a poltrona, parece mais confortável. Sentam-se, cada uma em sua poltrona. A senhora olha a cliente. A cliente lembra a psicóloga lacaniana dos quinze anos. O silêncio é o mesmo. O olhar é o mesmo. Começa a sentir a vertigem. Toma a bolsa e a agenda e se prepara para levantar, quando a senhora profere a palavra inaugural. A senhora pergunta. Qual seu nome completo. A cliente responde. Arabella Medeiros Fantini. A senhora. Quantos anos. A cliente. Quarenta e cinco. A senhora. Casada. A cliente. Não. A senhora. Filhos. A cliente. Também não. A senhora. O que faz. A cliente. Sou curadora do Museu de Arte do Rio Grande do Sul. A senhora. Por que está aqui. A cliente. Uma colega de trabalho me disse que a senhora é muito boa. A senhora. Me chame de Laura. Senhora Laura. Laura, somente. A cliente. Então, Laura, venho sentindo uma vertigem muito forte esses últimos dias. Mal-estar. Sensação de que tudo para ao meu redor. Não consigo dirigir. Não consigo responder os e-mails. Parece que um simples movimento, uma simples tarefa, que antes não levava mais do que alguns minutos, leva agora uma eternidade e me toma toda a energia do mundo. Laura pergunta. Aconteceu alguma coisa esses dias que possa ter provocado esse mal-estar. Arabella responde. Sim. Uma pessoa disse que sabia notícias sobre meu pai desaparecido desde os meus treze anos. Laura fala. Então, deveria ser bom você saber. A cliente cala. Laura pergunta. É bom saber. A cliente diz. Meu pai desapareceu há muito tempo. Laura pergunta. É bom saber. A cliente diz. A pessoa me convidou para uma viagem de doze horas de avião. Laura pergunta. Você quer saber. Arabella. Não gosto de aviões. Laura pergunta. Você

gosta de escrever. Arabella. Às vezes. Tenho alguns diários. Laura fala. Escreva sobre você.

*

Um dia Arabella descobrirá que a diferença entre terapia e análise é muito simples. Na terapia, a cliente senta-se em uma poltrona diante da terapeuta. Com isso, a cliente pode determinar a reação da terapeuta, se a frase que acabou de dizer agradou, se desagradou, e muda, portanto, a condução do discurso. No divã, não existe contato visual entre ambas. Não existe condução do discurso por parte da cliente e sim da analista e suas associações livres.

A voz de Laura. Escreva sobre você. Arabella digita durante o voo. O que escrever sobre mim? Eu disse o que precisava. Ela que leia nas entrelinhas. Penso que é uma perda de tempo, essa história de terapia. Lembra a psicóloga lacaniana? Não adiantou de nada, mamãe questionando o preço, questionando os meses de tratamento, questionando por que mamãe mesma deveria ir à última consulta, questionando por que a terapeuta lacaniana havia permitido na última consulta que eu poderia fazer o que quisesse, mamãe lamentando que fora abandonada pelo marido, com outras três filhas mais novas, morando de favor na casa dos pais... Escreva sobre você. Gostava de ir ao cinema com papai. Ele me levou para assistir a *Amadeus*, de Milos Forman. A censura, doze anos. Eu, onze e meio. Papai conseguiu que o rapaz do cinema me deixasse entrar. O filme conta a história de Wolfgang Amadeus Mozart a partir da perspectiva de seu maior inimigo, Antonio Salieri. Se eu puder resumir em uma frase: O gênio versus o medíocre. Escreva sobre você. No verão, íamos todos, eu, papai, mamãe, minhas irmãs, para o sítio de nossos avós, e havia um açude no qual pescávamos peixes pequenos – piabas –, e depois os limpávamos, fritávamos e comíamos com fava – uma espécie de feijão-verde gigante – e, por cima, farinha de mandioca. Escreva sobre você. Fui para a primeira festa com minha mãe. O tempo todo do meu lado. Não me convidaram para dançar. Saímos antes da aniversariante de quinze anos cantar os parabéns com aquelas fitinhas em que uma amiga puxa o terço e vai ser freira, a outra puxa a aliança e se casa, a outra puxa o dedal e fica solteira para sempre. Passei uma semana sem falar com mamãe. Escreva sobre você. Aprendi a andar de bicicleta com vinte e cinco anos. Sozinha. Ninguém disse que era melhor começar com as rodinhas – era ridículo eu começar com as rodinhas aos vinte e cinco anos –, ninguém disse que é melhor usar calças compridas e tênis para as primeiras

quedas, que se deve escolher um ponto fixo um pouco à frente e focar nele, que o joelho vai formando uma casca das muitas quedas, até a gente se acostumar, até a gente não sentir nada, nem se importar mais em cair, até achar bom se levantar e começar tudo de novo e imaginar que vai ser diferente e cursar pós-graduação bem longe de casa, somente para não ter de ouvir todos os dias mamãe falar que papai nos deixou, desapareceu quando eu fiz treze anos e não me ensinou a andar de bicicleta.

Hora II

Ela escreveu um artigo no mestrado sobre a tela de Pieter Bruegel, “A Queda de Ícaro”, que representa o fim trágico do filho do construtor do labirinto do Minotauro, Dédalo, labirinto no qual pai e filho permaneceram presos até o mítico primeiro voo de um homem. Na pintura a óleo, no canto inferior direito, Ícaro encontra-se de pernas para o ar, no momento exato da sua queda no Mar Egeu.

O avião decola e faz uma hora que ela não percebe o tempo passar. Mal escuta a explicação dos procedimentos de emergência, a filosofia do avião, em que é preciso primeiro colocar a máscara de oxigênio em si para poder ajudar o outro, ela mal lê o menu do jantar, do qual escolhe uma salada verde, um risoto de cogumelos, uma taça de Monte de Casta tinto, frutas secas de sobremesa, pede a gentileza da aeromoça em servi-la e não perturbar em seguida.

O rapaz ao lado parece também não querer ser perturbado. E se ele perguntar Tem insônia? O que ela responde? Sim, e você? Não consigo dormir em aviões, o rapaz. Eu também não, ela diz. Gosta de ler?, o rapaz continua. Sim, ela responde, mas este livro é antigo. Nem é um clássico. Qual o problema de não ler um clássico?, ele continua, simpático. Ele lembra, o rosto, o jeito, alguém... alguém... Mas Arabella não sabe naquele instante.

*

A escola na qual estudou na adolescência era mista. Meninos e meninas. Eram mais meninas do que meninos, e os meninos eram procurados pelas meninas o tempo inteiro. Ela não procurava nem conversava com ninguém durante o recreio, a não ser de vez em quando com a melhor amiga Letícia, que era um ano mais velha e já estava na oitava série do ginásio. Arabella sentava-se em um dos bancos de cimento no canto do pátio da escola e observava os colegas e as colegas da sétima série. Levava o lanche de casa, um sanduíche de pão de coco com requeijão, e sempre o requeijão escorria pelo guardanapo, sujando a lancheira de plástico e causando um calor das bochechas até a raiz dos cabelos. Uma vez levou o lanche em uma sacola de papel, porque não conseguia

encontrar a lancheira de plástico; era o mesmo sanduíche de pão de coco com requeijão e uma garrafa de coca-cola de vidro. Ela se encaminhava para o canto escondido no pátio da escola, quando o acidente aconteceu. Um dos meninos procurados, um menino com sotaque de São Paulo, cruzou de repente o caminho de Arabella, a garrafa de vidro de coca-cola atravessou a sacola de papel e estourou no chão, um estilhaço de vidro entrou no joelho direito, um pouco abaixo da saia-farda, e ela só se lembra dos olhos redondos e grandes do menino chamado Otávio.

*

Otávio parecia com o rapaz ao lado. A melhor amiga de Arabella, mais adiante, dirá que ele era perfeito demais para ser verdade. Depois do acidente, o menino de São Paulo a levava todos os dias para casa. E ela andava bem lentamente para poder conversar mais com Otávio. Ele sabia todos os assuntos. E ela queria saber mais.

Ele parecia com o rapaz ao lado; Arabella chegou à escola em um dia nublado e descobriu que ele não voltaria às aulas naquele dia nublado, naquele semestre, nunca mais, porque o pai de Otávio fora transferido – o pai, a mãe e um irmão mais velho; o pai, militar, a mãe, dona de casa, e o irmão mais velho, ela nunca conheceu.

Do acidente guardou uma cicatriz no joelho direito, e nunca mais se esqueceu do rosto de Otávio, os olhos grandes e redondos. Michel possuía olhos grandes e redondos; Augusto era alto; Walter, magro. Nos três relacionamentos fadados ao desastre existia a marca de Otávio, sua cicatriz. Como se quisesse enquadrar a imagem do primeiro amor num pano de fundo, e os relacionamentos fadados ao desastre deveriam se encaixar.

*

O bebê de seis meses, da mulher alta, magra, cabelos longos e lisos, vestido de corte reto, chora. Os passageiros ao redor tentam dormir, mas o choro do bebê os incomoda, o choro vai além da imaginação de Arabella.

Ela se pergunta por que nunca quis ter filhos. “Escreva sobre você”, a voz da terapeuta ecoando na cabeça. Ecoando tão alto que parece que todos ao redor escutam seus pensamentos.

Como se pode escutar os pensamentos dos outros? Como se pode viver a vida dos outros? Ela ensaia escrever no diário imaginário do laptop. O diário toma corpo, inundado pelas memórias e expectativas, percebido nos sons e murmúrios da noite sem pátria do avião.

Porque no avião não se tem pátria, não se tem história, não se é ninguém. Apenas uma portadora de algum significado, e a portadora se preenche no exato instante em que percebe o significado. Como se fosse uma carcaça.

O rapaz ao lado tenta dormir. A mãe do bebê de seis meses consegue acalmá-lo por um instante. Arabella não tem sono, ou tem medo de dormir e antecipar o que irá encontrar quando chegar a Lisboa; e antecipar o que o curador renomado dirá quando se encontrar com ela em Lisboa, e revelar as notícias sobre o seu pai.

*

Ela procurava ser uma curadora à maneira clássica. Sabia que o curador segue a linha do mecenato, mas de uma forma diferente. O termo mecenato surgiu com Caio Mecenat ou Gaius Cilnius Maecenas, que viveu na Roma de 7 a 80 a.C. e foi conselheiro do imperador Otávio Augusto. Comerciante rico, conhecido como protetor de artistas e poetas, graças a ele foram trazidos à tona Virgílio, Propertius e Horácio, a quem patrocinou. Desde então, um mecenat era aquele que possuía essa disposição de revelar artistas que precisavam da proteção financeira e conceitual de um personagem de prestígio na sociedade. O caso do curador segue uma linha semelhante, no sentido conceitual, ao mecenato. A pessoa curadora seleciona as obras, a disposição e a cor das paredes no espaço de exposição, conhece a fundo os artistas, escreve sobre eles e vive em constante pesquisa sobre as diversas áreas de arte e conhecimento humano.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o MARGS, fica na praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre. É cercado por outros museus, entre eles, mais adiante, seguindo a rua dos Andradas, a Casa de Cultura Mário Quintana. As palmeiras emolduram a rua lateral do Museu onde Arabella trabalha, no térreo, em uma sala especializada nos catálogos das obras de arte do MARGS.

A primeira vez que entrou no MARGS, ela admirou a escadaria, as colunas coríntias, o azulejo azul-esverdeado arrodando a sala de recepção. No teto, os lustres de lâmpadas elétricas que parecem estar ali desde 1913, na construção do Museu. O piso de ladrilho hidráulico completa a ambiência do começo do século XX.

A diretora fez questão de apresentar pessoalmente o Museu. Explicou a história de cada peça, as salas mescladas de obras de arte antigas e contemporâneas, como se aquelas completassem estas, e elas fossem irmãs.

A sala de Arabella fica no térreo, e no térreo ela imaginando exposições, artistas desconhecidos compartilhando salas com artistas consagrados, como se eles fossem irmãos.

A carta do curador renomado chegou em uma sexta-feira quando ela terminava o expediente de trabalho no Museu gaúcho. Ela lendo o próprio nome em letra desenhada e admirando os selos portugueses. Parecendo selos raros, como se fossem da coleção de 1942 a 1949.

O pai de Arabella colecionava selos e, na biblioteca da casa onde viviam em Recife, havia toda uma estante reservada aos álbuns de selos raros. O pai não era filatelista e sim colecionador de selos por diversão – ela descobriu a diferença em um dicionário grosso da biblioteca. O filatelista conhece a fundo cada selo que lhe chega às mãos – a origem, o valor histórico, os temas descritos neles –, sendo ou não colecionador de selos.

Uma vez, a irmã um ano mais nova, Beatriz, entrou escondida na biblioteca do pai e descobriu a coleção de selos, e riscou com lápis de cor nos espaços entre eles, e por cima de alguns também. Por cima de muitos. Cláudio resolveu queimá-los numa fogueira no quintal da casa de Recife, a casa que ficava no bairro de Boa Viagem, Cláudio resolveu queimar a coleção de selos na frente de Ária, e dos avós maternos, e das quatro filhas, e Beatriz nunca mais entrou escondida na biblioteca do pai, e ficou muito tempo sem falar uma palavra.

Cartas trazem do outro traços da personalidade que muitas vezes os e-mails não conseguem demonstrar. A carta do curador renomado revelava uma caligrafia segura, elegante, precisa, nem uma linha a mais, nem uma linha a menos. Apenas apresentando a obra de Fernandes Vieira, as fotografias das esculturas de Fernandes Vieira, os esboços escaneados. E daquelas letras desenhadas, daquela caligrafia segura, Arabella começou a forjar um perfil dos dois personagens, o curador e o escultor que conheceu seu pai.

*

O bebê de seis meses dorme. Arabella se pergunta por que nunca quis ter filhos. Talvez por não querer vê-los chorando, talvez por não suportar vê-los saindo da biblioteca

do pai mudos, sem conseguir falar, sem conseguir formular uma pergunta, escrever uma palavra; então se aventurar na imagem, e a imagem ser o porto seguro.

Beatriz preferia as imagens às palavras. As imagens cinematográficas. Aos dezessete anos foi para Nova York aprender cinema. A irmã mais nova um ano enviava para Arabella cartões-postais de fotografias da cidade, dos artistas preferidos de cinema, e não precisavam de palavras para as duas irmãs se comunicarem. Como se fosse uma série de quadrinhos de histórias infantis, que não precisam de palavras para fazerem sentido, dizerem uma à outra por onde passou, a que filme assistiu, ou a nova técnica apreendida na escola de cinema.

Arabella se pergunta por que nunca quis ter filhos. Mas ela teve um, com o relacionamento proibido, aquele tão magro quanto o rapaz ao lado.

Aquele que era casado.

*

Walter era casado com uma amiga da segunda irmã mais nova de Arabella. Eles se conheceram em Recife na estreia da adaptação da peça de Shakespeare, “Romeu e Julieta”, pelo Grupo de Teatro no qual a amiga e a segunda irmã mais nova trabalhavam. As amigas-atrizes foram escutar a entrevista do diretor do grupo. O diretor queria dar um sentido pop ao espetáculo. Trouxe músicas desse estilo que ainda não eram muito conhecidas e inseriu-as nos trechos principais. O tom do figurino e do único cenário foi o branco, pois representava o Amor, mas não no sentido de Amor Paixão, e sim no sentido de Amor Pureza. As músicas pop e a projeção de luzes coloridas sobre o branco suavizavam essa tragédia conhecida há tempos imemoriais.

Eles ficaram sozinhos enquanto as amigas-atrizes escutavam a entrevista do diretor de teatro. Ficaram sozinhos por um bom tempo. Walter começou o diálogo, Como está louco o tempo, não é? Chove muito estes dias... Sim, chove muito, Arabella respondeu para ser simpática. Tenho usado até o meu casaco de inverno, ele retirou os óculos para limpar as lentes embaçadas.

O romance durou algumas páginas, algumas estações. Quando se encontravam era sempre quente e bom. Feito um dia no paraíso. Feito um primeiro caso de amor. Ela sabia que era um caso de amor, que era passageiro. E estipulou um prazo. Até completarmos um ano. Mas no décimo mês, às vésperas do aniversário de vinte e quatro anos, ela descobriu que estava grávida. E grávida de um menino.

Walter, a princípio, se desesperou. Passou uns dias sem procurar Arabella. Mas em Arabella havia um plano. Ela teria o filho sozinha. E sua mãe? Ele perguntou no primeiro encontro depois de saber-se pai. Não irei contar para minha mãe, ela com o plano. E como irá fazer para disfarçar, ele continuava perguntando, ele não entendia. Vou passar uns meses na casa de minha tia, em Belo Horizonte. O desespero aumentava, ele continuou perguntando, E não vamos nos ver? Ela e o plano. É melhor assim. Ele caminhava de um lado para o outro da sala. Vamos resolver juntos, ele de um lado da sala. Vamos ficar juntos, ele do outro lado da sala. Mas você é casado, ela parada, o observando. Pois então irei me separar, ele pontuou.

Ela não contava com o inesperado do ser humano. Muitas vezes o personagem não obedece aos nossos planos, deseja ir para a direita quando queremos que vá para a esquerda. Deseja trilhar o bem quando tentamos forjá-lo no mal. E Walter parecia dizer a verdade. Tão verdade que Arabella sentiu nos ossos. Procurou uma saída – sempre há uma saída para o não querer.

Ela não contava com o inesperado do ser humano. Um mês de abril quente. Em Belo Horizonte, a cidade abafada, sem a brisa de Recife. A princípio pensou que era por causa do calor, o mal-estar. Chamou a tia, Arabella disse que estava suando muito, que estava suando entre as pernas. A tia sorriu, eram os nove meses, era a bolsa que estourou. Era a hora de nascer.

E o filho viria, o filho nasceria em uma tarde quente de abril, e Arabella não se importaria com mais nada, nem com Ária, nem com Cláudio, nem com Walter casado. Arabella seria mãe.

E toda mãe por si é um mundo novo. Um mundo de altos e baixos, de medos e inseguranças, mas também de beleza em flor. É pôr no mundo um girassol, pequeno e delicado girassol, que gira ao nosso redor enquanto são pequenos, em busca de calor, de proteção. De alimento. Talvez, quando grandes, não precisem mais de nós, ou precisem mais de nós de uma maneira diferente, adulta, complicada.

E ela sentiu as primeiras dores de ser mãe. E sentiu o corte do bisturi na cesárea, apesar da anestesia, a cesárea porque o bebê estava enlaçado, a cesárea que deixaria mais uma cicatriz em Arabella, e sentiu a perda daquele ser que de si nascia, e não nascia ao mesmo tempo, e não cresceria ao mesmo tempo do lado de fora do corpo, do lado de fora da vida. Porque o filho nasceu fora da realidade que conhecemos.

O filho nasceu morto.

*

O bebê de seis meses dorme. Arabella se pergunta por que nunca mais quis ter filhos. E o cursor continua aguardando uma resposta, a frase continua incompleta, a página preenchida pela metade, com o medo paralisante de escrever o próximo capítulo.

Hora III

Qual o problema de não ler um clássico? Se o rapaz ao lado perguntar. E Arabella responder contando a história de *Não matem as flores*, de Johannes Mario Simmel – mais conhecido como J. M. Simmel –, contando a história de Charles Duhamel, advogado rico e bem-sucedido, casado com Yvonne, mulher bonita e de gênio difícil. Charles, numa dessas viradas do acaso, tem a oportunidade de recomeçar a vida, depois de um acidente de avião.

Não matem as flores foi o vigésimo terceiro livro de J. M. Simmel. Na orelha da edição que Arabella folheia, enquanto tem uma conversa imaginária com o rapaz ao lado, descobre que Simmel na época foi lido em vinte e seis línguas e por mais de cinquenta e cinco milhões de pessoas.

O livro conta a história de Charles Duhamel. E Charles Duhamel, depois de um acidente de avião, muda completamente de vida e encontra o verdadeiro amor. Por que Arabella trouxe esse livro para uma viagem de doze horas de avião? Por que ler um best-seller e não um clássico? Por que deseja reconhecer artistas desconhecidos? O que pretendia, o que desejava com essa leitura? Por que reconhecer artistas que não pertencem ao cânone? Ela se pergunta. Quem ler se perguntará. E ela não sabe se um dia mostrará o que escreve a alguém.

Qual o problema de não ler um clássico? O rapaz ao lado está acordado. Ele não consegue dormir. Ele parece ter insônia. Ela arrisca olhar para o lado. Ele parece ser receptivo. Ele parece olhar para ela também.

*

Charles conhece Andreia lá pela página 71. Ele se engana pensando que se trata da Sra. Tiller, uma pessoa que o ajudaria a forjar uma nova identidade na fuga da vida antiga. Andreia o chamará de Gatão; Charles a chamará de Esquilinha. O romance não dará certo. Todos os sinais estão ali, no papel, e somente a juventude de Arabella, quando o leu pela primeira vez, justifica não haver notado a antecipação do desastre. Porque leu

o vigésimo terceiro romance de Simmel não pela qualidade, não pela razão, mas com o sentimento.

Ela folheia as páginas amareladas do livro. Demora a voltar para a primeira página e começar a relê-lo. Por que o medo? Por que a paralisia? Será porque se passou tanto tempo e não é mais a mesma de quando o leu pela primeira vez aos quatorze anos? Quando estava deitada no sofá da casa de seus avós em Recife, lendo *Não matem as flores*, de J. M. Simmel, e Michel entrou, alto, magro, oito anos mais velho, e perguntou qual o seu nome.

*

Michel era afilhado da avó de Arabella. Isabel o tratava como se fosse um neto, e logo Michel estava todos os dias almoçando com eles na casa da avó. Ele iria passar seis meses em Recife para fazer residência médica, e voltaria depois para a cidade natal no interior de Pernambuco. Ele queria se tornar cirurgião plástico, tão delicadas eram as suas mãos.

E tão delicadas as mãos tocaram a cicatriz do joelho direito de Arabella, que sentiu um tremor, sentiu um arrepio do fio de cabelo até o solado do pé. E ela pensou que aquilo seria o amor. E se entregou às carícias de Michel, mas as carícias de Michel nunca finalizavam, nunca realizavam o desejo de Arabella.

Ela pensou que o problema era seu. Que não era bonita o suficiente, inteligente o suficiente para atrair o desejo de Michel.

Um dia, Arabella saiu com a melhor amiga para assistirem no cinema ao documentário do U2, *Rattle and Hum*. A melhor amiga dizia para Arabella esquecer Otávio, que ele não iria mais voltar, que ele era perfeito demais para ser verdade. Otávio com o sotaque paulista. A amiga continuava, com sua língua presa, a dizer que Michel era mais interessante, mais velho, mais maduro, e estava em Recife. Possuía até um Monza preto quatro portas, e poderia ensinar Arabella a dirigir.

Sentaram-se na terceira fila, na época em que nos cinemas não havia lugar marcado, e vivia-se o inesperado de se encontrar uma cadeira vazia. Sentaram-se na

terceira fila, e Arabella ouviu um sotaque paulista. E uma outra voz conhecida. Ela queria saber de quem era o sotaque paulista, de quem era a outra voz conhecida. E puxou a manga da camisa da amiga para verem melhor, apesar do escuro do cinema, para escutarem melhor, apesar do silêncio do cinema. E elas viram, ouviram Michel dar um beijo na boca do rapaz de sotaque paulista que Arabella pensava ser Otávio.

*

Um pouco adiante, ela perderá esse medo, esquecerá esse medo quando conseguir conversar com o rapaz ao lado. Mas ainda não. Ainda não consegue voltar para a primeira página e começar a reler o livro, talvez porque tenha lido no intervalo de toda uma vida muitos livros bons. E *Não matem as flores*, o *Não matem as flores* da adolescência de Arabella, na memória de Arabella, era um livro bom. E se não fosse mais um livro bom, e percebesse que passou tanto tempo com ele na cabeceira, esperando o dia em que o leria de novo, e recuperasse mais uma cicatriz, a cicatriz de Michel e a sua perda, a cicatriz de Michel indo embora sem motivo aparente para a avó Isabel, e a avó Isabel adoecendo com a partida súbita do médico para o interior de Pernambuco?

O rapaz ao lado a olha diretamente, a olha insistente e Arabella se sente enrubescer das bochechas até a raiz dos cabelos. Ela tenta um sorriso. Ele antecipa a sua voz. Olá. Eu me chamo Marcelo. Qual é o seu nome? Ela não sabe responder, não consegue juntar as letras e pronunciar o próprio nome. Mas lembra que Michel Onfray dizia em *Teoria da viagem* que na viagem de avião se perde a timidez, e podemos falar tudo com a pessoa ao lado, e dali não passariam, dali não continuariam a relação. O que a faz se acalmar e pronunciar o próprio nome. A-ra-be-lla. Como se participasse de um concurso de soletrar.

Parece uma menina pequena, ali, dizendo o nome para o rapaz ao lado, que se chama Marcelo. Ele percebe e sorri. Não, ele percebe e ri. E ri de um jeito sincero, ela pensa. E pensa de um jeito aberto, ela ri. E começam uma conversa amena.

*

Charles conhece Andreia lá pela página 71. Ela deseja abrir uma livraria, e nessa livraria haverá flores. Uma escadaria de flores aparece lá pela página 237. Andreia e Charles estão juntos, aguardam por um filho na página 247, e Patty é uma menina manca que frequenta a livraria, e na página 256 coloca a placa “POR FAVOR, NÃO MATEM AS FLORES!”, e ficará aos cuidados de Charles mais adiante.

No princípio da conversa com Marcelo, Arabella responde com monossílabos; depois, dissílabos; na primeira meia hora estão entabulando frases. Porque o diálogo é difícil de se construir. Para que o diálogo se entabule, é preciso deixar passar a verdade dos personagens através das frases, as características dos personagens através das palavras, e com isso possamos acreditar, e com isso queiramos segui-los durante toda a narrativa.

Ele viveu em Recife. Ele é professor de literatura. Ele está indo para um congresso em Lisboa. Ela observa as coincidências, analisa as coincidências sem querer nelas acreditar. Ele morou em Recife. Trabalha em uma universidade próxima ao apartamento de Arabella no centro de Porto Alegre.

Poderiam ter se encontrado algum dia e não terem se visto. Ou terem se visto e não terem se enxergado. Porque enxergar está além de ver, ver está além de olhar. Foi assim que descobriu nas primeiras aulas de história da arte quando frequentava os museus, diante das telas, e as telas lhe falavam, as telas lhe diziam aquilo que as cores lhe escondiam.

Descobriu, diante das telas dos museus, que via, não enxergava por causa das cores escondidas, mas não era apenas olhar, porque sentia as texturas, sabia as texturas de memória, feito velhas amigas suas. O que a guiava eram as texturas. Pedia às texturas que lhe indicassem as sombras, e as reentrâncias respondiam; buscava as luzes, e as saliências se apresentavam vívidas. Um jogo de esconde-esconde. Um jogo de xadrez. E o que importa no xadrez são as peças pretas e brancas. Pode-se jogar, e ganhar, e vencer, sem nunca conhecer as cores, ou mesmo ter conhecido as cores, mas em um tempo longínquo, parece um tempo imaginário.

Precisava aprender a pintar. Para conseguir conversar com a ausência das cores, conversar com as texturas. Era o novo objetivo. E, a cada objetivo alcançado, sentia a tristeza de que deveria procurar outro, e mais outro... Começava a ficar cansada daquilo

tudo. Quando passou na seleção do Museu, pensou ter alcançado o objetivo máximo da vida. Mas e aí? O que mais? Encontrar a pessoa? Casar? Ter filhos?

Ele morou em Recife. Ele é professor de literatura. Mas não fala como se fosse. Não fala como se quisesse saber o que ela escreve no diário imaginário. Conversa como se por conversar. Fala como se para preencher o tempo.

E esse é o perigo.

*

Ela não gosta de aviões. Viaja por necessidade, a pedido do Museu, no qual é curadora de talentos desconhecidos. Foram cinco anos de descobertas, e alegra-se do que se lembra quando olha pela janela do avião. Alegra-se por ter descoberto Ciro Altair, Alexandre Murilo, Vinícius Lamartine. E as meninas Ana Vitória, Clara Pessoa, Neide Tavares. Neide Tavares ainda está no asilo de idosos que Arabella foi visitar ano passado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Mas às vezes pensa, feito está pensando agora, se tudo aquilo valeu a pena, se todo o esforço, e o afastamento das irmãs, e as brigas com Ária, e não ter ido para o enterro da avó Isabel, e não ter acompanhado a esclerose múltipla do avô Graco; Arabella às vezes pensa, feito está pensando agora, se teria sido melhor não ter saído de Recife para o Rio de Janeiro e fazer pós-graduação, e o que seria a sua vida? E o grande “se”?

O grande “se” não existe, ela dizia antes, ela digita agora. E enxerga agora o cursor se movimentando na tela do laptop com alguma velocidade, e depois mais velocidade, feito estivessem em uma corrida, ela e o pensamento, quem poderia fugir mais rápido, quem conseguiria captar mais rápido o sentimento, a emoção, pura, viva, inocente do que a razão deseja enquadrar, quem conseguiria captar mais rápido o sentimento e transformá-lo em palavras, em frases, em uma recordação tão nítida que parece ter sido feita para aquele instante, aquele instante específico do voo de doze horas, ao lado do professor de literatura, que trabalha no centro de Porto Alegre, que morou um dia em Recife, aquele instante específico do voo de doze horas no qual a recordação é tão nítida que parece tomar corpo e sentar no lugar de Marcelo.

*

Ela digita agora. Faz as pazes com o pensamento. E a recordação é forte, poderosa. Deixa a recordação se materializar no presente, a recordação de quando chegava da escola aos treze anos.

O dia mais importante de sua vida, o dia que justifica todo o esforço, toda a busca desmesurada por algo que não sabe ainda colocar em palavras, não aqui, não agora. A palavra se perdeu, e ela silencia o pensamento.

Chega da escola agora. Vem sempre pelo mesmo caminho, como se quisesse lembrar as palavras que trocou com Otávio no último dia juntos. Como se quisesse captar as palavras e colocá-las na lancheira de plástico, a lancheira ainda suja do pão de coco com requeijão, e as palavras não se importam de se misturar com o gosto da adolescência, o gosto doce-amargo da adolescência que se transformará em algumas linhas, que revelará nas próximas palavras o porquê de Arabella ter aceitado fazer essa viagem de doze horas de avião.

Hora IV

O escritório da empresa de recrutamento e seleção era numa casa de primeiro andar. As paredes altas, as portas antigas com venezianas. A luz do sol entrava pelas frestas das venezianas e atingiam os rostos dos pais de Arabella sentados na sala de espera. Havia um vaso de flores de vidro, e amarílis recém-colhidas, colocadas no vaso de vidro da sala para dar um tom de acolhimento.

O entrevistador atendeu, primeiro, Ária. Cláudio, do lado de fora, na sala de espera, observava um relógio na parede. O relógio era silencioso, mas os ponteiros pareciam sussurrar, pronunciar, gritar o tempo que escoava pelos segundos, feito grãos de areia em uma ampulheta.

Quinze minutos.

Vinte minutos.

Meia hora.

*

Arabella teria chegado do colégio mais cedo. A irmã caçula estaria no quarto brincando com o xilofone que ganhou de Natal, tocaria umas notas desencontradas.

A filha mais velha ouviria o pai abrir com força a porta do escritório. A mãe, com a voz estridente, gritaria palavras que a filha mais velha não conseguiria entender, por causa do xilofone de Débora.

*

O pai e a mãe de Arabella se conheceram no primeiro dia de aula na Escola de Voo. A mãe, a mais bonita. O pai, o mais inteligente. Eles brigavam no início, para brigarem no final. Ela tirava notas boas. Ele preferia não estudar, mas impressionava o professor com os cálculos rápidos e precisos.

Começaram a namorar com um mês de conhecidos e se casaram uma semana depois da formatura. A mãe de Arabella foi laureada. O pai se contentou com um “bem-sucedido”.

*

Débora pararia de tocar o xilofone. Arabella conseguiria ouvir a mãe gritar. *Fui hoje procurar emprego, você sabia, Cláudio? E adivinha quem estava lá para me entrevistar? Flávio Travassos!*

*

Assim que voltaram da lua de mel, Cláudio e Ária foram juntos para a entrevista de emprego na companhia aérea na qual Arabella, e o rapaz ao lado, e a moça com o bebê de colo, e o senhor baixo e um pouco gordo, e uns outros duzentos passageiros viajam de Porto Alegre para Lisboa, nessa viagem de longas doze horas de avião.

Nós temos um problema, senhor Fantini. Qual é o problema, senhor Travassos? O currículo de sua esposa é excelente e... Cláudio olha para Flávio. E...? Flávio Travassos continua. Cá para nós... Não parece ser eficiente para a companhia aérea ter marido e esposa trabalhando juntos, não é? Cláudio ajeita os óculos, folga o nó da gravata e responde. É.

*

Existe um arquivo no laptop de Arabella sobre a Síndrome de Alienação Parental, termo proposto por Richard Gardner. A Síndrome narra a situação na qual um dos ex-cônjuges, depois da separação, tenta denegrir a imagem do outro, causando traumas muitas vezes irreversíveis no sistema psíquico da criança.

*

Ela digita agora. Faz as pazes com o pensamento. E a recordação é forte, poderosa. Deixa a recordação se materializar no presente, quando chegava em casa na cidade de Recife vinda da escola, aos treze anos.

O dia mais importante de sua vida, o dia que justifica todo o esforço, toda a busca desmesurada por algo que não sabe ainda colocar em palavras, não aqui, não agora. A palavra se perdeu, e ela silencia o pensamento.

*

Arabella e a briga dos pais. A terceira irmã mais nova com o xilofone silencioso. A mãe e a voz estridente. O pai com o rosto crispado. Arabella e os pais próximos um do outro. A mãe e a voz mais alta. O pai com os olhos flamejantes. A irmã mais nova, o xilofone, o silêncio. Arabella, o pai à esquerda, a mãe à direita. O pai, a mão no alto. A mãe, os olhos no alto. Rosto crispado de Arabella. Mão flamejante do pai. Olhos estridentes da mãe. O grito do xilofone de Débora.

*

Em *Não matem as flores*, Charles acorda na página 32 depois do acidente de avião.

Ele ouve as sirenes das ambulâncias. Ele vê o tumulto dos bombeiros resgatando os corpos. Ajudando os feridos. Ele está vivo e bem. Ele tem duas opções. Ou se apresentar perante todos como Charles Duhamel e retornar para a vida antiga. Ou fugir e forjar a identidade de Peter Kent. E conhecer Andreia. E Andreia abrir uma livraria. E a livraria ter uma escada de flores. E Andreia engravidar. E Peter começar uma nova vida.

*

Tudo aconteceu muito rápido depois do tapa do pai em Arabella em vez de ser na mãe. Arabella havia batido na quina da porta de madeira do escritório do pai, a filha bateu a testa e o supercílio do olho esquerdo na quina da porta de madeira. A mãe dirigindo muito rápido. A avó, no banco de trás, segurando o rosto da neta deitada no colo. O avô, no banco da frente, orientando a mãe pelo caminho mais rápido. *Vai dar certo, vai dar certo*. A mãe repetindo. A mãe convencendo a si mesma do que nem a si mesma conseguia convencer. Chegaram ao hospital.

*

A maca deslizava pelas luzes do corredor comprido do hospital. A cabeça de Arabella doía, na testa e na parte de cima do olho esquerdo.

E o olho começou a inchar. O sangue ainda estava preso, a cabeça latejando, Ária ao lado da filha, segurando-lhe a mão; a filha não via o pai, ele não estava lá; a enfermeira arrumando a maca na sala de emergência, o olho fechando e Arabella vendo embaçado pelo olho direito; a mãe ficou do lado de fora, a mãe com a camisa de florzinhas amarelas; a enfermeira disse para ficar quieta, falava como se ela fosse criança, a enfermeira usava uma bata verde-clara; o médico entrou, estava de máscara verde-clara, os óculos azuis; os óculos olhavam para Arabella, diretamente, fazendo-a ficar em silêncio, silenciando a voz, a cor, as formas, até tudo ao redor ficar mudo e escuro.

*

Arabella encontra o arquivo no laptop. A retina humana é constituída por células fotorreceptoras: os cones e os bastonetes. No primeiro caso, elas são responsáveis pelo reconhecimento das cores, enquanto, no segundo, pelo reconhecimento da luz. Quem é portador de acromatopsia possui defeitos nos cones, e, por isso, não consegue enxergar as cores, ou as enxerga de maneira imperfeita. Na maioria das vezes, trata-se de um defeito congênito, mas, em casos raros, por ocasião de trauma, pode ser desenvolvido por danos cerebrais.

*

Arabella abriu os olhos. Olhou para o lado. A mãe dormia. A mãe usava a mesma camisa de florzinhas miúdas que as filhas deram no Dia das Mães, mas as florzinhas miúdas estavam em preto e branco.

Hora V

Se Arabella se conectasse ao wi-fi e pesquisasse na internet descobriria que as turbulências são uma mistura de intensidade do vento, tipo de nuvens e tempestades. O piloto pode prevê-las por ter nas asas ou no nariz do avião um radar que avisa a aproximação de massas de ar. Dificilmente as turbulências podem derrubar um avião, mas Arabella, e o rapaz ao lado, e os outros duzentos e trinta e cinco passageiros que viajam de Porto Alegre para Lisboa não sabem disso agora.

Eles ainda não estão na metade do caminho. E por que a turbulência? Antes da metade da viagem de Porto Alegre para Lisboa é normal acontecerem turbulências, porque se atravessa o Trópico de Capricórnio, no paralelo 40. E por que o medo que faz Arabella fechar o laptop, segurar, com a mão esquerda, o laptop e o exemplar de *Não matem as flores*, e, com a mão direita, a mão esquerda de Marcelo? São alguns segundos de turbulência. São alguns segundos até ela se dar conta de que segura a mão esquerda de um desconhecido, a mão esquerda que não possui anéis, nem aliança de casamento, nem anel de frade, nem o anel de quem seria bispo um dia.

*

Augusto era frade do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro, mas não vivia enclausurado. Vestia roupas modernas quando Arabella o conheceu em um café próximo ao convento, e conversaram, e ela confessou a si mesma alguns meses depois que havia algo errado entre ela, com trinta e um anos, e aquele frade dez anos mais jovem. Ela sentia-se jovem quando discutiam filosofia, teologia, a existência ou não de Deus, a criação do mundo, a impossibilidade de conciliar ciência e religião.

Até caminharem um dia pelo Largo da Carioca, a Confeitaria Colombo, o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o Museu de Belas Artes, o Centro Cultural Banco do Brasil...

Até caminharem um dia e o frade a acompanhar até o apartamento na Cinelândia da estudante de doutorado em museologia. E subirem para conversarem mais um pouco. Ele retirar suas roupas modernas de frade, os dois se despirem dos títulos e pudores, e

Arabella começar um novo caso de amor. Ensinar tudo o que sabia ao frade que seria bispo um dia. Todas as artimanhas da paixão, todos os significados do sexo. Porque o sexo tem um significado específico quando os amantes se põem a ler o corpo um do outro e desvendar suas reminiscências, as culpas e os ardores, e encontram vírgulas espalhadas pelo pescoço, pontos e vírgulas entre os seios e a virilha; o travessão no momento que se tornam um – e são dois ainda, com suas bagagens de leitura, seus medos e receios de sentir dor –, até elevarem-se ao máximo da exclamação!, duvidarem na interrogação?, até atingirem o ponto-final.

*

Difícilmente as turbulências podem derrubar um avião, mas Arabella, e o rapaz ao lado, e os outros duzentos e trinta e cinco passageiros que viajam de Porto Alegre para Lisboa não sabem disso agora.

Cada um dos passageiros sente de uma maneira diferente. Arabella sente a mão do rapaz ao lado soltar-se da sua, e volta ao dia em que tudo começou, ao dia em que acordou e as cores haviam fugido, e o pai havia fugido para uma nova vida, da mesma forma... talvez... sim... da mesma forma que o personagem principal de *Não matem as flores* mudou de vida e conheceu a dona da livraria com a escada de flores, e o pai poderia ter outro nome, poderia ter conhecido outra pessoa, uma pessoa diferente da mãe, que não lhe cobrasse por uma palavra dada em uma entrevista, há tanto tempo, quando era um piloto recém-formado, um marido recém-casado, e Arabella se arrepende de ter recolhido a mão que dera para Marcelo há uns segundos, faz pouco tempo, e eles poderiam conversar mais, e saber mais um do outro, se agora, que a turbulência cessou, e o comandante explicou a situação, e as correntes de ar em conflito, as correntes de ar quente e frio que balançaram a aeronave se acalmassem, e cada um retornasse à posição original de ler um livro, digitar uma frase, procurar o que fazer.

*

Com oito dias, Arabella foi tirar os pontos em uma clínica no centro de Recife. A cicatriz ficou fininha, feito a cicatriz do corte da coca-cola no joelho no passado próximo,

feito a cicatriz da cesárea no baixo-ventre no futuro nem tão próximo assim. O oculista a fez usar um tampão no olho esquerdo por algum tempo, e ela não foi para a aula por um mês. Ainda não fizera terapia lacaniana com a psicóloga que não falava e lhe causaria vertigens. Permanecia na inocência.

Em casa, os avós e a mãe falavam, escondido, das meninas. Arabella, com o olho direito, desconfiava dessas conversas escondidas. Feito as cores escondidas. E não as encontrava mais. E não as procurava mais, porque pensava ser castigo não enxergar mais as cores, não entender as conversas escondidas, pensava ser castigo por ter se metido na briga de seus pais.

*

Arabella se arrepende de ter recolhido a mão que dera ao rapaz ao lado há alguns segundos. O rapaz ao lado escuta uma música no fone de ouvido. A música parece acalmar Marcelo depois da turbulência. Ela consegue ouvir do fone de ouvido de Marcelo alguns acordes da música do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos: a Bachiana nº 4.

O Teatro Santa Isabel estava lotado. Débora poderia ver das coxias os espectadores entrando, procurando seus lugares, conversando entre si com o programa na mão. No espetáculo daquela manhã de domingo seria apresentada a Bachiana Brasileira nº 4.

No folheto do espetáculo podia-se ler que o teatro fora encomendado por Francisco de Rego Barros, mais conhecido como conde da Boa Vista. A primeira construção do teatro realizada entre 1841 e 1850 pelo engenheiro francês, recém-formado, trazido de Paris, Louis Léger Vauthier. Em 1869 ocorreu o grande incêndio, e as obras de recuperação só foram iniciadas por causa do incentivo financeiro do imperador D. Pedro II – em homenagem, o lugar recebeu o nome da princesa que no futuro promulgaria a Lei Áurea.

Aquele dia era o aniversário de vinte e cinco anos de Débora.

A formatura de Débora em maestrina pelo Conservatório Pernambucano de Música.

Naquele dia, Débora e Cecília e Beatriz e Arabella, as quatro irmãs, ainda esperavam reencontrar o pai.

*

Arabella veio do Rio de Janeiro para a apresentação. Dali da plateia não imaginavam tudo o que se passava pela cabeça de Débora, tudo o que vibrava no corpo da irmã caçula – as três irmãs, a mãe e os avós. Colocar-se no lugar do outro requer humildade, requer simplicidade, saber não julgar. E requer cumplicidade, o que Arabella possuía com a irmã sete anos mais nova, talvez mais do que com ninguém. Por isso ela pode, nessa quinta hora de voo, colocar-se perfeitamente no lugar de Débora – e talvez esse seja o motivo para estar escrevendo esse longo, longo diário no avião.

Um dos violoncelistas não parava de olhar para Débora. E balançava a cabeça, e mexia o corpo inteiro em direção daquela música, na cadência daquela música, como se ligados por um fio condutor.

Eram amantes, aqueles músicos, aqueles instrumentos, e a irmã caçula conduzindo a todos. Mas o que Arabella não sabia – porque não se pode habitar completamente a mente, o corpo alheio, por maior que seja a cumplicidade entre dois seres – era que naquele instante da apresentação da Bachiana Brasileira nº 4, de Heitor Villa-Lobos, pela maestrina Débora Fantini, ela havia esquecido quase três compassos inteiros por causa da possível presença do pai.

*

Arabella se arrepende de ter recolhido a mão que dera a Marcelo há alguns segundos. E a conexão parece estar perdida, feito a conexão com os amores perdidos. Feito se perdeu a conexão com o pai. Como se nunca tivesse conhecido essas pessoas, ou como se não estivesse ali.

Porque a vertigem que sentiu no apartamento quarto-sala-cozinha do centro de Porto Alegre, o frio subindo pelos pés descalços, do piso de madeira preta com listas brancas, ou piso de madeira branco com listas pretas, a vertigem se anuncia nas mãos geladas após a turbulência do avião, após soltar a mão esquerda de Marcelo, e nunca mais saber o que se passa no pensamento do rapaz, se é possível entrar no corpo do outro e adivinhar o pensamento, e perceber que ele é feito da mesma matéria bruta, e que ele

também possui cicatrizes, e que está para se encontrar com a ex-aluna que o convidara para aquele congresso em Lisboa, e quase destruíra a vida do professor de literatura quando anunciou aos quatro ventos que eles tiveram um caso enquanto ela ainda era menor de idade na universidade próxima ao apartamento de Arabella no centro de Porto Alegre.

*

Marcelo se vira para Arabella como se estivessem ligados por um fio. O fio de marionetes sendo movimentado nos personagens, e os personagens pensam agir sós. Ela tenta retomar o controle do personagem. Tenta retomar as rédeas da narrativa quando se aproximam da metade do voo de longas doze horas, de setecentos e vinte minutos, de quarenta e três mil e duzentos segundos de viagem, que ela perfaz para se encontrar com seu destino, que ele insiste em desviar-se do caminho. E olha para ela. Arabella espera as palavras, ela precisa que Marcelo fale primeiro, e reconheça primeiro a existência de Arabella, da mesma maneira que a irmã caçula se lembraria de quase três compassos inteiros do II Movimento da Bachiana Brasileira nº 4 se, simplesmente, tivesse visto o pai.

Hora VI

Marcelo se vira para Arabella como se estivessem ligados por um fio. Ele vê a pasta de couro sintético no colo de Arabella. Ele pergunta se pode saber do que se trata. Ela sorri.

Arabella começa a explicar para Marcelo o valor do que tem em suas mãos. Abre a pasta de couro sintético e revela as fotografias das esculturas de Fernandes Vieira, revela os esboços de esculturas. Explica a diferença das texturas, dos volumes, o porquê de umas esculturas serem feitas em mármore branco de Carrara e outras, em mármore negro belga, outras, em madeira pintada de branco, outras, em gesso.

Fernandes Vieira nasceu em Madri em 1930. Mudou-se para Paris aos vinte anos e teve contato com diversos artistas, na época em que a cidade fervilhava de jovens talentos. E Vieira era um desses talentos.

Mas nenhum artista de Paris teve maior influência em Fernandes Vieira que o escultor romeno Constantin Brancusi. Arabella narra o que leu na carta do curador renomado: o encontro dos dois artistas, o mestre e o pupilo, o pupilo que permanece cinco anos no ateliê de Brancusi, apesar de nunca ter sido sequer mencionado na biografia do escultor romeno.

Arabella se revela quando afirma trabalhar trazendo à tona talentos desconhecidos. Marcelo continua observando as fotos. Ele pergunta por que ela traz à tona talentos desconhecidos. Arabella permanece calada, lembrando o que escreveu no laptop um pouco antes da turbulência.

*

Ela conheceria a Romênia alguns anos antes. Estava no primeiro ano do Museu, quando teve um sonho em que teria recebido a incumbência de substituir a diretora, que adoecera repentinamente, em uma exposição de artistas gaúchos contemporâneos na Romênia e na República Tcheca. Primeiro, a Romênia. Arabella nunca havia viajado para tão longe. Nunca ouvira sons tão distintos, o romeno, língua desconhecida, mas na qual ela conseguiria identificar palavras em francês, italiano, espanhol e até mesmo português, porque o romeno está na base latina em que todas essas línguas se encontram.

No sonho, o aprendizado do romeno seria diferente, e parecido ao mesmo tempo com as outras línguas que Arabella conhecia tão bem. Apesar das palavras estranhas,

conseguiria compreender algumas conversas na viagem de oito horas de trem de Bucareste para Alba Iulia – local onde haveria a exposição –, fecharia os olhos na viagem de trem para tentar entender melhor o romeno, como se fosse a própria língua-mãe.

No sonho, perderia pela terceira vez a mala, e, daquele dia em diante, daquele momento em que faria a terceira reclamação de perda de bagagem, ela decidiria pela bagagem de mão, que nunca, nunca mais viajaria com uma mala que não coubesse nos compartimentos acima das poltronas do avião, não importando quantos dias fosse a viagem.

Em Alba Iulia, conheceria a Cidadela em uma hora, descobriria a história do conde Drácula na segunda hora, e com um dia já seria amiga de Sonia, professora de francês da escola municipal. Passeariam pelos parques, degustariam uma autêntica sopa romena e visitariam o mosteiro ortodoxo distante uma hora da cidade.

Mas seria durante a homenagem aos artistas contemporâneos gaúchos que Arabella descobriria por que estava em Alba Iulia, por que havia feito pós-graduação durante quase dez anos da vida, por que viajara tanto tempo para chegar até ali. Um rapaz, uns vinte anos, pararia diante da museóloga e, confundindo-a com um dos vinte artistas expostos, agradeceria pelo dia mais feliz de sua vida.

*

Ele pergunta por que ela traz à tona talentos desconhecidos. Arabella permanece calada, lembrando o que escreveu no laptop um pouco antes da turbulência. Ela não acredita em coincidências, mas Marcelo lhe fez uma pergunta, exatamente depois da turbulência, exatamente após ter escrito aquelas linhas sobre a viagem sonhada à Romênia, que talvez nunca revelasse a ninguém se a terapeuta não houvesse pedido “Escreva sobre você”; talvez nunca revelasse a ninguém se o curador renomado não houvesse lhe enviado as fotografias da obra de Fernandes Vieira, e ela não aceitasse viajar naquele voo de doze horas; talvez nunca se revelasse se ele não houvesse lhe segurado a mão na hora da turbulência e perguntado qual o seu nome e para que ela trabalha trazendo à tona talentos desconhecidos.

*

O senhor de uns sessenta anos se encaminha ao banheiro. Ele passa perto de Marcelo e Arabella e descongela o instante da pergunta sem resposta, a pergunta por que Arabella trabalha trazendo à tona talentos desconhecidos.

O senhor de sessenta e quatro anos não é dono de uma cadeia de padarias. Nem foi visitar o filho pródigo em Porto Alegre. Na verdade, é professor quase aposentado, mas, em um último sopro de ensino, foi convidado para o mesmo congresso que Marcelo em Lisboa. Os dois professores não trabalharam juntos, apesar do senhor de sessenta e quatro anos ter ensinado, durante duas décadas, Estética na mesma universidade em que Marcelo ensina.

As coincidências são aparentemente desconexas, mas, se procurarmos bem, com vagar, buscando detalhes ínfimos, descobriremos que tudo está conectado nas palavras, e que as palavras um dia se revelarão. Porque, por mais que você tenha orgulho da palavra, toda palavra se calará.

Ela não narra o sonho com o rapaz romeno. Não conta do segredo que o curador lhe revelará em Lisboa. Assume simplesmente a impossibilidade de dizer.

O senhor retorna para a poltrona. Ela sente o constrangimento diante da resposta perdida não dada a Marcelo. Ela olha para as fotografias. Procura uma saída para o mal-estar. Cresce a olhos vistos. Ele nota o mal-estar crescendo, feito um fantasma que saiu do passado de Arabella e os assombra naquele voo internacional.

*

Praga emanaria o aroma de setembro em pleno mês de maio. A exposição em que Arabella iria representando o Museu e a diretora seria somente no outro dia.

Arabella sem bagagens, Arabella em apuros, não parecia estar em apuros quando se registraria no hotel e sairia pelas ruas da cidade, como se fosse uma transeunte local. Compraria um tíquete para assistir a um quarteto de cordas naquela noite, mesmo não possuindo um vestido apropriado por causa da bagagem perdida – que trataria de comprar na rua Parizska.

Passearia pela Staré Mesto, e escutaria as badaladas das dezessete horas no Relógio Astronômico, de onde desfilariam estátuas de santos, de madeira. O Relógio Astronômico diante do Staroměstské náměstí 22, o apartamento de primeiro andar onde Kafka morou durante alguns anos. Arabella sentiria o peso do passado de Kafka em suas

mãos, feito os originais que Franz (František) Kafka entregou ao melhor amigo, o escritor e jornalista judeu Max Brod, para um dia este queimar.

*

O sonho de Arabella. Tão real que sentiu nos ossos. Que nunca mais despacharia bagagem. Que ainda sente o aroma de setembro em pleno mês de maio em Praga, o rapaz em Alba Iulia tocando o seu ombro. Como se ainda estivesse lá.

O bom do sonho é quando se despertam os cinco sentidos. Em Praga, a cidade que Arabella mais gostou de sonhar, aspira-se o jasmim, degusta-se as iguarias no restaurante do Kampa Park, sente-se a textura da toalha da mesa do restaurante com a ponta dos dedos, enxerga-se a ponte Carlos IV sobre o rio Vlatva, a ponte com suas estátuas de santos, escuta-se à noite o concerto de quatro cordas tocando Mozart, Bach e Vivaldi no Museu Nacional.

E, quando se despertam os cinco sentidos, o sonho se torna real e transborda para fora da vida, e o sonho é a vida. Arabella pode olhar agora diretamente para Marcelo e responder que trabalha trazendo à tona artistas desconhecidos, reconhecendo primeiro para quem sabe um dia ser reconhecida, responde que trabalha no Museu de Arte do Rio Grande do Sul trazendo à tona artistas desconhecidos porque um dia sonhou.

*

Os esboços de Fernandes Vieira são todos datados, feitos de grafite em papel vegetal. Arabella se empolga mostrando para Marcelo a sutileza do trabalho realizado por Fernandes Vieira, porque, com um pouco mais, os esboços se transformariam em verdadeiras pinturas a carvão. Como se Vieira tivesse colhido algo maior que a representação de uma escultura. Como se houvesse sonhado tão real que poderia tocar o corpo roliço de uma moça virgem que nunca havia sido tocado. Vieira se encontraria nu e só com o corpo da jovem a se tornar arte, a se encarnar gente, e ele sentiria o aroma de jasmim, e degustaria o sal da pele, quando tocasse com os lábios o ombro despido da virgem. Arabella mostrando para Marcelo o que Fernandes Vieira, a todo custo, com todo empenho, tentou transportar para o papel vegetal.

*

Marcelo poderia ver nos esboços Fernandes Vieira e a musa, Arabella e os artistas desconhecidos, os personagens se levantando do papel, elevando-se à frente de Marcelo, como se não houvessem mais fios de marionetes a conduzi-los da segunda metade da história para o final.

Hora VII

Marcelo também possui um livro em suas mãos. Está relendo *Os irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski. Arabella leu ano passado, porque não teve coragem de ler antes. Arabella e as três irmãs. Aliócha e os três irmãos. Um pai desaparecido. Um pai assassinado. E Arabella não conseguia abrir a primeira página do grosso livro de capa dura da biblioteca do avô.

E resolveu trancar na gaveta para sempre *O vaso*. Arabella digita no diário imaginário o título em itálico do único texto ficcional que escreveu na vida. Digita o título em itálico, mas não pretende publicar. Não pretende mostrar para ninguém. É literatura ruim, digita, nem sei se é literatura. E depois de ter conseguido ler *Os irmãos*, apesar de suas três irmãs, apesar do pai desaparecido, quando terminou de ler o que considera a obra-prima de Dostoiévski, resolveu engavetar para sempre *O vaso*, e deixá-lo no esquecimento.

O esboço é muitas vezes deixado no esquecimento. Mas Delacroix conserva os seus esboços, como exemplo, o da “Batalha de Taillebourg” e o da “Caça aos Leões”; Arabella conserva na gaveta do móvel de madeira escura, sólida, do apartamento quarto-sala-cozinha no centro de Porto Alegre, para, quem sabe um dia, o manuscrito vir à tona, e ser lida a história de Joshua, que era cego, surdo e mudo. O problema da história é a verossimilhança. Porque tudo pode ser escrito, mas precisa ter função. Estamos no ano 30, na Palestina. Joshua faz vasos de barro. Aprendeu com a mãe. Os vasos são levados para Canaã, lá acontecerá uma festa. Uma festa de casamento. Chegam os convidados. Uma mulher e o filho. Ela percebe que acabou o vinho. Ela é muito amiga dos noivos. Ela pede ao filho que os ajude. O filho diz que ainda não é a hora. Ela insiste. Chama os servos. Ordena que o obedeçam. Ele manda que encham os vasos de água até a boca. Os servos obedecem. A mãe de Joshua assiste à cena do outro lado do pátio, e vê a água tornar-se vinho, um vinho bom – o primeiro milagre. A mãe de Joshua corre para trazê-lo, mas Joshua já está bem próximo do local da festa, ele vem pela intuição. O segundo milagre acontece quando Joshua, que era cego, surdo e mudo, vê Jesus.

A ideia de *O vaso* surgiu com Arabella ainda pequena, com o pai ainda presente, Arabella ainda enxergando as cores e escutando as risadas das irmãs com o pai em um dia de domingo. E era um domingo bom.

Eles iriam à missa na capelinha da Jaqueira e depois passeariam no parque de mesmo nome. A capela de Nossa Senhora da Conceição era o nome originário, e fora construída pelo capitão Henrique Martins, no início do século XVIII. Conta-se que Martins, muito devoto de Nossa Senhora da Conceição, ao ser acometido por erisipela, pede à Virgem que lhe conceda novamente a saúde, e, em gratidão, manda pintar um ex-voto, em que ele se encontra deitado, coberto por uma colcha de ramagens vermelhas e azuis, cercado pelo médico e pela esposa, e a visão da Virgem na cabeceira da cama.

Aquela imagem a assustava. E passou muito tempo pensando na gravura, mesmo com o sol brilhante daquele domingo veranil, mesmo com o aroma das flores, e jaqueiras, e o sabor dos bolinhos de broa que um rapaz vendia, mesmo com a sede que os bolinhos de broa provocavam; ela e as irmãs beberam com avidez várias garrafas de fanta uva, e era bom de beber fanta uva depois de comer os bolinhos de broa, a língua estalava e podia sentir o céu da boca se abrir. Teria visto estrelinhas no céu da boca?

Ela não consegue capturar essa imagem colorida daquela época em que ainda eram felizes e passeavam no parque da Jaqueira, depois da missa na capelinha, passeavam sem compromisso, sem medos nem culpas, passeavam livremente no parque da Jaqueira, ela, as irmãs, a mãe e o pai.

*

Às vezes pensa que a imagem desse dia nunca existiu, ou, se existiu, estava em um vaso no qual a mãe guardava bolinhos de broa que trazia da feira. O vaso era feito de barro, e guardado com mistério, cuidadosamente, na segunda prateleira da cozinha.

Com o tempo, o vaso foi escurecendo nas laterais, talvez por causa do calor que subia do fogão, onde Maria Lúcia cozinhava as iguarias. E eram doces as iguarias de Maria Lúcia. E era o doce de leite embolado que Arabella gostava mais. A ambrosia. E comia com cubinhos de queijo de coalho na cozinha da casa em que moravam no bairro de Boa Viagem, que, no passado, era cidade praieira onde as famílias iam veraneiar.

Arabella ficava imaginando se o vaso ainda continha bolinhos de broa, ou se Ária guardava ali algum segredo.

Numa noite de lua nova, quando tudo era escuro ao redor, Arabella foi, na pontinha dos dedos dos pés, para a cozinha, pegou uma cadeira, subiu, e, quando estava com o vaso nas mãos, Maria Lúcia apareceu, sonolenta, para pegar um copo d'água na geladeira.

*

A ideia de *O vaso* surgiu com Arabella pequena, com o pai ainda presente, Arabella ainda enxergando as cores e escutando as risadas das irmãs junto ao pai em um dia de domingo. E era um domingo bom.

E foram tantos bolinhos de broa se espalhando no chão, e todos na casa acordando e indo à cozinha, e Maria Lúcia, lívida, gelada, tremendo o corpo inteiro por causa do grito que Ária deu quando viu os cacos do vaso de barro espalhados pelo chão da cozinha, e Arabella nunca soube, nunca saberá o que mais continha no vaso, e não conseguia mais capturar as cores daquele domingo no parque da Jaqueira, porque as cores do parque da Jaqueira fugiram quando o vaso escapuliu de suas mãos.

Por isso escreveu em Recife a primeira versão do texto que nem considera literatura. Por isso, na aula de redação, a professora mandou escrever sobre algo que marcou profundamente a vida. Que usasse todos os sentidos para que ficasse mais real. E Arabella retirou todos os sentidos de Joshua, deixou-lhe apenas o tato, para que ele recuperasse o vaso que um dia ela mesma quebrou, o vaso que poderia conter toda a explicação de sua vida, e por que o pai anos depois fugiu de casa, e por que Otávio nunca deu notícias do lugar para onde se mudou, e por que ela nunca mostraria para alguém aquele texto que considerava literatura ruim, nem considerava literatura.

*

Se Marcelo e Arabella conversassem agora, ela saberia do caso de paixão entre ele e a ex-aluna; saberia da quase demissão do professor da universidade próxima ao apartamento de Arabella no centro de Porto Alegre; veria a dúvida de Marcelo se estaria tomando um caminho bom.

Ela saberia que ele era o filho mais velho de dois irmãos. Sempre buscou a perfeição nos atos, e estudos, e trabalhos. Nunca chegava atrasado aos compromissos.

Nunca marcava com alguém quando havia a mínima possibilidade de não comparecer. Mas havia algo na ex-aluna Ana Clara que o transportava a um tempo de juventude, a uma época em que pôde se libertar da posição sombria e opressora de ser o filho mais velho.

Ele não teve muitos amigos. Gostava dos livros por natureza, e os livros o ensinavam a viver. Passou no vestibular de psicologia para tentar se entender melhor. Mas não conseguia se encontrar em Freud, nem Lacan, ou Winnicott, Melanie Klein. O que chegou mais perto, o que o aproximou da verdadeira vocação foi *A arte de amar*, de Erich Fromm.

Quando leu *A arte de amar* pela primeira vez, Marcelo descobriu que o amor é uma arte, e que é difícil de encontrar. Procurou com as colegas do curso de psicologia, com as moças da sinagoga que frequentava com os pais e o irmão mais novo, e pensou que estava no caminho errado. Mas Marcelo insistiu em desviar-se do caminho certo quando viu Ana Clara pela primeira vez.

Ana Clara usava uma calça jeans apertada no frio de Porto Alegre. Usava batom vermelho e a pele bem clarinha por baixo do moletom de algodão, que retirava devagar e ficava de camiseta, todo início da aula de Literatura Brasileira na universidade próxima ao apartamento de Arabella. A ex-aluna sentava na primeira fila na aula de Literatura Brasileira, e, quando estavam estudando o parnasianismo no Brasil, chegou atrasada, retirou lentamente o moletom de algodão e ficou de camiseta, e dava para ver o sutiã de renda sobre a pele bem clarinha. E Marcelo passou a língua sobre os lábios enquanto escrevia no quadro de giz, de costas para a turma. E pediu licença à turma para ir ao banheiro.

*

A mãe de Marcelo notaria a diferença no filho naqueles dias. A pele morena clarearia até um tom de náusea. Os ossos do rosto ficariam mais proeminentes. Emagrecendo. Perdendo as aulas. Chegando atrasado à universidade. Se Marcelo e Arabella conversassem agora, ela veria o estado físico que ele ficou durante o caso de amor com Ana Clara, a ex-aluna perigosa.

Arabella saberia que Marcelo insiste em desviar-se do caminho certo. Que ele se lembra da viagem para Gramado, ele subindo a estrada com o irmão mais novo. Eles vão a uma festa de boas-vindas dos colegas do irmão mais novo, o melhor amigo de Marcelo, que o retirava dos livros para ir ver a vida, arrancava-o dos sonhos para viver o mundo.

Arabella os veria subindo para Gramado pela Rota Romântica. O irmão pede que abra a janela do carro para que os dois aspirem o ar frio em seus pulmões. Marcelo sorri. Não, Marcelo ri. E ri de um jeito sincero, o irmão pensa. E pensa de um jeito aberto, Marcelo ri. E Otávio grita com o carro derrapando na estrada para se desviar de um caminhão.

*

Se Otávio tivesse sobrevivido ao acidente, talvez Marcelo não estivesse ali conversando com Arabella sobre as esculturas de Fernandes Vieira, talvez não estivesse insistindo em desviar-se do caminho certo, talvez Otávio tivesse procurado Arabella assim que chegaram de mudança em Porto Alegre, e ela não tivesse se sentido tão só, e ele percebesse que o desvio do caminho errado fosse exatamente aquele voo de doze horas, e conhecer a museóloga que não era tão mais nova do que ele assim, e que não era tão aluna dele assim, e que pudessem conversar sobre o trivial, sobre qualquer coisa, até mesmo sobre o diário que ela estava escrevendo no laptop, porque não é o mais importante agora, porque esse não é o perigo.

Hora VIII

O grande “se” não existe, ela dizia antes, ela compreende agora. Se Marcelo e Arabella conversassem agora, Arabella saberia do caso de paixão entre Marcelo e Ana Clara; saberia da quase demissão de Marcelo na universidade; saberia da dúvida de Marcelo se estaria tomando um caminho bom.

Então é na conversa que tudo deve se revelar. Eles começam a conversar de maneira mais amena, e perguntam o trivial. Marcelo diz o nome e o sobrenome, e Arabella descobre que ele é o irmão mais velho de Otávio, que, sem querer, a fez derrubar a garrafa de coca-cola no chão do pátio da escola e passaram os últimos meses de quando ele estava em Recife conversando sobre tudo, porque ela queria saber.

Ela não acredita em coincidências, mas elas se revelam ali, na hora VIII do voo para Lisboa; ela escuta tudo o que ele fala, porque isso é o mais importante agora, faz de conta que nada sabe, e deixa que ele fale mais, e que se revele mais, para, quem sabe, vir outra turbulência, ela segurar novamente com a mão direita a mão esquerda de Marcelo, o poder prefigurativo de quem escreve preencher a quem lê, e ele descobrir que Otávio foi o primeiro amor de Arabella.

*

A aeromoça pergunta se os dois desejam café da manhã. Eles ainda estão longe de Lisboa, faltam quase cinco horas para chegarem a Lisboa, mas a aeromoça quer se organizar. A pergunta da aeromoça faz Arabella e Marcelo olharem ao redor, e tudo ao redor é silêncio e escuridão. Os outros duzentos e trinta e cinco passageiros, a moça com o bebê de colo, o senhor baixo e um pouco gordo dormem. Quase todos dormem no avião, ou parecem dormir, mas não eles dois.

Ela faz de conta que nada sabe. De que ele é irmão do primeiro amor. De que a conversa está cada vez mais interessante. Ela pergunta se ele conhece Lisboa. Ele responde que não. Que foi uma vez, rapidamente, mas não considera aquilo como conhecer.

Para se conhecer uma cidade é preciso andar a pé. Andar tanto a pé que se gasta a sola do sapato, termina-se o dia como se não tivesse pés. Em Lisboa, visita-se no Chiado a Livraria Bertrand – a livraria mais antiga do mundo.

Descobre-se que a Livraria Bertrand foi fundada por Pedro Faures em 1732, na rua Direita do Loreto. Em 1755, por causa do grande terremoto, o genro de Faures, Pierre Bertrand, instalou-se ao lado da Capela Nossa Senhora das Necessidades. Em 1773, a Bertrand retornou à região do atual Chiado.

E visita-se a Livraria Bertrand, e deixa-se fluir pela presença, em outros tempos, de Eça de Queiroz, e Alexandre Herculano, e Fernando Pessoa. E imagina-se conversando com eles, participando com eles de suas tertúlias e conversas sem fim sobre literatura e poesia.

E segue-se para a Fundação Calouste Gulbenkian, Calouste Sarkis Gulbenkian, que nasceu em Scutari (hoje Üsküdar), Istambul. Homem de negócios e colecionador de inúmeras obras de arte, Gulbenkian viveu os últimos anos em Lisboa, e, em testamento, deixou o legado para toda a humanidade criando a fundação com o seu nome na avenida de Berna.

E compra-se na livraria da Fundação o livro *O museu imaginário*, de André Malraux.

Em *O museu imaginário*, Arabella descobre pela primeira vez o valor do esboço. No esboço de André Malraux ela se identifica, pois não é preciso as cores para se experimentar a sinestesia quando admiramos um esboço. Que mostra uma possibilidade, uma continuidade do pensamento do artista, como se o captássemos em movimento.

E ela convidaria Marcelo a visitar a Fundação Calouste Gulbenkian, a passear por seus jardins, suas árvores longas – os ciprestes –, compridas feito as árvores da Toscana, feito as árvores da Itália que ela ainda não visitou. Feito uma possibilidade. Eles passeariam pelos jardins da Fundação até encontrarem uma exposição da artista plástica belga Ana Torfs chamada “Echolalia”. A exposição trataria de folhas de árvores em diversos formatos, em diversos tons que Arabella poderia imaginar, pois aquele seria um sonho bom, um sonho vivido pelos dois personagens que não conseguem dormir, que não conseguem permanecer acordados, que transitam no limbo entre a vigília e o sono, e se conhecem cada vez mais durante o longo voo daquele silencioso avião.

*

A conversa entabulada na viagem de avião deveria pertencer ao presente, e não fugir do presente, por nada que aconteça. Eles entendem esse princípio, e, apesar de estarem quase na terceira parte do voo, eles entendem que precisam observar o presente, deterem-se no presente sem projetar o futuro, sem retornar ao passado.

Arabella aguça a percepção. Para que a escrita flua e transfira do real para a palavra o estado de espírito, é preciso se afastar de si, proteger-se de si. E nada melhor do que a tela do laptop, como se fosse uma quarta parede do teatro, e a catarse se fazer de maneira livre e fluida. Na peça de teatro, podemos viver os personagens sem nos colocar em perigo. A tela do laptop nos protege da relação com o rapaz ao lado, com o presente ao lado, em frente, atrás, em todas as direções.

*

A bateria do laptop anuncia que vai acabar, e a história nem chegou ao centro, nem chegou ao ponto de alteração da personagem. O que se deve fazer para aumentar a tensão? O que fazer para preencher o tempo com significado, a tela com uma história que está acontecendo no exato instante em que está sendo digitada?

Arabella se pergunta e não sabe se chegou ao fim da narrativa, simplesmente porque não consegue estender o tempo útil da bateria do laptop, se pode alongar o tempo para além do instante presente, para fora do tempo quando poderá sair de si, sair do espaço onde se encontra, e poder se observar com a neutralidade de uma espectadora, como se fosse outra pessoa que escrevesse a própria história e não fosse piegas, e não caísse na autocomiseração.

O tempo permanece parado, a tela do laptop permanece desligada por causa da bateria fraca. O comissário de bordo tenta ajudar Arabella, Marcelo tenta ajudar Arabella a encontrar uma saída para a falta de bateria, para a falta de energia, e poder continuar a escrever a sua história. Ela ri da situação porque a história continua mesmo com a falta de bateria, o mundo continua mesmo se não escrever uma história, mesmo se não escrever mais nada para o resto da vida. O voo continua. Marcelo continua. Ela própria continua.

Porque a vida continua até se faltarem palavras, porque no princípio era o silêncio, e o silêncio o eterno é.

*

*

*

Eles não sabem o tempo daquele silêncio. Sabe-se apenas que Arabella volta agora a falar. Ela escreve algumas palavras como se inaugurasse uma nova parte da história, como se algo mudasse e ainda não sabe explicar.

Nota-se a mudança de tom. Nota-se que os olhares entre os dois personagens estão mais cúmplices, mais companheiros. Eles não precisam das palavras para se comunicar, para transferir um ao outro o sentimento. Não há diálogos nem travessões, e eles não precisam da linguagem para manter o enredo. Porque existem outros sinais que podem ser usados para se transmitir um sentimento:

Um roçar de mãos. O piscar de olhos. Morder os lábios. Sorrir enviesado. Beber o vinho devagar. Passar os dedos entre os cabelos. Deixar o livro de lado por um instante. Comer devagar um pedaço de figo. Desligar a luz para não incomodar o outro. Fechar a persiana da janela do avião para o nascer do sol não acordar o vizinho. Contar uma vida inteira na pureza de um gesto. Terminar de sonhar acordado. Dormir de olhos abertos. Viver um amor em doze horas.

Hora IX

Não percebem que estão dormindo. Ela não se chama Arabella, nem ele Marcelo. Mas isso não importa agora. O que importa é que estão juntos em outra vida. Uma vida que pode muito bem ser real.

Eles, casados. Eles, pais de três filhos. Dois meninos e uma menina. Eles, em Ilhéus, na Bahia. Uma cidade pequena, pequena feito a família. Só contam um com o outro. Ela, analista de sistemas. Ele, administrador de empresas.

Passeiam aos domingos em Itabuna, uma cidade vizinha a Ilhéus. No caminho, vendem-se jacas, fruta viscosa, mas que tem um gosto bom. Ela pede que ele pare. Ele para e o vendedor debulha a jaca, eles comem no caminho.

As crianças têm dez, seis e quatro anos. A menina é a do meio. Ela cuida do irmão mais novo, como se ele fosse um boneco, um boneco de porcelana, tão delicado ele é.

A mãe gosta de ser mãe. Gosta de exercer aquele ofício, que muitas vezes dá tanto trabalho que pensa em desistir. Mas o pai vem e acalma: os filhos vão crescer e dar outros trabalhos, mas os pais vão estar juntos, um segurando a mão do outro.

E tudo valendo a pena. As noites maldormidas, as febres, doenças de criança, brigas na escola, a primeira ida à emergência do hospital, por causa do queixo cortado da filha do meio. O primeiro tudo dói.

Mas o segundo tudo ensina que vale a pena, e o casal de pais continua, eles perseveram, mesmo não acreditando se vai dar certo, mesmo sem saber onde vão parar.

Eles, de volta a Recife. Ele se envolve com uma amiga do casal. Ela pensa em separação. Ela não suporta ser traída, porque lembra seu pai. Ele pede desculpas. Ela silencia. Passam alguns dias separados, e os filhos não entendem, porque não veem a briga dos pais. Pensam que o pai viajou por alguns dias, e que logo vai voltar. O pai mora em um flat próximo, e vê os filhos todos os dias, e passeia com os filhos nos fins de semana.

Ele pede desculpas. Ela ainda não entende por que ele a traiu com a amiga do casal. Mas isso não importa agora. O que importa é que está atrasada para o encontro mais importante da vida. O encontro com o pai de seus filhos, aquele com quem vive há mais de dez anos, e há mais de dez anos constroem uma vida inteira juntos.

Ele não sabe o que pensar com o atraso da mãe de seus filhos. Ele não sabe o que falar, não sabe o que fazer para mudar o presente para sempre. Haveria como reverter o passado, modificar o futuro, apenas com um simples gesto do agora?

Para eles isso importa agora. O semáforo abrir. Ela encontrar vaga no estacionamento. Ele não se levantar da mesa do restaurante achando que ela não vai lhe perdoar. Ela chegando quando ele está na porta do restaurante. Ela olhando-o, direto, nos olhos, atravessando os olhos para a tela do filme de suas vidas. Eles juntos, os filhos grandes – os pais não conseguem parar de chorar:

A primeira viagem do filho mais velho. O primeiro namoro da filha do meio. O primeiro show do filho mais novo. A formatura do filho mais velho. A exposição de pinturas da filha do meio. A carreira de músico do filho mais novo. O casamento do filho mais velho. Os relacionamentos da filha do meio. A companheira do filho mais novo.

*

Eles não conseguem parar de chorar e o filme não para de passar na tela por trás dos olhos do casal, por trás dos olhos dos pais dos dois filhos e de uma filha do meio. Eles não conseguem parar de pensar em tudo o que estão desperdiçando, em tudo o que estão jogando fora porque ele se envolve com uma amiga do casal, porque ela pensa em separação. Ele silencia. Ela não para de falar. As palavras, desconexas. O silêncio, assustador. Mas isso não importa mais agora, isso não interessa mais para o casal, não interessa para ele, não interessa para ela, não interessa para esta história, porque, lentamente, suavemente, como se não quisesse atrapalhar, uma moça lentamente atravessa o corredor, a aeromoça suavemente acorda Marcelo e Arabella e pede que afivelem o cinto de segurança por causa de uma nova turbulência que se aproxima.

*

Tudo parece novo agora. Eles parecem outros agora. Talvez por causa do sonho bom. Talvez por viverem uma outra vida por uns minutos, minutos que parecem horas, dias que parecem anos, assim que eles acordam.

Arabella se apropria do nome enquanto boceja, se espreguiça, coloca o cinto de segurança ainda sonolenta, sem perceber que o perigo se aproxima e talvez nunca chegue a Lisboa, nunca descubra notícias sobre o pai – o que mais importa. Seria o que mais importa? Descobrir agora, no exato instante da nova turbulência, notícias sobre o pai? Seria o que mais importa depois de viver uma outra vida, e ser casada com o rapaz ao lado – que também se apropria do nome Marcelo, para viver uma nova turbulência?

Dessa vez, Arabella e Marcelo dão-se as mãos sem receios, porque um dia, em um sonho distante, um sonho que vai se desfazendo agora, um sonho que vai virando bruma agora, um dia eles foram um casal.

*

O tempo torna-se elástico na terceira parte de um voo internacional. O que parecem sessenta minutos, podem ser trinta, quarenta, o que justifica a variação no número de horas da história.

Os sentidos se apuram, percebemos sons, cheiros, a saliva se espessa, o sangue torna-se mais grosso.

As batidas do coração mudam o ritmo para acolher esse período de entrega.

O que seria dez horas e meia em um voo de Porto Alegre para Lisboa, estende-se, alarga-se para doze horas de avião.

Arabella sente o medo da morte naquela nova turbulência, sente o medo de não cumprir a missão e descobrir notícias sobre o pai, e resgatar a obra de Fernandes Vieira, e conhecer mais sobre a vida de Marcelo Bergson ao lado.

O tempo elástico antecipa as horas de pouso, e Arabella quase está tocando o curador renomado, e quase está perguntando sobre o pai desaparecido há trinta e dois anos, quase pode saber que foi em vão aquela espera, que não importa agora se o pai fugiu do país e constituiu família no exterior feito o personagem de *Não matem as flores*; que não importa agora se o pai se arrependeu, mas não teve a coragem de aparecer no hospital por sentir-se culpado em provocar a acromatopsia da filha mais velha, ficou morando no país, mas acompanhando a vida das quatro filhas a distância; que não importa agora se a

mãe falava mal sobre o pai, alienava o pai repetindo sempre a mesma história, de que ele cancelou a vida profissional da esposa, de que ele abandonou as filhas e ela teve de criá-las só.

Não importa agora se Marcelo não vai se encontrar com Ana Clara, e não vai reviver o caso de amor com Ana Clara, como se relesse um clássico. Na releitura do clássico, carregam-se outras bagagens, se conhecem outras paisagens que fariam Marcelo enxergar com outros olhos, sentir com outra pele, a pele diferente tocando agora a mão de Arabella Fantini ao lado.

Marcelo parecendo enxergar o que se passa na cabeça de Arabella. Ele parecendo enxergar todas as possibilidades da moça ao lado apenas pelo tocar das mãos, apenas por segurarem firme, apertarem firmemente a mão um do outro, e os dois trocando histórias um com o outro, sem ao menos precisarem trocar palavras. As palavras desnecessárias naquele momento de pânico, naquele instante do medo da morte, em que o filme um do outro passa na tela por trás dos olhos, e eles se enxergando ali:

Arabella e o encontro com o curador renomado e cada possibilidade elencada um pouco antes. Marcelo e o encontro pacificador com Ana Clara desfazendo o nó de muito tempo atrás. Os passeios que agora Arabella e Marcelo desejariam retirar dos sonhos e transformar em realidade – o Chiado, a Livraria Bertrand, a Fundação Calouste Gulbenkian... A vida e seus possíveis, feito a História menor do que a Poesia de Aristóteles; feito tudo ser composto pelos átomos infinitos de Epicuro; a prefiguração nos profetas do preenchimento máximo na figura do Cristo dos Primeiros Padres; o que é pois o tempo que só pode ser medido na alma distendida de Agostinho de Hipona; as diferentes velocidades do tempo no espaço relativo de Albert Einstein; a importância do observador na Física Quântica de Fritjof Capra...

*

...escutar o comandante repetindo os procedimentos de emergência, mas dessa vez é real. Arabella lembra-se de colocar a máscara de oxigênio em si antes de colocar no outro, antes de amar o outro como a si mesma.

As frases são pontuais. Segue-se à risca os procedimentos. Não se pergunta o porquê. Apenas se acredita. O comandante é deus. Ele manda naquelas vidas. Ele decide se os duzentos e trinta e sete passageiros do avião vivem, se morrem. Arabella lembra-se de todas as viagens de avião. E da espera nos portões de embarque com crianças chorando.

E de aeromoças e comissários de bordo que já conhecem Arabella de tanto vê-la entrando e saindo dos aviões. E bagagens de mão que Arabella deve colocar nos compartimentos acima da poltrona para não ter de despachar e perder malas maiores. E dos taxistas que a levam do aeroporto para o flat no centro de Porto Alegre. E dos recepcionistas que a ajudam com a bagagem de mão. E do garçom do restaurante do flat que tão bem a atende no café da manhã.

E dos três filhos de que Arabella – que não se chama Arabella – poderia ser mãe se ainda fosse casada com Marcelo – que não se chama Marcelo. E da carreira de escritora, o mestrado em Teoria da Literatura, o doutorado em Escrita Criativa que não poderia ter seguido se ainda fosse casada com Marcelo – que não se chama Marcelo.

E Marcelo enxergando tudo isso na tela por trás dos olhos, enxergando todas as possibilidades da vida de Arabella, mas ainda segurando-lhe a mão.

Hora X

Ainda falta pouco, mas parece o tempo inteiro. O tempo congelado na turbulência do avião, nas máscaras de oxigênio dos passageiros, nas vidas secretas dos passageiros, feito um Museu de Gavetas com as gavetas todas expostas, e não existem mais segredos, e não há mais vidas secretas, porque isso não importa mais.

O que importa é sair da turbulência vivos, o que interessa é sair do avião vivos, feito Charles Duhamel do best-seller de Arabella. E não importa se é best-seller de J. M. Simmel, se é um clássico de Fiódor Dostoiévski. No voo turbulento todos são iguais. Porque vão todos para o chão. E a queda de Ícaro servirá para todos. O bebê. A mãe modelo. Os professores. Os universitários. Os doutores em tantas línguas. O piloto de avião. A aeromoça que deixa o noivo à espera. O comissário que não se despediu do pai enfermo. A senhora branca. O executivo negro. A moça oriental que está grávida do amigo do irmão. Ninguém sairia dali vivo. Ninguém poderia mais falar.

E as palavras seriam desnecessárias, feito o silêncio antes do Big Bang. Antes da criação do mundo, tudo era silêncio, e depois do fim do mundo, o silêncio retornará. As palavras nunca mais serão faladas, nunca mais serão usadas para uma explicação, para algum significado de Arabella e Marcelo presos um ao outro pelas mãos, as máscaras de oxigênio fazendo-os respirar, permitindo-os respirar, Arabella e Marcelo, e os outros duzentos e trinta e cinco passageiros, até tudo ficar escuro.

*

Em 1877, Fiódor Dostoiévski escreveu “O sonho de um homem ridículo – uma narrativa fantástica”. Ele narra a história de um homem que sonha estar em um país utópico, em um universo paralelo, no qual os habitantes não sabem o que é o sofrimento e a dor. Não se conhece a inveja, nem a mentira, nem a corrupção. Onde se ama sem limites, onde se é puro amor. Mas vem o homem ridículo e estraga tudo, e revela tudo o que deve e o que não deve àqueles seres imaginários, àqueles seres inocentes de um universo paralelo.

Arabella torna à consciência primeiro. Marcelo a acompanha. Parecem todos inconscientes ainda, feito os selvagens do sonho do homem ridículo. Arabella olha ao

redor e, ao redor, alguns começam a tornar à consciência. A aeromoça ainda no chão. O comissário de bordo ao lado. A senhora branca com um corte na cabeça. O executivo negro começa a se mover. A moça oriental tentando encontrar os óculos. O bebê chorando. A mãe modelo tentando acalmá-lo. O ex-professor da universidade de Marcelo, o paletó rasgado. A mão de Marcelo ainda apertando a mão de Arabella, colada à mão de Arabella.

*

O tempo inteiro pode ser dividido em pedaços e assim se provar instantes de eternidade. Arabella sente o eterno por inteiro como se acessasse uma máquina do tempo e pudesse reunir, num átimo de segundo, o passado e o futuro no presente – o passado e o futuro de toda a humanidade.

Como se conectasse a todos os passageiros do avião, e eles são os seus parceiros agora, mesmo não estando de mãos dadas feito a de Arabella com a de Marcelo ao lado.

Ela sente saudades do que não viveu, e o que viveu lhe parece tão próximo que revive os cheiros, os sabores, o tato, agudo ou suave – não importa. Nada importa no instante do suplício.

Não há ganhos no instante do suplício, só perda de amores, lembranças, esperança, alegria e dor. Não se entende mais o que é certo ou o que é errado, o porquê de uma vida toda dedicada a uma missão. Descobrir a identidade. Notícias sobre o pai. O mito pessoal. E se partisse agora, Arabella sentiria o vazio de não saber a cor que a transfigurasse, que revelasse ao mundo a essência da alma – porque o que importa é o essencial.

E o texto que escreveu durante as dez horas e meia de voo, seria um texto essencial?

*

A felicidade é um segundo antes da turbulência. É a materialidade de um sonho bom. Um sonho de pai, mãe, filhos, família. Uma família abstrata que Arabella carregou sempre em seu peito, que Marcelo acalentaria em sua mente cartesiana.

A emoção se apaga, e tudo o que eles veem são números. Quanto tempo eles têm até a queda do avião? Quanto tempo eles têm até se lembrarem de tudo, para em seguida se esquecerem de tudo, e nunca mais lembrarem cada detalhe da vida, cada sentimento?

Arabella leu Malba Tahan muito cedo, *O homem que calculava*. Mas guardou de memória a magia dos números, o sentido que Malba Tahan dava aos números, e aos números entregava toda uma vida.

Em *O homem que calculava*, Hank Tade-Maiá narra a história de Beremiz Samir, um prodigioso calculista persa. Amado por uns, odiado por outros, Beremiz tem a sua maior prova quando é interrogado por sete sábios do califa, alcançando o sucesso e a mão, em casamento, de sua ex-aluna, filha de um poeta renomado.

Arabella leu Malba Tahan muito cedo. E agora é tarde para recordar essa lembrança? É tarde para esquecer essa lembrança enquanto não acontece a queda do avião?

*

Qual o perigo de se aproximar de alguém enquanto não acontece a queda do avião? Enquanto narra a história que pode salvar-lhe a vida, tal como uma Sherazade, a moça de tez suave permite ao rapaz ao lado se aproximar dos seus cabelos. Os cabelos estão soltos, desgrenhados, assanhados por causa da turbulência do avião. A máscara de oxigênio caída há décadas de segundos, há séculos de minutos, lá atrás, no início da turbulência. Ele retira a própria máscara e segura com as duas mãos o rosto de Arabella, que não teme o perigo de se aproximar de alguém enquanto não acontece a queda. O oxigênio não faz falta naquele instante de silêncio. O oxigênio vem dos pulmões para a boca, e abre a boca, feito um gesto salva-vidas. E beijam a boca um do outro naquele instante de silêncio. E se despedem da vida, dos amores, do passado e do futuro, de quem são e de quem nunca serão. E beijam os lábios. E oxigenam o cérebro. E apagam o silêncio. Até chegarem à partícula de Deus.

*

A felicidade é um segundo antes da turbulência. E um segundo depois. Arabella lembra exatamente quando a turbulência cessa, os lábios soltam, a vida continua. A vida

continua, mas eles não são mais os mesmos. Eles não se enxergam os mesmos, e viram o rosto, e disfarçam o calor dos corpos.

Porque a vergonha toma conta dos corpos de Adão e Eva no segundo depois de morderem a maçã. Quando eles sentem que é bom. Quando eles conhecem a verdade da árvore. Mas vem Deus e chama Adão pelo nome. E Adão enrubescer. Estão nus no paraíso. Estão nus no avião. Nus de beijo e do rosto entre as mãos. Um beijo líquido, feito líquido é o tempo agora, deslizando entre as mãos. Eles perdem o instante do beijo e o instante não volta mais.

Todos retornam aos seus lugares, feito uma peça de teatro. Todos retornam a fazer o que estavam fazendo, mas sabendo que não são os mesmos de antes.

Acontece a transformação. Os personagens não são mais os mesmos. Está tudo terminado?

*

Se Arabella ainda fosse casada com Marcelo – que não se chama Marcelo – e tivesse seguido a carreira de escritora, o mestrado em Teoria da Literatura, o doutorado em Escrita Criativa, teria assistido à aula nº 7 da Oficina de Criação Literária – Narrativa – e saberia a diferença entre o romance e a novela, que se dá pela extensão maior do primeiro, mas também pelo ápice da novela acontecer no final. Quando o ápice de um texto acontece no décimo de doze capítulos, mesmo que seja no final do décimo de doze capítulos, deveria ser considerado um romance? Porque para um romance, o final não é o mais importante, e sim o durante, e sim a viagem de avião.

*

E Arabella descobriria, na página 64 de *Gesto inacabado*: processos de criação artística, Cecília Almeida Salles citando Umberto Eco em “Pós-escrito a *O nome da rosa*”, quando este afirma que, ao impor limites ao texto, potencializa-se a criação. Mas ao impor a escrita de um diário de bordo em doze horas, Arabella descobre fagulhas de si mesma que de outra maneira não descobriria. Tudo colabora para a emergência de si: estar trancada em um avião com outros duzentos e trinta e seis passageiros; sentar-se ao lado de um rapaz que é irmão do primeiro amor; não ter vergonha – apesar do calor no

rosto – em contar ao rapaz a vida inteira, escutar a vida inteira do rapaz, entregar-se por inteiro em um beijo de turbulência, mas estar protegida pela tela do computador.

Os passageiros parecem se acomodar em seus lugares, parecem tratar das feridas, consertar o paletó rasgado, apanhar o laptop, os livros que foram jogados no chão. Na aparência, tudo se normaliza, tudo se colore para quem as cores vê, para quem as cores enxerga por inteiro.

Arabella não enxerga as cores por inteiro. Mas nas fotos das esculturas de Fernandes Vieira, o branco do mármore de Carrara tem um tom mais fechado, como antes não havia percebido. O negro do mármore belga está mais claro, está mais cinza, feito cinza Arabella pudesse enxergar, feito amarelo Arabella quisesse enxergar na camisa de florzinhas que ela e as irmãs deram de presente no Dia das Mães para Ária.

E Ária vem por inteiro na tela da memória de Arabella. O tapa recebido em nome da mãe. O acidente na quina da porta de madeira do escritório do pai. A corrida para o hospital com a avó segurando-lhe o rosto ferido. O avô guiando a mãe para chegarem logo ao hospital. A sala de emergência. As cores das máscaras cirúrgicas, dos óculos do médico, da camisa de florzinhas de Ária na tela da memória de Arabella. As cores desaparecendo para sempre. Sendo para sempre. Parecendo para sempre. Até a turbulência do avião.

*

Parecendo adolescente de treze anos. Tudo ao redor é novo, transparece uma nova luz. A visão da mãe e os objetos coloridos preenchem o presente de Arabella, e só o presente importa agora, porque enxergado sob uma nova luz. As palavras negativas e a alienação parental parecem se afastar como se pertencessem a uma outra vida, como se Ária nunca as tivesse proferido, nem para Arabella, nem para as três irmãs.

E vêm à tona, imprime-se na tela do computador, as palavras positivas, a presença constante da mãe na vida da filha mais velha. Porque a mãe nunca lhe faltou. A mãe pôde ter sido em excesso, pôde falar em excesso, mas não fugiu, não se afastou das filhas nenhum segundo, tal fez o pai da filha mais velha e das três irmãs.

Arabella pode ver ao redor as cores cintilantes do presente, as formas borbulhantes do presente, feito um espumante bom. E assim, embriagada de vida, sedenta de vida e experiência, para de potencializar o sonho, para de digitar o diário no computador, de lembrar o passado, projetar o futuro, vira-se para Marcelo, segura-lhe o rosto com as mãos

e imprime-lhe um segundo beijo, aquele parecido com o que recebeu há décadas de segundos, há séculos de minutos, lá atrás, no final da turbulência.

Hora XI

Eles não conseguem falar mais nada depois do segundo beijo. Arabella disfarça e olha pela janela, disfarça e vê uma plantação de nuvens sobre o Oceano Atlântico.

É preciso cruzar novamente o Oceano Atlântico para descobrir a própria cor.

É isso!, exclama Arabella.

Em 1953, um jovem de vinte e oito anos toca a campainha da residência de um pintor consagrado em Nova York, EUA. Ele carrega uma garrafa de uísque Jack Daniels e uma proposta inusitada ao mestre do Expressionismo Abstrato: apagar uma de suas obras-primas.

A princípio, o jovem pintor americano Robert Rauschenberg temeu ouvir um “não” do mestre a quem tanto admirava, Willem de Kooning. “E esta seria a obra!”, declara Rauschenberg em uma entrevista retrospectiva de sua carreira. Para uns, o ato de apagamento era “um desafio em relação ao mestre”, ou mesmo “um gesto de protesto contra o Expressionismo Abstrato”. Para outros, um puro gesto de “vandalismo ou destruição”. Mas, e para Rauschenberg, pintor estabelecido do futuro em relação ao pintor iniciante e ousado do passado? “É Poesia...”, declara.

É isso!, continua Arabella. A relação entre o jovem pintor Robert Rauschenberg e o mestre Willem de Kooning seria o que buscava naquele longo voo de avião? Porque ela era a “letra órfã do pai ausente ou escondido do discurso” que Jacques Rancière imprimiu no seu *Políticas da escrita*. Rancière afirma em seu livro que a escrita faz vir à tona a linguagem – filha órfã do discurso –, a escrita preenche a linguagem e é por ela preenchida.

De Kooning permite ao filho Rauschenberg apagá-lo para este ter identidade própria, permite ao filho crescer, pois o pai não teme o crescimento do filho, sabe que a morte será simbólica, e o pai vai permanecer. A escrita faz vir à tona a linguagem, mesmo sabendo que a linguagem possa deixá-la no esquecimento, levá-la ao esquecimento com um silêncio assustador. Mas Delacroix conserva os esboços da “Batalha de Taillebourg” e da “Caça aos Leões”, Fernandes Vieira conserva os esboços de esculturas em mármore branco de Carrara e mármore negro belga, esboços de esculturas que Arabella, há muito tempo, esqueceu na pasta de couro sintético depois que beijou duas vezes Marcelo, esboços

de esculturas que Arabella esqueceu na pasta de couro sintético verde depois que voltou a enxergar as cores.

*

A conversa corre solta nas poltronas dos dois vizinhos que não se conheciam no início do voo, mas que parecem se conhecer desde sempre. O tempo elástico os levou lá atrás, no atávico, submergiu no atávico até entrar-lhes nos ossos. Até penetrar-lhes os ossos e a História fazer as pazes com a Poesia, não querer ser maior que a Poesia, mas também não ser inferior.

Conta-se a infância, e tem-se um homem novo, e encontra-se uma mulher nova, feito Arabella nunca se imaginou. Ela vê as possibilidades de Marcelo, enxerga as possibilidades de Marcelo, como se enxergasse as próprias possibilidades.

Um passeio em Lisboa. Uma viagem pela Europa. O retorno daqui a um ano para o Brasil. O casamento. Filhos adotados. Uma casinha à beira-mar. Portas e janelas azuis. Paredes brancas. Pequena horta com hortelã, alecrim, camomila, pimenta vermelha.

E o tempo pararia de caminhar. E eles parariam de envelhecer. Só com a alma jovem no rosto. Só com os olhos brilhando nas órbitas. As mãos enrugadas, entrelaçadas, amalgamadas, como o primeiro dia de suas vidas de casal.

*

Mas agora o que importa é o presente.

Arabella fecha os olhos. Sente com a pele a mão de Marcelo na sua; escuta a voz de Marcelo, o burburinho dos outros duzentos e trinta e cinco passageiros; aspira o aroma de seus corpos; degusta a saliva mais suave; abre os olhos e enxerga o presente. Apenas o presente.

O presente que é eternidade em um segundo, num átimo de segundo, o passado e o futuro no presente – o passado e o futuro de toda a humanidade.

Como se nada tivesse acontecido, a turbulência, o instante de suplício, o segundo beijo. A aeromoça pergunta o que desejam para o café da manhã. Como se tudo tivesse

acontecido em outra vida, com outras pessoas que não são eles. Mas aconteceu. Com Arabella e Marcelo de antes da turbulência.

*

E o que acontecerá no futuro?

O futuro parece insistir. O futuro parece existir desde os tempos imemoriais:

Aterrizar em Lisboa com uma hora e meia de atraso por causa da turbulência, porque, no horário previsto para o pouso da aeronave, o portão de desembarque está ocupado com outro avião.

Sobrevoar Lisboa, fazendo uma curva à direita, passando por cima de Alverca do Ribatejo e quase ver as ruas arborizadas da “cidade verde”; e sobrevoar Santarém, que é sede do distrito de Santarém, e os seus habitantes chamados de “escalabitanos” ou “santarenos”; para quase enxergar uma cidade bem pequena, que nem sempre aparece nos mapas, chamada Abrantes.

E em Abrantes a avó materna de Arabella casou-se com Graco, um jovem “escalabitano” ou “santareno” que conheceu em uma festa de Santo Antônio a que as duas famílias foram em Alverca do Ribatejo, a “cidade verde”.

*

Na hora XI, Arabella se recolhe para pensar no que fazer, para pensar no que dizer a Marcelo, ao curador renomado que até agora não nomeou. Por que até agora não nomeou o curador que irá desvendar um segredo do passado?

Olha para a tela do laptop. Nota a diferença do início da viagem, porque caminhou bastante, milhares de quilômetros, milhares de palavras. Mas nota também a semelhança quando as palavras não aparecem mais na página em branco, no piscar do cursor.

E o cursor é o tempo mesmo, é o presente do presente, invadido pelo presente do passado, antecipando o presente do futuro, na tela do laptop.

*

Um dos autores de cabeceira de Arabella é Santo Agostinho de Hipona. Em 397 d.C., Agostinho resolve escrever sua obra mais conhecida: *Confissões*.

Nela investiga a origem do tempo, “o que é, pois, o tempo?”, e propõe uma metáfora. Propõe que se cante um cântico antigo, como se fosse um cântico novo. Mas no antigo sabe-se as notas de cor. Sabe-se qual nota vem depois da que se profere agora, e a que se profere agora já não existe mais. Faz parte do passado. E aquela que se sabe que vem depois ainda não existe agora. Faz parte do futuro.

O presente do presente de Agostinho insiste, persiste, no piscar do cursor.

*

O café da manhã é servido. Frutas, grãos, chá. Geleia e torrada integral. Arabella sai do casulo, abre-se ao mundo e ao rapaz ao lado. Prepara-se para continuar.

Porque o contínuo é o mais difícil de uma vida inteira. Passa-se uma vida inteira para se perceber que é no contínuo que se encontra a essência. A escrita vindo à tona na tela de um computador, ou no papel de caderneta, ou no esboço em papel vegetal. A escrita é a própria essência.

Arabella toma coragem, busca coragem lá nos tempos imemoriais, quando a avó Isabel se casa com o avô Graco em uma igreja de Abrantes; e a mãe Ária conhece o pai Cláudio e se apaixonam; e Arabella desata os nós da família, mesmo permanecendo no presente; e concentrada no presente profere a pergunta essencial:

Você quer jantar comigo hoje à noite em Lisboa, Marcelo?

*

Lucy é uma jovem inglesa, de família aristocrática, que não deseja ser controlada por ninguém. Ela viaja com a prima Charlotte para Florença e lá conhece George, um jovem inglês, de família liberal. Eles conversam durante a viagem. Eles se apaixonam durante a viagem, mesmo sem se conhecerem tão bem. Eles devem voltar a seus mundos

comuns, às suas vidas anteriores, apesar de não serem mais anteriores, de haverem se transformado, para melhor ou para pior.

Uma janela para o amor passa na tela da modelo com o bebê de seis meses. Passa na frente de Arabella que o assiste apesar de não o assistir. Apesar de não permitir o divertimento entrar pelos olhos, rodopiar em sua cabeça e fazê-la relaxar depois da pergunta essencial.

*

Marcelo possui algumas alternativas para a pergunta essencial:

- a) Sim, será um grande prazer, Arabella!;
- b) Sim, podemos marcar. Qual é seu telefone?;
- c) Infelizmente não, tenho um compromisso hoje;
- d) Talvez. Você está em que hotel?;
- e) Nenhuma das alternativas anteriores.

Mas o silêncio persiste como se acompanhando o piscar do cursor do laptop de Arabella. Arabella perguntou? Não. Arabella proferiu a pergunta essencial? Ainda não. Ela aguarda que o primeiro passo seja dele, que o movimento seja dele, para então se movimentar. Mas o primeiro passo é o mais difícil, “o primeiro passo é mover a si mesmo”, assim afirma Platão.

E assim, com o coração pulsando mais rápido que o cursor, com o tempo correndo mais rápido que o avião, Arabella profere a pergunta na vida real:

Você quer jantar comigo hoje à noite em Lisboa, Marcelo?

*

Marcelo parece assustado com a pergunta essencial, parece desconcertado com a pergunta essencial, como se investigasse os sentimentos. Investigasse o primeiro beijo em Arabella, se foi bom. Se o segundo beijo foi bom apesar de ter sido roubado por Arabella.

E conta para Arabella a história com Ana Clara. O encontro com Ana Clara, já não o viveria mais? Ele pergunta para Arabella e se pergunta se algum dia o viveu. Se não sofreu o suficiente para uma vida. E conta para Arabella a morte do irmão. A culpa a si mesmo impingida. O caso com a aluna quinze anos mais nova. A quase demissão. A universidade inteira a olhá-lo de lado, a julgá-lo, como se não fosse possível apaixonar-se por quem não se deve, não se quer, não se espera o sentimento arrebatador, que o deixa dias sem dormir, falta o apetite assim como o sono, falta energia para da cama se levantar, porque se lembra de outro trauma pelo qual Marcelo deseja ser julgado, e não importa ser condenado, pois não trará de volta, nunca, jamais, o irmão.

Hora XII

Quando sai de si, Arabella se torna livre. Como se fosse uma simples flor.

Ela cria coragem e profere a pergunta da vida real. Dá o primeiro passo e desata o nó de Ária e Cláudio, recupera o amor de Isabel e Graco.

E quando se reconcilia no presente, Arabella pode sair de si e ajudar o outro, e entender o outro nos mínimos detalhes.

Marcelo se envolveu com Ana Clara há muitos anos, quando começou a lecionar na universidade próxima ao apartamento de Arabella no centro de Porto Alegre. Era um jovem professor, cheio de sonhos a pôr em prática, lições a exercer. E os dias célebres, as noites intensas de preparação de aula, até aquela menina de dezessete anos entrar na sala pela primeira vez. Ana Clara e o moletom de algodão. Ana Clara e o sutiã de renda. Ana Clara e a pele clarinha.

Mesmo saindo de si, Arabella demora a entender Marcelo, demora a perdoá-lo, assim que ele se desarma e lhe conta os segredos. Mas ela é o primeiro passo no instante da pergunta da vida real. Mas ele é o sentimento de que pode se abrir.

Ela demora a perdoá-lo por matar o primeiro amor de sua vida. Mas Otávio era o primeiro amor da vida de Marcelo, o melhor amigo, o irmão que retirava Marcelo dos livros para ir ver a vida, arrancava-o dos sonhos para viver o mundo.

E Arabella se revela. E conta de Otávio e o acidente da garrafa de coca-cola no colégio. E Marcelo a escuta, espantado. Mas os dois conversam. Como se fosse o último instante de suas vidas. Como se fossem os últimos minutos de voo. Porque assim parece ser. A aeromoça recolhe o café da manhã. A modelo não se importa e troca ali mesmo a fralda do bebê. O ex-professor da universidade de Marcelo coloca o paletó rasgado. O comissário de bordo faz um curativo na testa da senhora branca. Todos se arrumam para o ato final do voo. O ato final de suas vidas em comum? Arabella e Marcelo parecem se perguntar mesmo sem nada dizer.

Mesmo sem nada dizer, eles sabem um do outro? Arabella sabe o pensamento de Marcelo antes que ele mesmo pense, antes que ele mesmo transforme o sentimento em ação?

Porque o sentimento vem antes do pensamento, confunde o pensamento não permitindo o pensamento pensar. É preciso a razão para ampliar a emoção, para potencializar a emoção no caminho certo, a arte no tamanho certo potencializada pelo obstáculo.

Arabella se despede do voo, de Marcelo, da vida nas doze horas que experimentou com ele viver. A nostalgia ronda a cabeça de Arabella, ronda o corpo deixando mãos e pés frios, o corpo vai se encolhendo para a aterrizagem.

O piloto demora tudo o que pode demorar. Sobrevoa em círculos tudo o que pode sobrevoar só para que os passageiros realizem aquele momento de despedida, aquele instante de morte daquilo vivido no avião. Ao se terminar de ler um livro que não se deseja terminar, ao se terminar de digitar uma história que não se quer acabar, o instante de morte se estende até o insuportável.

*

A temperatura está amena em Lisboa. Vai ser agradável passear pelas ruas estreitas e belas. Os alpendres. As cores portuguesas. O sangue português derramando em suas veias, trazendo às suas veias um doce sabor de Portugal.

Arabella provaria os doces portugueses – arroz-doce, pastéis de nata e de Santa Clara, toucinhos-do-céu. Provaria até saciar, até não querer mais ouvir falar de doces, ao menos por um dia. Marcelo ri da brincadeira de Arabella para fazer o tempo passar, o tempo da despedida de triste vira alegre, ao menos por um instante:

Vamos sim, Arabella. Eu aceito.

*

A troca de telefones. A troca de bilhetinhos. Ele ajuda Arabella a retirar a bagagem dos compartimentos acima das poltronas do avião. Ela lhe dá um sorriso. Encaminham-

se para a porta. Arabella fica sem saber se arrisca o terceiro beijo. No terceiro beijo o galo cantará?

O dia amanhece pintando o céu de dourado; depois, explode em azul profundo, o azul dos azulejos. E toda uma paleta de cores que Arabella inaugura feito se apaixonasse pela primeira vez. Teria se apaixonado mesmo, ou seria tudo uma grande ilusão? E o que é se apaixonar senão ver o céu mais azul, as nuvens mais brancas, as árvores mais verdes? E chorar com o sorriso do bebê de seis meses, filho da modelo alta e magra. E sorrir com as lágrimas do próprio rosto, sem saber se de alegria por ver as cores pela primeira vez em tantos anos, ou por se apaixonar pela primeira vez em toda a vida.

*

O curador renomado aguardando Arabella no portão de desembarque. Ana Clara aguardando Marcelo no portão de desembarque. Arabella não precisando da plaquinha com o próprio nome para reconhecer João Filipe de Almedeiras. Marcelo não reconhecendo Ana Clara com o cabelo curto. Eles se olhando de forma estranha, Arabella e João Filipe. Eles se sentindo estranhos, Marcelo e Ana Clara.

Até o primeiro falar.

*

Mas ainda não.

Arabella ainda está no avião. Marcelo continua ao seu lado. Eles não aterrizaram. Eles não trocaram bilhetinhos, números de telefone, amenidades. Eles não se despediram. No terceiro beijo o galo cantará?

O piloto explica o atraso, justifica o atraso por causa da turbulência, por causa do portão de desembarque que estava ocupado com outro avião. Justifica terem sobrevoado as cidades portuguesas, conta a história das cidades portuguesas, como se fosse um professor de História de Portugal.

Abrantes. Santarém. Alverca do Ribatejo. Os termos e os nomes das cidades portuguesas. O piloto encanta a todos com o manancial de História que carrega em suas veias. As veias de um piloto de avião. Um piloto que sabe mais de História que a própria Arabella, sabe da história de Arabella mais do que ela mesma, porque a ela mesma

acompanhou por tanto tempo, naquele voo de doze horas, naqueles quarenta e cinco anos, a vida inteira, porque ele é o seu pai.

*

Cláudio Fantini soube da viagem da filha poucos dias antes. O amigo curador avisou sem antecedência, pois Arabella demorou a responder. Arabella demorou a entender a necessidade máxima em descobrir notícias sobre o pai, a história da fuga do pai para São Paulo, e em São Paulo o pai instalou um quartel-general.

Alugou um apartamento. Cortou o cabelo. Trocou os óculos por lentes de contato. Fez musculação. Escolheu o sobrenome de um parente distante e transformou-se em Cláudio Vilar. Mandou depositar mensalmente na conta de Graco, pai de Ária, um valor que ajudasse nas despesas das filhas e da esposa. Graco pensava receber um aumento na aposentadoria, um incremento por tempo de serviço por haver trabalhado no Correio Central. E, porque precisavam do dinheiro, nunca se perguntou, e nunca procurou saber de onde vinha aquele aumento.

Cláudio acompanhou a vida de Arabella. Para isso contratou um investigador. Era um homem muito discreto, tudo anotava, tudo observava, transformando em planilhas que apresentava no fim do mês. A recuperação de Arabella depois do acidente em Recife. A perda das cores. O interesse pelas artes plásticas. Graduação. A pós-graduação no Rio de Janeiro. O namoro com Michel. A descoberta da sexualidade do primeiro namorado. O caso com Walter. A gravidez. O aborto espontâneo. O caso com frade Augusto. A sagração do frade em bispo. O concurso do MARGS em Porto Alegre. A mudança. Apartamento quarto-sala-cozinha no centro da cidade. A carta enviada por Cláudio de Lisboa em nome do amigo curador. Os selos do único álbum que o pai fugitivo salvou do fogo no quintal da casa em Boa Viagem. O aviso do amigo curador de que Arabella aceitou o convite. A ida às pressas para Porto Alegre para Cláudio Vilar pilotar o avião.

*

O piloto explica o atraso, Arabella escuta o atraso, e segura a mão de Marcelo. Não sabe por que a segura, não sabe por que olha Marcelo como se fosse pela última vez. Como se fosse agora que deve dizer a palavra verdadeira, o sentimento verdadeiro, aprisionado desde tempos ancestrais. No terceiro beijo o galo cantará?

E o terceiro beijo canta o galo inteiro, Arabella esquece para que vai a Portugal, esquece Fernandes Vieira, João Filipe de Almedeiras, o pai desaparecido, mas com quem assistiu *Amadeus*, a mãe amarga, mas que não a abandonou, a avó e o avô apaixonados que se casaram em uma igreja portuguesa antes de irem morar no Brasil. O beijo canta, o piloto conclui a explicação, e pede licença aos dois copilotos para ir ao banheiro uma hora antes de pousarem o avião, e sai da cabine de comando em direção à poltrona de Arabella, desejando falar com a filha, quando a vê beijando um rapaz, e o rapaz se parece com Cláudio há muitos anos, quando amava Ária, e não havia proferido a palavra inaugural, a palavra que originou os problemas da família, o trauma de sua filha – Arabella não se encontra mais em apuros.

*

Fernandes Vieira morreu de Alzheimer em Lisboa aos oitenta anos. Arabella ficou impactada pelos esboços das esculturas porque captavam o efêmero, atingiam o efêmero, feito a nota cantada por Agostinho de Hipona na tentativa de o presente capturar. O presente fugidio das mãos de Arabella no voo de doze horas de avião.

Um poeta ou escritor, que Arabella não recorda o nome, disse um dia, com todas as células, com todos os átomos de Epicuro, que, entre uma página e outra, deve-se fazer amor. Ela olha para a tela em branco, olha para o cursor que é seu amigo agora, olha pela janela, vê as nuvens branquinhas feito um tapete de algodão, feito um mar de nuvens navegadas por uma museóloga brasileira rumo a Portugal, uma brasileira de Recife, que mora em Porto Alegre, que trabalha em Porto Alegre no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, sentada ao lado do rapaz alto, magro, calvo, óculos, camisa branca, calças pretas, com o livro de Fiódor Dostoiévski em suas mãos.

*

João Filipe de Almedeiras aguarda Arabella no portão de desembarque. Ele vê os passageiros do voo Porto Alegre-Lisboa saírem um por um. Uma moça alta e magra com

o bebê dormindo. Um senhor baixo e gordo com o paletó rasgado. Duzentos e trinta e sete passageiros. Aeromoças. Comissários de bordo. Copilotos. O piloto do avião.

A história

Meu nome é Manoela e esta é a história da construção de uma tese.

Quando vim fazer o doutorado em Escrita Criativa, vim a princípio como ouvinte, aluna especial, experimentando se iria dar certo mudar para Porto Alegre, viver em Porto Alegre, eu que era de Recife. Assistia às aulas do futuro orientador e ele nos apresentou diversos romances e autores, clássicos e contemporâneos, e, entre eles, *Reparação*.

Reparação é o décimo sexto livro do escritor britânico Ian McEwan. Ele narra a história da adolescente e futura escritora Bryoni Tallis, que por sua vez narra a história do romance entre a irmã mais velha Cecilia Tallis e Robbie Turner, como se para tentar consertar os fatos do passado, como se para tentar absorvê-los, compreendê-los. Reparar.

É isso!, disse para mim mesma. É essa semiose sem fim entre as áreas de conhecimento, as artes, outros ficcionistas e o meu fazer literário que tentarei explicitar no meu texto. Porque a mim não incomoda a influência de McEwan na tese. É esse o projeto de doutorado. Contar a história que meus pais repetiam nas festas de aniversário de casamento, fim de ano, batizados, primeira comunhão, Páscoa e funerais, que eu e meus irmãos sabíamos de cor, de como meus pais se conheceram em um longo voo de avião. Contar a história de minha mãe como se eu entrasse em sua pele e a vestisse feito personagem, e reparasse a nossa relação que nunca mais foi a mesma depois do acidente.

Mas a grande dificuldade seria: como entrar na pele da minha mãe e não ser piegas, e não a engrandecer demais, ou diminuí-la demais, e obter o correto afastamento? Durante o texto e no ensaio teórico tentarei apresentar qual foi a solução adotada.

Os nomes

Os nomes seriam fictícios, assim como alguns fatos desconhecidos por mim da biografia de minha mãe. Por exemplo: ela, terceira filha de quatro irmãs – eu, filha mais velha com dois irmãos; ela, mãe de três filhos – eu, não tive nenhum; ela, museóloga – eu, escritora; a idade da narradora seria a minha idade – mamãe conheceu papai aos vinte e sete anos; o local de residência da personagem, em um flat que deixou de existir, que se

tornou ficção porque fechou no mês passado, no centro de Porto Alegre, bem diante do edifício onde habito. Mas os nomes da minha mãe e do meu pai?

Voltando ao romance de McEwan, Bryoni escreve uma peça de teatro chamada “Arabella em apuros”. A peça abre e fecha o romance. Arabella, então. E Marcelo? Marcelo é o nome de um personagem de um conto meu. Os sobrenomes, Fantini, da minha mãe, e Bergson, de meu pai, foram emprestados, respectivamente, do personagem Leo Fantini de *O mistério do 5 estrelas*, de Marcos Rey – livro que marcou profundamente a minha adolescência –, e de Henri Bergson, cujos *Duração e simultaneidade* e *A evolução criadora* foram basilares na minha dissertação de mestrado em Teoria da Literatura quando tratei do tempo e da criação.

Os nomes dos personagens principais foram dados. Os cenários, intuídos. As cidades seriam aquelas que eu havia habitado durante a infância, adolescência e vida adulta. Os amores impossíveis de minha mãe seriam os meus, mas com nomes emprestados de Michel Foucault, Walter Benjamin e Agostinho de Hipona – Augusto para não ficar tão óbvio. Seria um romance ensaístico.

A cidade

Durante o primeiro ano em Porto Alegre conheci a cidade, os colegas, o modo de ser do gaúcho, a cultura, culinária, história e tradição. Preferi habitar no centro por ser perto da praça da Matriz, com a catedral e o Theatro São Pedro, perto dos museus e da praça da Alfândega. Perto do rio Guaíba, que me remetia ao mar de Boa Viagem, onde vivi a infância e a adolescência.

A vida de mamãe se amalgamava com a minha como se fôssemos a mesma pessoa. Sozinha nesta cidade estranha, que me fascina e me assusta, a história que eu criava me dava forças para continuar, me protegia: eu não estava só.

No curso, apreendi os termos da Escrita Criativa, a geleia geral ou o Big Bang, que seria a ideia inicial do romance, ou menos ou mais precisa, de quando tudo começou. Não lembro quando tudo começou em minha cabeça, quando escutei essa história sobre o encontro dos meus pais pela primeira vez. Mas a ideia do romance, ou melhor, da novela ensaística começou a vir à tona com alguns detalhes do dia a dia e uma notícia importante.

O artista

Visitei a Fundação Iberê Camargo em uma tarde de abril. O clima estava ameno, nem calor nem frio ainda, como se fosse primavera. A árvore defronte à Fundação ainda estava carregada de flores e folhas, e, se o vento não mudasse, eu teria ficado para assistir ao pôr do sol no Guaíba, como a moça da recepção me avisou – era um pôr do sol tão bonito...

Dentro da Fundação um artista carioca era exposto: Sérgio Camargo. As esculturas em mármore branco de Carrara e mármore negro belga me chamaram a atenção e eu disse: Encontrei o artista. A história de vida desse homem tem a ver com a profissão de mamãe, as esculturas em preto e branco de Camargo justificariam uma necessidade minha de inserir a acromatopsia na personagem narradora, o que durante o texto apresentarei.

E o esboço... Sim, o esboço por causa da efemeridade da escrita na era digital, na era do autor morto, tal qual afirmava Roland Barthes em um dos seus textos mais conhecidos. O nome Fernandes Vieira surgiu de uma coincidência – duas ruas, uma em Recife (Boa Vista), outra em Porto Alegre (Bonfim) com o nome quase idêntico: (João) Fernandes Vieira.

A seleção

Li os textos todos, memorizei os textos todos para a prova de seleção. Era uma memória fotográfica aquela minha, quando fechava os olhos e folheava os livros na memória, como se eles estivessem ali, no segundo andar do bloco de Letras da universidade. Antes de começar a prova, o medo de não conseguir era maior do que a certeza de que eu havia estudado bem, apreendido bem o conteúdo, e agora era só me acalmar.

E quando a prova de conhecimentos começou, esqueci quem eu era, de onde vim, o passado ou o futuro. Sentia-me presente e sabia apenas que estava ali para contar uma

história, a minha, a dos teóricos, a dos romancistas elencados para aquela seleção. Terminei a prova exausta, como se a alma tivesse saído do corpo e se derramado nas folhas de papel pautado. Como se eu fosse carregada pelos professores da Comissão Examinadora naquelas folhas de papel pautado e fosse levada para a sala de reunião, e lida, e corrigida, e atribuída uma nota que, com a defesa de projeto, a pontuação do Lattes e as provas de Línguas, rendeu-me o terceiro lugar.

O curso

No curso, os colegas eram quase os mesmos, alguns novos, outros não. As disciplinas, bem puxadas, a orientação fluía, mas eu ainda não estava lá: não sabia como iniciar a escrita do meu texto.

As leituras me levavam para um lugar conhecido, um lugar intuído, a forma, ou a inspiração criadora, junto com a técnica, ou o estudo contínuo, e o ofício, ou o trabalho diário de Ariano Suassuna no seu *Iniciação à estética*, quando, com o estudo contínuo e o trabalho diário, a ideia chegaria, a ave de rapina da inspiração criadora desceria do sol e eu estaria preparada para iniciar a escrita do meu texto.

No ano como ouvinte e aluna especial apreendi as Teorias da Criação Poética, Literatura e Memória Cultural, além da Oficina de Criação Literária – Narrativa, do meu orientador. Como aluna vínculo, fiz novamente a Oficina, e cursei Crítica Genética, Filosofia e Literatura, Literatura Portuguesa, Literatura e Linguagem Digital.

Mas a questão permanecia a mesma: como iniciar? E mais importante: como narrar? Repetia a pergunta: “Como entrar na pele da minha mãe e não ser piegas, e não a engrandecer demais, ou diminuí-la demais, e obter o correto afastamento?”

Durante as aulas da Oficina, o orientador nos sugeria o uso da terceira pessoa do singular para obter o correto afastamento, e, depois de imensa luta interna, resolvi acatar. Mas ainda não. Antes testei a focalização interna, ou em primeira pessoa do singular, só para ter certeza, só para ver se era isso mesmo o que eu queria, antes de me afastar de mim, e seguir um caminho, antes de me afastar da primeira pessoa em direção à terceira, desprender-me de mim e entrar na pele de minha mãe, desapegar do passado e mergulhar no presente, desapegar do real e tatear uma saída para a autoficção.

O convite

O convite chegou no segundo ano de doutorado, no mês de março, no calor em março feito Porto Alegre não havia visto mais. As estações misturadas, o clima alterado, e eu, ali, aguardando a condução. Era um micro-ônibus que levava do centro para a universidade, e o micro-ônibus possuía ar-condicionado. Entrei nele e sentei na primeira cadeira, na primeira fila – não enxergava mais nada por causa do calor.

Resolvi abrir as correspondências ali, dentro do micro-ônibus, no meio da viagem até a universidade – o que daria uns vinte minutos. Quando vi a carta. Os selos portugueses pareciam com brasões de família, e eu parei de respirar. Será recusa ou aceite? Será aquela carta o resultado do aceite do meu livro por uma editora portuguesa? Será meu primeiro livro lançado em outro país e eu atravessaria oceanos?

Abri devagar aquela carta. Ela teria vida? Ou teria morte? Dramatizei aquele instante como se fosse o último de minha existência. E não senti o tempo passar, o espaço acabar, e lá estávamos diante da universidade quando abri a carta. O condutor do micro-ônibus me conhecia, mas esperou aquele instante, porque viu naquele instante os gestos formadores de uma página, construtores de um livro, uma história que eu contaria de geração em geração. Até me chamar: Moça, é aqui a sua parada? E eu sabia o meu destino, sabia de onde vim, e para onde vou, com o convite da editora para publicar meu primeiro livro de contos em solo português.

O tempo

Era preciso adiantar o tempo, acelerar as pendências, desenvolver os personagens da tese antes de viajar. Meu primeiro livro português sairia no mês de outubro e havia muito o que fazer antes de viajar sobre o Oceano Atlântico. Os professores das disciplinas me sugeriam dicas acatadas pelo orientador.

Nesse período recusei os convites dos colegas para sair, conhecer outras cidades ao redor, visitar Gramado, Canela, Bento Gonçalves. Decidi me enfiar no quarto-sala-

cozinha para tentar iniciar a tese, escrever ao menos um esboço da novela que me propus escrever na seleção. Mas não conseguia passar da primeira frase, construir o primeiro parágrafo, entregar nem que fosse uma página para o orientador.

Não teria vocação para escrever um texto maior? Buscava nos livros da biblioteca, nos clássicos sugeridos pelos professores uma solução, um modelo de escritura que coubesse no meu estilo, no meu jeito de explicar o mundo, de expressar o mundo que cabia na palma da mão.

O sonho

Sonhei com mamãe menina. Ela em uma cama de hospital. Ela levou uma queda e bateu com a testa na porta de madeira da biblioteca da casa de meu avô. O sonho era tão verdadeiro que eu sentia aquela dor como se fosse minha. E minha avó cuidando das feridas abertas de mamãe, como se para eu conseguir enxergar.

Acordei assustada, no meio da noite, no apartamento quarto-sala-cozinha, com a vida de outra pessoa que não era minha mãe. Mas era tão real e tão estranha que não me deixava mais dormir. Não sei por que me deu vontade de pesquisar sobre a acromatopsia, e a personagem ia se construindo em minha frente, projetando-se em minha frente feito assistisse a um filme em terceira dimensão.

Mostrei ao orientador e ele concordou com o meu sonho, abraçou o meu sonho como se fosse seu.

O sonho foi crescendo e chegando outros personagens, outras cenas rabiscadas, umas ficam, outras não. A história com um fim, mas o começo... O começo era um problema que eu ainda não conseguia resolver.

O museu

Eu intuía que a história teria a ver com o Museu de Gavetas, de Herbert Distel. Um museu com muitas obras, de vários artistas, cada um em seu lugar, cada artista doa

uma obra diferente e não deixa de ser quem é. Foi assim que eu apresentei na seleção. Mas qual o cenário? Qual a forma de contar aquela história que parecia explodir dentro de mim? Parecia querer ganhar forma de qualquer jeito, e eu não podia esperar.

Pensei. Tenho de viver alguma coisa. Experimentar alguma coisa para transformar em ficção. Havia sido assim no livro de contos que eu iria lançar em Portugal. E no livro de poemas que escrevi a partir das *Confissões* de Santo Agostinho.

Eu sabia do museu, que a personagem principal era museóloga, e, por causa de um acidente, que remetia a um acidente que aconteceu na vida real, ela deixaria de ver as cores, e o pai desapareceu. Mas não sabia de que maneira contaria aquela história, se autobiografia ou se autoficção.

O início

Havia algo mais que estava faltando. Algo que tensionasse o texto. Contar a história de uma filha com pai desaparecido, tanta gente já contou... O que eu contaria que revelasse a minha voz? Que trouxesse à tona a voz própria e justificasse a narrativa?

Procurei dificultar ao máximo a vida da personagem narradora. Restringir ao máximo o espaço, e que o tempo de escritura coincidisse com o tempo de narração. Era tão claro, estava na minha frente, mas eu ainda não conseguia enxergar. Foi quando o pessoal da editora me enviou por e-mail a passagem para Portugal.

Procurei saber o tempo que levaria saindo de Porto Alegre para Lisboa. Fui à companhia aérea e expliquei o meu projeto, perguntei se era possível entrevistar alguns pilotos, comandantes de voo, aeromoças, para entender alguns detalhes.

O piloto e o copiloto foram muito simpáticos e me atenderam depois do voo que fiz para um congresso no Rio de Janeiro. Eles me mostraram a cabine, os botões e as luzinhas coloridas – parecia uma árvore de Natal. Eu anotava tudo, eles falavam muito, e o resultado dessa pesquisa encontra-se nos Diários de Bordo que estão anexados à tese.

A tecnologia

Tudo seria escrito no voo de longa duração. O voo que eu faria em uma semana, e é preciso mais do que uma semana para tudo se ajustar, para o mapa de cenas ser montado e se prever qual o percurso, de que maneira eu iria colocar Arabella ao lado de Marcelo, mimetizando o que aconteceu com meus pais.

Porque contar uma história que aconteceu é muito fácil; difícil é contar uma possibilidade, pois a história de meus pais não foi digitada em um computador pessoal. Ela foi contada boca a boca, para mim, filha mais velha, e depois para meus irmãos. Como passar do oral para o escrito no papel, do escrito no papel para o escrito à máquina, e máquina de laptop, escrita digital?

Eu, que tudo escrevia no papel, temia aquele avanço, evitava aquele progresso como se eu fosse do tempo das cavernas. Mas consegui o laptop. E arrumei a mala com o essencial. E entreguei, adiantada, os trabalhos finais das disciplinas, como se eu fosse morrer naquele voo, como se eu deixasse de existir naquele voo para nascer, começar a existir, a personagem principal.

O livro

Havia um livro que eu lera na adolescência, outro além de *O mistério do 5 estrelas*, um livro que muito me impactara, porque talvez contasse a minha história, narrasse a minha vida, mas de maneira metaforizada. Era *Não matem as flores*, de J. M. Simmel.

Meu pai poderia ter sido aquele homem que fugiu da esposa, que desapareceu a vida inteira, aquele homem narrado no best-seller que li nas férias, mil páginas em quatro dias, na casa da minha avó.

O homem do best-seller poderia ser o meu pai, mas de maneira metaforizada. Meu pai não foi poderoso, nem advogado conceituado, mas era o melhor pai do mundo, eu o achava belo e forte, e nada o tiraria desse lugar.

Ele me levava ao cinema, assistíamos a dois filmes no mesmo dia e comprávamos pilhas de livros, para um dia, quem sabe, ler. Mas o dia nunca chegou, porque no meu aniversário de quinze anos, quando eu dançaria com ele a valsa à meia-noite, papai sofreu

um acidente de carro, na frente de casa, quando voltava da costureira com o meu vestido branco de debutante.

O voo

Papai não morreu. Ele vegeta há trinta anos. Não fala, não anda, não se movimenta. Em cima da cama, ele reconhece os seus, e as lágrimas caem acompanhadas de gemidos. É consciente do que lhe aconteceu. Conhece de medicina, porque muito leu sobre medicina antes de decidir ser professor.

Eu não quero reproduzir no livro a história de papai. Nem a história de mamãe. Mas o que poderia ter sido. Se meus pais se encontrassem mais tarde, ele aos cinquenta anos e mamãe com a idade que tenho hoje. E mamãe não tivesse abandonado a profissão, e não tivesse filhos, eu não tivesse nascido ainda, e não fosse a causa do acidente que deixou tetraplégico o meu pai.

No voo, tudo deve se resolver, tudo deve ser escrito, como se eu contasse uma nova história. Como se eu criasse um novo mundo, sem culpas nem expulsão do paraíso, Adão e Eva nus e inocentes do que a vida iria lhes trazer. Do que a vida iria lhes tomar. E não deixasse mamãe amarga. Papai estático. Eu a procurar uma saída para uma vida que nunca quis ter. Que nunca escolhi.

Passo no aparelho de raios X com a bagagem de mão. Nada cortante, as roupas contadas para os dias de viagem, e que eu não precise despachar a mala. Para que não perca a mala, feito na viagem que fiz a Praga no intercâmbio da faculdade.

Sento à janela, e vejo os carregadores com as bagagens, o bombeiro do abastecimento perto da mangueira de combustível. Bem de longe vem, e mais perto, e senta ao meu lado, alto, magro, calvo, óculos, vestindo camisa branca e calças pretas, o meu personagem de ficção.

PARTE II

*Para meus filhos:
De quem foram roubadas inúmeras horas
para eu realizar este sonho.*

Agradecimentos:

Aos inúmeros professores-colegas-amigos da PUCRS, com quem aprendi infinitamente.

*E ao tão caríssimo escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil,
que desde 2006 me encanta com os caminhos da Escrita Criativa no país.*

Doze horas: o mito individual em uma autobioficção

Patricia Gonçalves Tenório*

Breve apresentação

Doze horas é uma novela ensaística em três camadas. Narrada em terceira pessoa do singular, conta a história de Arabella Fantini, quarenta e cinco anos, solteira e sem filhos, nascida em Recife, residente em Porto Alegre, e museóloga do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. Ela traz à tona artistas desconhecidos, e, uma bela tarde, recebe a carta com fotografias da obra de Fernandes Vieira, artista português que o remetente afirma ter conhecido seu pai, desaparecido desde os treze anos da museóloga.

Arabella viaja de Porto Alegre para Lisboa a convite do remetente, um curador renomado, e escreve “um diário imaginário” no laptop durante as doze horas de voo. Ao seu lado senta-se Marcelo Bergson, cinquenta anos, solteiro e sem filhos, professor de literatura de uma “universidade próxima ao apartamento de Arabella no centro de Porto Alegre”, que guarda os segredos de ter se envolvido com uma aluna menor de idade e ser o causador da morte do irmão mais novo em um acidente de carro.

Toda a narração é feita durante o voo, resgatando o passado, descrevendo o presente, antecipando o futuro, criando diálogos imaginários com “o rapaz ao lado”. Esta é a primeira camada.

A segunda camada é narrada em primeira pessoa do singular, por uma estudante de doutorado em Escrita Criativa, Manoela. Subentende-se que ela estuda na PUCRS, e seria uma *mimesis* do processo de construção da presente tese.

A terceira camada encontra-se neste ensaio teórico (na impessoalidade da primeira pessoa do plural), com os Diários de Bordo em anexo (na proximidade da primeira pessoa do singular).

* Nascida em Recife (1969), dois filhos e uma filha do meio, quarenta e oito anos, divorciada. Escreve prosa e poesia desde 2004, onze livros publicados, graduada em Ciências da Computação (UNICAP), mestre em Teoria da Literatura (UFPE), doutoranda em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: patriciatenorio@uol.com.br e www.patriciatenorio.com.br

As três camadas fluem entre si como vasos comunicantes. Informações da realidade encontram-se mais ficcionalizadas na primeira camada, um pouco menos na segunda, até chegarmos a um maior grau de realidade no ensaio teórico e nos Diários de Bordo. Mas o movimento contrário também existe. São criadas *personas* híbridas para cada camada – Arabella Fantini, Manoela e Patricia Gonçalves Tenório – que se inter cruzam e assumem os dois lados da mesma moeda: a autoficção.

O presente ensaio tem como objetivos, à luz dos conceitos de autobiografia, autoficção e diário encontrados em *O pacto autobiográfico* – de Rousseau à internet,¹ do ensaísta e sociólogo francês Philippe Lejeune, e de “O mito individual do neurótico”,² do psicanalista francês Jacques Lacan, investigar as camadas intercambiáveis da tese, assim como apresentar o gênero híbrido da autoficção.

Autobiografia, autoficção e tanto

Philippe Lejeune abre a sua bíblia com “O pacto autobiográfico” (1975), tentando definir o que é uma autobiografia.

Lejeune pesquisa em dicionários:

“DEFINIÇÃO: narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”³

Na breve biografia da nota de rodapé que abre este ensaio, descobrimos a história individual da pessoa real Patricia Gonçalves Tenório (nascida em Recife, dois filhos e uma filha do meio, quarenta e oito anos, divorciada), mas deslizando em três camadas para a ficção.

¹ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

² LACAN, Jacques. O mito individual do neurótico. In *O mito individual do neurótico*. Tradução: Brigitte Cardoso e Cunha, Fernanda Bernardo, Margarida Medeiros, Tito Cardoso e Cunha. Prefácio: Tito Cardoso e Cunha. Lisboa: Assírio & Alvin. Edição 124, 1987.

³ LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 14.

Lejeune analisa conceitos:

Em “Eu, tu, ele”, Philippe Lejeune investiga a identidade do narrador e do personagem principal. Traz conceitos do teórico da literatura e crítico literário francês Gérard Genette: a autobiografia em primeira pessoa do singular como narração autodiegética, enquanto a biografia em primeira pessoa do singular seria narração homodiegética, e em terceira pessoa, ou biografia clássica, como narração heterodiegética. Tanto a autobiografia quanto a biografia são consideradas por Lejeune como pertencentes ao pacto referencial.

Sabemos da referencialidade dos acontecimentos em *Doze horas*, mas, como dissemos na Breve apresentação e em alguns parágrafos, as três camadas fluem entre si, da autobiografia à autoficção – e vice-versa, deslizando entre si através da autobioficção, instância que explicitaremos mais adiante.

“Eu abaixo-assinado” apresenta narrativas em primeira pessoa e nos situa na identidade entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Neste capítulo, Lejeune apresentará os pactos romanescos e autobiográficos.

“Cópia autenticada” diferencia o romance autobiográfico da autobiografia. Como dissemos antes, a biografia e a autobiografia são textos referenciais, sendo submetidos à “imagem do real”, enquanto o romance autobiográfico, sob o pacto romanesco, responde ao “efeito de real”. Como se a “imagem do real” da autobiografia estivesse para a fotografia e o “efeito de real” estivesse para a pintura clássica.

Em “O espaço autobiográfico”, Lejeune se aproxima do nosso estudo quando se contrapõe à grande ilusão fomentada pelos escritores franceses André Gide e François Mauriac, que afirmam que o romance é mais verdadeiro que a autobiografia.⁴

De fato, quando *aparentemente* Gide e Mauriac rebaixam o gênero autobiográfico e glorificam o romance, eles fazem *realmente* algo diferente de um paralelo escolar mais ou menos contestável: designam o espaço autobiográfico em que desejam que seja lido o conjunto de suas obras. Longe de ser uma condenação da autobiografia,

⁴ Reproduzimos aqui as frases dos escritores franceses citadas por Lejeune: André Gide [(1972 in) 2008, p. 42] – “As Memórias só são sinceras pela metade, por maior que seja a preocupação com a verdade: tudo é sempre mais complicado do que o dizemos. Talvez se chegue mesmo mais perto da verdade no romance.” François Mauriac [(1953 in) 2008, p. 42] – “Mas isso significaria procurar desculpas muito nobres por ter-me limitado a um só capítulo de minhas memórias. A verdadeira razão de minha presença não seria porque os romances expressam o essencial de nós mesmos? Só a ficção não mente; ela entreabre na vida de um homem uma porta secreta, por onde se insinua, fora de qualquer controle, sua alma desconhecida.”

essas frases tão citadas são, na realidade, uma forma indireta de pacto autobiográfico, pois estabelecem de fato de qual ordem é a verdade última a que visam seus textos. O leitor frequentemente esquece que, nesses julgamentos, a autobiografia aparece em dois níveis: ela é, ao mesmo tempo, um dos *termos* da comparação e o *critério* que serve de comparação. Qual seria essa verdade da qual o romance permite chegar mais perto senão a verdade pessoal, individual, íntima do autor, isto é, aquilo que todo projeto autobiográfico visa? Por assim dizer, é enquanto autobiografia que se decretou ser o romance mais verdadeiro.⁵

André Gide mergulhou nesse espaço híbrido entre a realidade e a ficção. Em seu *Diário dos moedeiros falsos*, o escritor francês reforça o lado mais verdadeiro do romance, quando o coloca diante do próprio *Os moedeiros falsos*, e gera a sensação de espelhamento entre os dois textos, que encontramos em dois espelhos um diante do outro, ou na impressão de “não acabar jamais” de se extrair bonecas cada vez menores naquelas bonecas russas, as *mamuskas*. Na literatura, encontramos narrativas que contêm outras narrativas dentro de si.

E é este o tema principal, o centro novo que descentra a narrativa e a arrasta para o imaginativo. Em suma, este caderno em que escrevo a própria história do livro, eu o vejo todo vertido no livro, formando o interesse principal, para maior irritação do leitor.⁶

Gide constrói com o *Diário* e *Os moedeiros falsos*,⁷ um diante do outro, feito espelhos infinitos, um diário que narra a construção de um romance, que, por sua vez, é feito, também, ... de um diário. Encontramos vários ecos desse espelhamento de Gide e que procuraremos relacionar ao nosso *Doze horas: o mito individual em uma autobioficção*.

Voltemos a Lejeune. Ele cria quadros explicativos. Em um deles, apresenta-nos a importância dos nomes dos personagens e os pactos que a relação de identidade produz: o pacto romanesco, ou aquele no qual o nome do personagem difere do nome do autor ou o personagem principal não é nomeado; o pacto autobiográfico, em que o personagem

⁵ LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 42, itálicos da edição.

⁶ GIDE, André. *Diário dos moedeiros falsos*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, (1927 in) 2009, p. 59-60.

⁷ GIDE, André. *Os moedeiros falsos*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, (1925 in) 2009.

principal não tem nome ou o nome do personagem coincide com o do autor. Há então as casas cegas, quando, no pacto romanesco, o nome do autor é igual ao nome do personagem, e, no pacto autobiográfico, o nome do autor difere do nome do personagem; e o pacto indeterminado, quando nem o pacto nem o nome do autor são firmados de imediato – o que aprofundaremos mais adiante, assim como o pacto fantasmático, que é citado por Lejeune, mas não consta neste quadro.

Pacto	Nome do personagem	≠ Nome do autor	= 0	= Nome do autor
Romanesco		1 a Romance	2 a Romance	
= 0		1 b Romance	2 b Indeterminado	2 b Autobiografia
Autobiográfico			2 c Autobiografia	3 b Autobiografia

Figura I: Pactos romanesco e autobiográfico de Philippe Lejeune.

Descobrimos na leitura de “O pacto autobiográfico” de 1975 alguns exemplos de autobiografias. O primeiro exemplo abaixo foi indicado por Lejeune, os demais, por nós deduzidos, e, todos os trechos, por nós elencados.

Em *As palavras*, o escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre estabelece um pacto indeterminado (Lejeune explica que nem o título de autobiografia nem o nome aparecem de imediato), expressando o desejo de no futuro transformá-lo em um conto.

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No gabinete de meu avô, havia-os por toda parte; era proibido espaná-los, exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ou nobremente espacejadas em aleias de menires, eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia delas.⁸

⁸ SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Tradução: J. Guinsburg. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1964 in) 2005, p. 30.

Os devaneios de um caminhante solitário foi escrito no exílio pelo filósofo, romancista e teórico Jean-Jacques Rousseau, sendo a continuação de suas *Confissões*, mas que se misturam com os devaneios propícios à imaginação criadora.

O que me falta hoje para ser o mais desafortunado dos mortais? Nada de tudo o que os homens puderam contribuir para tal. Pois bem, nem mesmo nesse estado deplorável eu trocaria de condição e de destino com o mais afortunado dentre eles e prefiro muito mais ser eu mesmo em toda a minha miséria a ser alguma dessas pessoas em toda a sua prosperidade. Reduzido a mim mesmo, eu me nutro, é verdade, de minha própria substância, mas ela não se esgota, e basto a mim mesmo apesar de ruminar, por assim dizer, no vazio, e apesar de minha imaginação esgotada e minhas ideias apagadas não mais fornecerem alimentos a meu coração.⁹

A louca da casa, da jornalista e escritora espanhola Rosa Montero, é uma autobiografia nos limites da autoficção, quando a autora cita a mesma cena – um encontro amoroso – de maneiras diferentes.

Sempre pensei que a narrativa é a arte primordial dos seres humanos. Para ser, temos que nos narrar, e nessa conversa sobre nós mesmos há muitíssima conversa fiada: nós nos mentimos, nos imaginamos, nos enganamos. O que contamos hoje sobre a nossa infância não tem nada a ver com o que contaremos dentro de vinte anos.¹⁰

Voltamos para “O pacto autobiográfico” de 1975, quando Philippe Lejeune trata do romance autobiográfico, e alerta para a diferença em relação à autobiografia.

Esses textos entrariam na categoria do “romance autobiográfico”. Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. Assim definido, o romance autobiográfico engloba tanto narrativas em primeira pessoa (identidade do narrador e do personagem) quanto narrativas “impessoais”

⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução: Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, (1776-1778 in) 2008, p. 104.

¹⁰ MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Tradução: Paulina Wacht e Ari Roitman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015, p. 8.

(personagens designados em terceira pessoa); ele se define por seu conteúdo. À diferença da autobiografia, ele comporta *graus*. A “semelhança” suposta pelo leitor pode variar de um vago “ar de família” entre o personagem e o autor até uma quase transparência que leva a dizer que aquele é o autor “cuspidado e escarrado”. [...] Já a autobiografia não comporta graus: é tudo ou nada.¹¹

Mas, em “O pacto autobiográfico (bis)” de 1986, Lejeune admite estar equivocado quanto à rigidez do limiar entre os gêneros, a liquidez entre os “graus” do romance autobiográfico e o “tudo ou nada” da autobiografia. Retoma o quadro acima exposto, e o livro *Fils* do escritor francês Serge Doubrovsky.

Esse quadro teve a sorte de cair nas mãos e inspirar um romancista (que também é professor universitário), Serge Doubrovsky, que decidiu preencher uma das casas vazias, combinando o pacto romanesco e o emprego do próprio nome. Seu romance *Fils* (1977) se apresenta como uma “autoficção” que, por sua vez, me inspirou. Não apenas por ser um livro admirável, mas também porque me dei conta... de que o lera mal. Acreditara em algo que talvez não devesse ter acreditado. Por essa razão, retomei o problema partindo do exemplo maquiavélico de Doubrovsky e de um outro caso tão complicado quanto o dele, embora mais ingênuo, o “romance” de Jacques Lanzmann, *Le Têtard* (1976). Desse modo, pude observar um fenômeno mais amplo: nos últimos 10 anos, da “mentira verdadeira” à “autoficção”, o romance autobiográfico literário aproximou-se da autobiografia a ponto de tornar mais indecisa do que nunca a fronteira entre esses dois campos.¹²

A autoficção encontra-se próxima ao que Lejeune intitula romance autobiográfico, sendo narrado em primeira pessoa do singular, ou usando o termo de Genette, “narração autodiegética”. Como se tivéssemos a autobiografia em um extremo de um quadro, colada com a realidade, enquanto a autoficção estaria no extremo oposto, mais próxima à ficção.

Havíamos anunciado anteriormente que iríamos retomar as casas cegas do quadro de Lejeune, assim como o pacto fantasmático que não se encontra explícito no quadro. É nesse “interstício”, entre a realidade e a ficção, que iremos localizar a nossa “novela em três camadas, *Doze horas*”.

Mas ainda não.

¹¹ LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 25, itálicos da edição, colchetes nossos.

¹² LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 59, itálico da edição.

Para o conceito que iremos utilizar em nossa novela e mais adiante explicitar – a autobioficção –, é preciso saber como fazer para provocar no leitor a dúvida, para que não esteja nem tanto ao romance autobiográfico, nem tanto à autobiografia, no limite da verdade e da mentira, da vida e da arte, da teoria e da ficção. Uma das técnicas usadas – mas não necessariamente – é a unidade entre o nome do autor, narrador e personagem principal, o que também encontramos na autobiografia.

Em 1997, o escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, mais conhecido como J. M. Coetzee, publica o primeiro volume de uma trilogia de ficções autobiográficas chamada *Infância* [seguido de *Juventude* (2002) e *Verão* (2009)]. John é um menino tímido e sensível que narra a infância cercado pela violência e pelo *apartheid*, ele sendo branco. Ele narra no presente e na terceira pessoa do plural e do singular. Os dois Johns olham-se em um espelho.

Eles moram num conjunto habitacional perto da cidade de Worcester, entre a estrada de ferro e a rodovia Nacional. As ruas do conjunto têm nomes de árvores, mas ainda não têm árvores. O endereço deles é avenida dos Choupos número 12. Todas as casas do conjunto são novas e idênticas. Estão situadas em grandes lotes de terra argilosa e vermelha onde nada cresce, separadas por cercas de arame. Em cada quintal há uma pequena edícula que consiste em um quarto e um banheiro. Apesar de não terem empregada, eles se referem àquilo como “o quarto de empregada” e “o banheiro de empregada”. Usam o quarto de empregada para guardar coisas: jornais, garrafas vazias, uma cadeira quebrada, um velho catre de couro.

[...]

Ele não conta nada para a mãe. Sua vida escolar é guardada em segredo absoluto. Ela não vai saber de nada, decide, a não ser o que estiver no boletim trimestral, que será impecável. Ele será sempre o primeiro da classe. Seu comportamento será sempre *muito bom*, e o aproveitamento, *excelente*. Enquanto o boletim dele for irretocável, ela não terá o direito de perguntar nada. É o contrato que ele estipula mentalmente.¹³

Uma das preocupações da autobiografia são os problemas éticos e jurídicos. Trazemos dois exemplos que se encaixam nessa preocupação.

O primeiro deles é um amálgama entre a reportagem e a ficção. Não, não é o caso de uma biografia, nem de uma autobiografia, apesar do autor ser diferente do modelo, por

¹³ COETZEE, J. M.. *Infância: cenas da vida na província*. Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 5 e 9, itálicos da edição, colchetes nossos.

um lado, e ser narrado em primeira pessoa do singular, por outro. Trata-se da reportagem-verídica-ficcionalizada *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*, escrita pelo jornalista e escritor colombiano Gabriel García Márquez.

A partir de dezoito horas de fitas gravadas em entrevista concedida pelo próprio Littín, Márquez conscientemente veste a pele do cineasta foragido do Chile para dar maior veracidade à narrativa e, com isso, potencializar a denúncia sem desrespeitar e alterar o pensamento do narrador.

O voo 115 da Ladeco, procedente de Assunção do Paraguai, estava a ponto de aterrissar com mais de uma hora de atraso no aeroporto de Santiago do Chile. À esquerda, a quase sete mil metros de altura, o Aconcágua parecia um promontório de aço sob o fulgor da lua. O avião se inclinou sobre a asa esquerda com uma graça pavorosa, endireitou-se em seguida com um rangido de metais lúgubres, e tocou a terra antes do tempo com três saltos de canguru. Eu, Miguel Littín, filho de Hernán e Cristina, diretor de cinema e um dos cinco mil chilenos absolutamente proibidos de regressar, estava de novo em meu país depois de doze anos de exílio, embora ainda exilado dentro de mim mesmo: levava uma identidade falsa, um passaporte falso e até minha esposa falsa. Minha cara e minha aparência estavam tão modificadas pela roupa e pela maquiagem que nem minha própria mãe haveria de me reconhecer em plena luz, alguns dias mais tarde.¹⁴

Mas nada se compara ao único romance do escritor, poeta, esteta irlandês e objeto de pesquisa do nosso mestrado em Teoria da Literatura Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, ou, simplesmente, Oscar Wilde.

Estamos em julho de 1890. Sai pela *Lippincott’s Monthly Magazine*, tanto nos Estados Unidos da América quanto no Reino Unido, a primeira versão de *O retrato de Dorian Gray*. O texto já havia sofrido cortes pelo editor da *Lippincott’s*, Joseph Marshall Stoddart, mas, apesar disso, quando acusado de homossexualidade em 1895 – crime na Inglaterra até 1967 – pelo pai de seu amante, o jovem vinte anos mais moço Lorde Alfred Douglas, Oscar Wilde precisa escutar em julgamento trechos do que é considerado seu único romance.

O retrato narra a história do belo e jovem *Dorian Gray*, recém-chegado a Londres, onde conhece o pintor Basil Hallward e seu amigo hedonista Lorde Henry. Influenciado

¹⁴ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile*: uma reportagem. Tradução: Eric Nepomuceno. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, (1985 in) 2014, p. 7.

por este e pintado por aquele, Dorian realiza um pacto diante do retrato para que permaneça belo e jovem, enquanto o quadro tome para si “todos os seus pecados”.

Eis abaixo um dos trechos lidos em tribunal e que havia sido radicalmente modificado quando impresso em formato de livro em 1891 pela editora londrina *Ward, Lock and Company*, justamente pela conotação homossexual. Vale salientar que Wilde foi condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados também por causa da obra que construiu com as próprias mãos. Basil Hallward confessa a Lorde Henry:

– Bem, isso é incrível – repetiu Hallward, em tom amargo. – Incrível às vezes até para mim. [...] Voltei-me de lado e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando nossos olhos se encontraram, me senti empalidecer. Um terror curioso e instintivo tomou conta de mim. Sabia haver me defrontado com alguém cuja personalidade era tão fascinante que, se eu permitisse, me absorveria por inteiro, até mesmo minha alma. Minha própria arte. [...] Sempre fui dono da minha vida. Ou sempre fui até que encontrei Dorian Gray. Então... mas não sei como lhe explicar. Alguma coisa parecia me dizer que eu estava à beira de uma terrível crise em minha existência. Tinha o estranho sentimento de que o destino guardava para mim raras alegrias e raros sofrimentos. Sabia que, caso falasse com Dorian, me devotaria por inteiro a ele, e que não devia fazê-lo.¹⁵

Vimos conceitos e exemplos de autobiografia e autoficção. Antes de analisarmos a nossa novela, explicitaremos mais o conceito de autoficção, aproximando-o do conceito de mito individual do psicanalista francês Jacques Lacan, relacionando-o com o pacto fantasmático de Lejeune, para, em seguida, aplicarmos no processo de criação da autora de nossa tese.

Autoficções de um mito individual

A autoficção encontra-se no interstício entre a autobiografia e a autoficção. Ela traz resquícios da realidade, sem ser totalmente realidade; metáforas ficcionais, sem ser totalmente ficção. Na autoficção, os dados reais deslizam da autobiografia para a autoficção, e vice-versa, em uma estrutura vazia, como se fosse uma carcaça.

¹⁵ WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Organização: Nicholas Frankel. Tradução: Jorio Dauster. Ed. anotada e não censurada. São Paulo: Globo, (1890 in) 2013. – (Biblioteca Azul), p. 85.

Citamos há algumas páginas o pacto fantasmático de Lejeune – ausente de seu quadro –, quando o leitor é “convidado a ler os romances não apenas como *ficções* remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como *fantasmas* reveladores de um indivíduo”.¹⁶ Podemos relacionar a “revelação de um indivíduo” que o pacto fantasmático nos permite vivenciar com o conceito de mito apresentado pelo psicanalista francês Jacques Lacan.

No seminário proferido em 1953 no Collège Philosophique de Jean Whall, Lacan traz ao centro a relação da psicanálise com o mito.

O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir – e isto, de um modo mítico. É neste sentido que se pode dizer que aquilo em que a teoria analítica concretiza a relação inter-subjetiva, e que é o complexo de Édipo, tem um valor de mito.¹⁷

Façamos uma retrospectiva em relação ao mito. Sabemos que o mito é o que guia a humanidade desde os tempos imemoriais. Lacan afirma no seminário do Collège Jean Whall que “a palavra não pode apreender a verdade objetiva, mas apenas a exprimir de modo mítico”, e nos lembramos do pesquisador norte-americano de mitologia e religião comparada Joseph Campbell quando abre o capítulo “A saga do herói”, de *O poder do mito*.

Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo.¹⁸

¹⁶ LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 43, itálico da edição.

¹⁷ LACAN, Jacques. Op. cit., p. 47.

¹⁸ CAMPBELL, Joseph. V - A saga do herói. In *O poder do mito*. Com Bill Moyers. Organização: Betty Sue Flowers. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 131.

Campbell nos fala da catarse que o mito permite experimentar sem correremos risco de nos machucar, sem sofreremos perigo de morte. Com o deslizamento entre as três camadas comunicantes de *Doze horas*, a realidade deslizando para a ficção e vice-versa, é possível para a autora de nossa tese transformar o mito, reatualizá-lo. Matar a si e se reparar sem ao mesmo tempo “sofrer perigo de morte”, protegida “na impessoalidade da primeira pessoa do plural”.

Descobrimos com Lacan no seu seminário a análise de “fragmentos de análise” de um caso do pai da Psicanálise, Sigmund Freud, encontrado no texto de 1909 “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”.

O nome de “O Homem dos Ratos” aplicado a este jovem neurótico obsessivo, paciente de Freud, paciente de um de seus fantasmas. A problemática do homem dos ratos é típica da neurose obsessiva. Uma das dimensões mais importantes é a ambivalência afetiva caracterizada por Freud como clivagem entre o amor consciente e o ódio inconsciente. No homem dos ratos esta ambivalência manifesta-se em relação ao pai e à “senhora que ele venera”.¹⁹

Lacan narra a história do jovem paciente de Freud: filho de um suboficial pobre, casado por conveniência com uma mulher rica, pai que, antes do casamento, se apaixona por uma moça pobre e é salvo por um amigo que lhe paga uma dívida contraída durante o período que serviu no exército, dívida que o suboficial nunca liquidou. O jovem paciente de Freud entra em um quadro de “obsessão fantasmática” quando os acontecimentos da vida do pai se repetem na vida do filho, mas de maneira atualizada.

Vejamos os quadros que o professor de filosofia português e tradutor da edição utilizada de “O mito individual do neurótico” em nossa tese, Tito Cardoso e Cunha, nos traz no prefácio do referido livro.

¹⁹ LACAN, Jacques. Op. cit., p. 50, nota de rodapé 1.

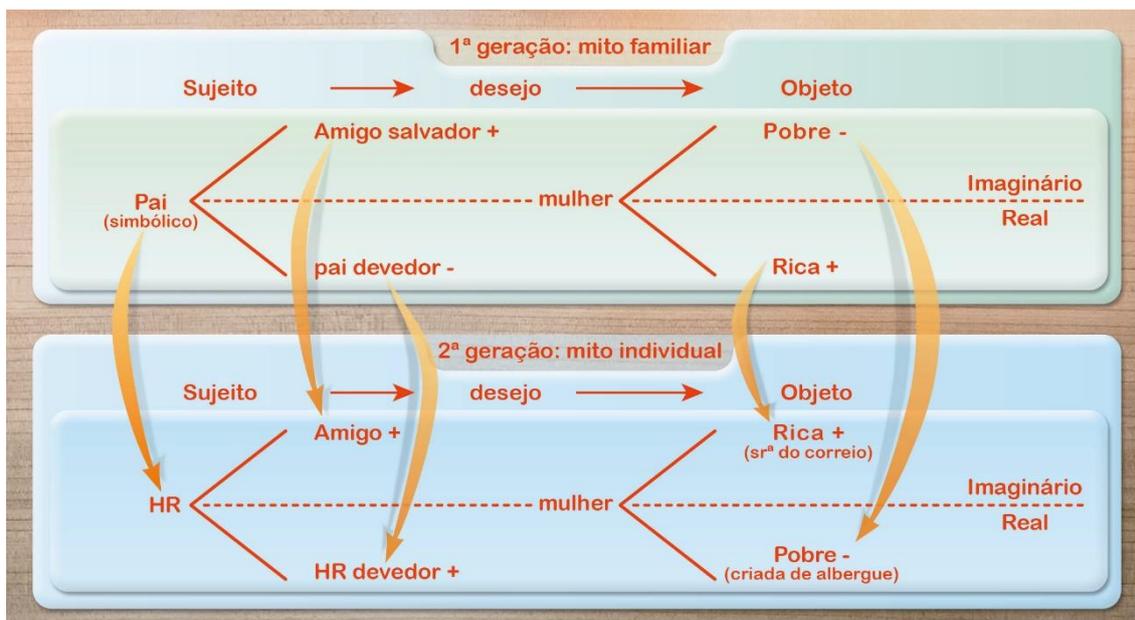


Figura II: Quadro de Transferências de Tito Cardoso e Cunha / Jacques Lacan

Notamos a correspondência entre o Pai (simbólico) do mito familiar (mf) e o jovem Homem dos Ratos (HR) do mito individual (mi), entre o Amigo salvador do Pai (mf) e o Amigo do jovem, Freud, quando começa a atendê-lo (mi), entre a esposa/mulher rica do Pai (mf) e a mulher rica do correio que é quem efetivamente paga a dívida do jovem HR (mi).

A análise do Homem dos Ratos dá início ao conceito freudiano da transferência, e que, assim como os xamãs em Lévi-Strauss (mais uma informação trazida por Tito), cura proferindo a palavra no lugar do paciente, o psicanalista, ao conseguir estabelecer com o paciente a transferência, cura-o através da palavra proferida pelo próprio paciente.

Uma das principais características de *Doze horas*, e que coaduna com as casas cegas/ o pacto fantasmático de Philippe Lejeune, e o procedimento transferencial de Freud/Lacan, é exatamente a coerência no processo de criação artística – e aqui insistimos na apropriação pelo escritor dessa categoria maior – artista – a qual pertence. Por isso, iniciamos a análise da novela em três camadas com a nossa orientadora de mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, a professora, ensaísta e artista plástica brasileira Maria do Carmo de Siqueira Nino.

Quando se trata da obra de arte *per se*, convém lembrar que ela é frequentemente abordada na linguagem cotidiana como aquela que chamaremos, para efeito de clareza, de *obra específica*, que se liga a um momento na carreira artística de um autor, e de *obra trajetória*, que corresponde ao projeto poético de um dado artista

e, como tal, compreende suas diversas fases e série de obras específicas por ele criadas ao longo de sua carreira. Embora ambas tenham natureza processual, é no caso da obra como trajetória que é posta em evidência a necessidade de um melhor conhecimento e o conseqüente acompanhamento crítico das obras de cada período. Deste modo, compreende-se a coerência interna que mobiliza o artista.²⁰

Com a diferenciação de obra específica e obra trajetória, Nino nos aponta uma das respostas à pergunta essencial proferida pelo nosso orientador de doutorado, o professor, músico e escritor brasileiro Luiz Antonio de Assis Brasil em suas Oficinas de Criação Literária – Narrativa:

Este romance é para mim?

Doze horas nasceu – também – da necessidade de criar o projeto de um romance ou de uma novela durante os doze meses (2016) como aluna especial do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Como citado na segunda camada, a novela nasceu em uma viagem de quase doze horas, mas, em vez do voo Porto Alegre-Lisboa de Arabella Fantini (da primeira camada) e Manoela (da segunda camada), ocorreu com Patricia Gonçalves Tenório (da terceira camada) o voo de Lisboa a Porto Alegre, em retorno dos lançamentos de seu livro de contos *Vinte e um/Veintiuno*, para assistir às aulas da pós-graduação em Escrita Criativa.

Além das camadas de realidade e ficção que aprofundaremos mais adiante, gostaríamos de salientar o caráter terapêutico – e aqui chamamos de reparador – que Lacan/Freud nos traz no procedimento transferencial acima exposto e que as repetições dos acontecimentos (de maneira atualizada) e preenchimento da carcaça da autobioficção até a elaboração podem suscitar.

Chamamos atenção à nomenclatura “reparador”. O nome da personagem principal da primeira camada de nossa novela, Arabella (Fantini), é retirado do romance de Ian McEwan, *Reparação* – como vimos na segunda camada com Manoela, a estudante de doutorado em Escrita Criativa, que não possui sobrenome.

Em 2005, publicamos a biografia romanceada *O major* – eterno é o espírito. A convite da família paterna, em homenagem ao centenário de nascimento do patriarca José

²⁰ NINO, Maria do Carmo de Siqueira. Aventuras artísticas: incoesão e coerência. In: *Revista Tatuí*. nº 4. Recife: Ed. Clarissa Diniz e Ana Luisa Lima, 2008.

Tenório de Albuquerque Lins, entrevistamos (mais de cinquenta entrevistas) amigos e parentes, descobrimos segredos antigos, e construímos, no presente e no passado, em uma dupla terceira pessoa do singular – o major e a neta Patricia –, a biografia romanceada de uma família do interior de Alagoas.

Estavam na varanda da Casa-Grande. Tardinha, o céu já escurecendo, os pombos passando em revoada. Ele apontava para a mata. As mãos... Estavam sujas de graxa. Ela não se importava.

Tão pequena, grandes óculos, arame atrás das orelhas para segurar. Melhor parte do dia, colocar no colo a Professorinha, apelidou. Contar histórias, repetia sempre a mesma e ela nem percebia. Tomara que não descubra, tomara. Não sabia tantas histórias bonitas assim, vida difícil. As mãos pequeninas sumiam nas dele, rudes, tanto trabalho, pouca instrução.²¹

O major foi lançado em Maceió, mas não em Recife e no restante do país. Por causa de uma frase proferida por uma das personagens-reais, frase não percebida pela família na revisão e não autorizada depois do primeiro lançamento, a autora de nossa tese teve de abdicar de um sonho: lançar o primeiro livro na cidade natal.

Mas, com *As joaninhas não mentem* (2006) como fábula-adulta, a autora de nossa tese fez as pazes com a literatura. Se não é possível falar do real, então por que não fazer ficção? Esta é uma das primeiras respostas (“decisivas”) à pergunta de nosso orientador: “Este romance é para mim?”

Um milagre adentrando janelas da fazenda iluminada. O milagre possuindo nome, o nome forte que a mãe lhe dava: Ariana.

Entre sangue e lençóis a menina nascia. O pai, só perguntas. A mãe... Surpresas. E se encantando, a criada também se encantava. Era um destino mudado, traçado e esperado. Por Ária.²²

De fábula em fábula, depois de *As joaninhas*, segue a releitura do mito em *Como se Ícaro falasse* (2012), até aterrizar em outra fábula-adulta, *A menina do olho verde* (2016). Esses três livros – principalmente – nasceram como resposta aos “longos,

²¹ TENÓRIO, Patricia. *O major: eterno é o espírito*. Recife: Edição do autor, 2005, p. 19.

²² Idem. *As joaninhas não mentem*. Rio de Janeiro: Calibán, 2006, p. 15.

perigosos, tortuosos caminhos” da realidade que se impôs em ficção. Cada um deles transporta algum segredo, toca o mito individual da autora e reverbera em criação.

“Ícaro, sentes a largura em tuas asas?

Sentes que podes percorrer o mundo com elas e não mais voltar?

Não importa como aqui chegamos ou aonde vais. O que importa é o bater das asas, acelerar o pulso.

Queres o outono das estações, tolo que és! Apreende o instante, isso basta. Não mais augúrios de Minotauro nem sonhos, para que sonhar? Esquece ao que vens, te encerres no exato instante em que te encontras. Não penses em nada, por que pensar?

Não percas tempo em pensamentos, sai de ti, sai de ti, eu sairei de mim agora.”²³

Passaram-se os meses, contaram-se os anos até começar aquele Barulho e a paz ser perturbada na cidade daquela gente. Manoela nutria-se de Mariana e Mariana se encantava com as mãos abertas à procura de saber. Por isso não se preocupou quando a Comissão bateu a sua porta exigindo um Interrogatório com a menina do olho esverdeado.²⁴

Doze horas deseja ligar as duas pontas da escrita da autora de nossa tese. Deseja reunir em uma “obra específica” signos da “obra trajetória”. Deseja reparar o que não foi transformado em realidade há quase treze anos com *O major*. É nesse “interstício” que a autoficção pode se inserir.

Tomemos os quadros de Lejeune e Tito/Lacan/Freud anteriormente apresentados, e apliquemos em nossa tese. Vimos Lejeune afirmar anteriormente que os leitores são convidados a lerem os romances como ficções remetendo a fantasmas reveladores do indivíduo, denominando esse pacto autobiográfico de “pacto fantasmático” – pacto que, como vimos, não se encontra explicitado no quadro acima, na Figura I, mas de maneira subliminar. Por sua vez, Tito/Lacan nos apresentam, na Figura II, “a correspondência estrita entre esses elementos iniciais da obsessão subjetiva e o desenvolvimento último da obsessão fantasmática”.²⁵

²³ Idem. *Como se Ícaro falasse*. Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2012, p. 12.

²⁴ Idem. *A menina do olho verde*. Recife: Raio de Sol, 2016, p. 16.

²⁵ LACAN, Jacques. Op. cit., p. 56.

A partir desses conceitos fantasmagóricos de Lejeune, Freud, Lacan, Tito... e a cura (pela escrita) que o processo transferencial fornece, nos apropriamos deles, reatualizamos o conceito de carcaça apresentado em nossa dissertação de mestrado *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural, e que o poeta inglês romântico John Keats inaugurou, para criarmos o quadro da Figura III, e apresentarmos o nosso pacto autobioficcional.

Na nossa dissertação de mestrado, descobrimos o conceito de carcaça em uma carta de 27 de outubro de 1818 escrita por Keats a Woodhouse.

Quanto à personalidade poética em si (quero dizer essa espécie à qual pertença, se sou alguma coisa; essa espécie diversa do sublime wordworthiano ou egotístico...), ela não é ela própria – ela não tem eu – é tudo e é nada – não tem personalidade – aprecia a luz e a sombra – vive no prazer, seja ela má ou boa, alta ou baixa, rica ou pobre, vil ou nobre – tem deleite igual ao conceber um Iago ou uma Imogênia. O que choca o filósofo virtuoso deleita o poeta camaleão. [...] O poeta é o mais impoético de tudo o que existe, porque não tem identidade, continuamente adentra e enche outro corpo. O sol, a lua, o mar e os homens e mulheres, que são criaturas de impulso, são poéticos e têm um atributo imutável; o poeta não tem nenhum, nenhuma identidade. É certamente a mais impoética de todas as criaturas de Deus.²⁶

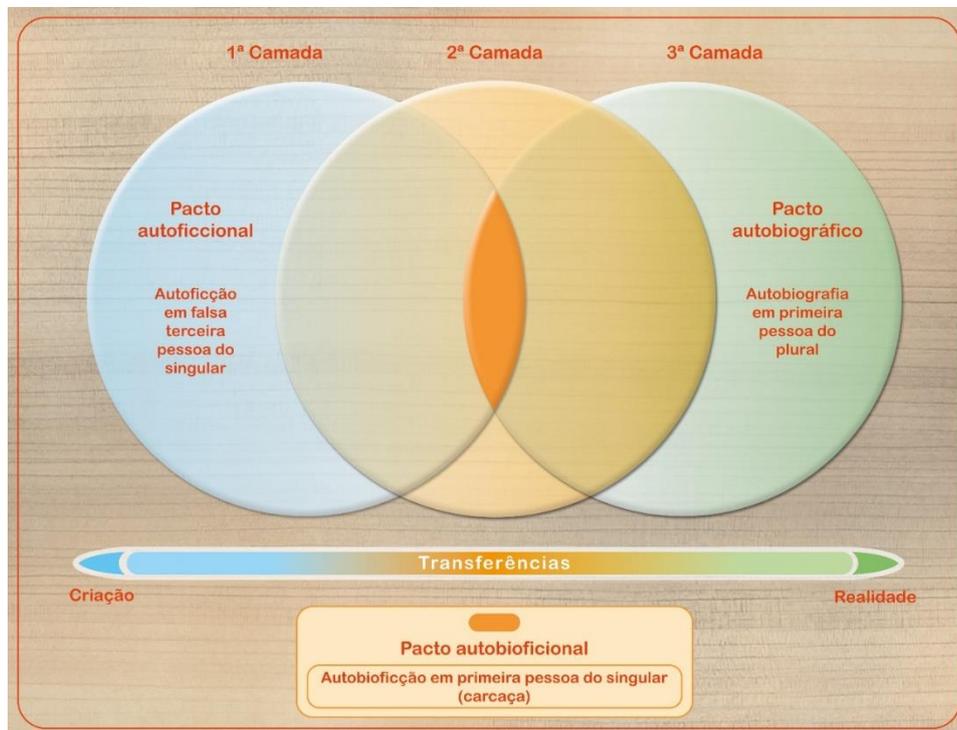


Figura III: Pacto autobioficcional de Patricia Gonçalves Tenório.

²⁶ KEATS, John. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*. Organização e tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, (1818 in) 2010, p. 35-36.

Na primeira camada da narrativa, em falsa terceira pessoa do singular, a nossa personagem fictícia, Arabella Fantini, possui nome, sobrenome e história diferentes da narradora da segunda camada – em primeira pessoa do singular, Manoela, sem sobrenome, e nome tomado emprestado da personagem principal de *A menina do olho verde* –, e da terceira camada – a autora da tese, Patricia Gonçalves Tenório, em primeira pessoa do plural. Mas, ao nos aproximarmos do pacto autobiográfico na terceira camada, no presente ensaio teórico, e mais adiante nos Diários de Bordo, vamos preenchendo a carcaça da “correspondência estrita” entre os “elementos iniciais da obsessão subjetiva” e o “desenvolvimento último da obsessão fantasmática”, até atingirmos a “cura” transferencial que possibilita a reparação de maneira ficcionalizada dos traumas da autora de nossa tese em (ao menos) três camadas, as quais estariam “deslizando”, “uma história dentro da outra”, no mesmo espaço sombreado do quadro reservado ao pacto autobiográfico.

Tentaremos aplicar esse “espaço sombreado” do quadro teórico de Tenório em trechos de *Doze horas*, assim como nos Diários de Bordo que acompanharam – e continuarão acompanhando até a defesa – a construção da presente tese.

Cenas de vários Diários de Bordo

Em “Querida tela... diário e computador”, os depoimentos da pesquisa realizada por Philippe Lejeune coincidem com alguns dos motivos de termos escolhido escrever a nossa novela em forma de “diário imaginário” no laptop em um avião.

A convergência dos cinco depoimentos que vamos ler me impressionou. Todos atribuem ao computador o mérito de ser uma espécie de escuta terapêutica que decanta o que se quer dizer, que permite, graças à neutralidade da tipografia, ser objetivo, fugir de si mesmo, se distanciar. Outros fatores intervêm, como veremos: a posição face a face, a possibilidade de corrigir e, especialmente, a fantasia de ter um leitor desconhecido. O distanciamento benéfico permite que pessoas que sofrem, desgostosas com sua escrita ou bloqueadas no silêncio, encontrem um caminho em direção a si. Há, certamente, um lado dramático nas experiências contadas, mas pode-se concluir que, minimamente, para um certo

número de pessoas, o computador permite realizar melhor do que o caderno as funções do diário: a expressão e a deliberação.²⁷

Uma das vantagens do diário virtual é que, muito mais do que o diário escrito à mão, nos afastamos tanto de nós mesmos que nos transformamos em personagem. E, para melhor se narrar um trauma, é preciso esse afastamento.

Além do afastamento no processo, colocarmos este ensaio teórico na primeira pessoa do plural (apesar de sob o nome de Patricia Gonçalves Tenório) possibilita uma análise mais racional do que temos em nossas mãos. A terceira pessoa do singular em Arabella Fantini potencializa a ficção, o que nos prepara para a escrita da segunda camada, entre o real e a criação, “em transferências”, na primeira pessoa do singular, com o nome (Manoela) de outra personagem de Tenório, mas sem sobrenome.

De 7 de março de 2016 em diante, antes, durante e depois da escrita da tese, utilizamos anotações de dezesseis diários (seriam dezessete, mas um deles se perdeu nas inúmeras viagens de avião) em forma de cadernos. A escrita em caderno é a mais próxima da intenção da autora do nosso estudo, mas revela demais e não possibilita uma análise tão empírica. Ao se transpor dos diários em forma de caderno para o computador trechos referentes à construção da tese, respeitando a ideia original, apenas revisando a gramática, consegue-se desenhar um panorama geral do processo, além de prefigurar na terceira camada de realidade (Diários de Bordo) o que será preenchido “em graus” de ficção, em “deslizamentos” de narrativa, entre a primeira e a segunda camada de nossa tese.

Vejamos alguns exemplos nas três camadas (explicitaremos mais as camadas nesses primeiros exemplos).

Terceira camada (autobiografia de Patricia nos Diários de bordo):

Diário LXXXI
[...]
10/04/2016 18h05

Estou no avião para decolar de Recife para Lisboa.²⁸

²⁷ LEJEUNE, Philippe. Op. cit., p. 327.

²⁸ TENÓRIO, Patricia Gonçalves. Diários de Bordo. In *Doze horas*. Obra em construção, p. 126, colchetes nossos.

[...]
14/04/2016 10h35

Estou no avião de Lisboa para Porto Alegre. Tive bastante sono antes de embarcar, mas agora estou desperta e tentarei terminar de ler *O acorde de Tristão*, de Hans-Ulrich Treichel.²⁹

[...]
09/12/2016 06h09

Já são 06h09. Demorei mais para fazer essa reflexão, porque fui reler este diário e vão surgindo várias ideias para o romance. Entre elas, uma espécie de diário eletrônico que Arabella escreve durante o voo de doze horas de Porto Alegre para Lisboa.³⁰

Primeira camada (autoficção de Arabella):

Hora I

Arabella abre o laptop e fica esperando. Nada. Silêncio. Nem um suspiro de inspiração. Digita uma letra, hesitante. Volta com o cursor e apaga. Insiste em outra letra. Parece que agora conseguirá formar uma palavra, a palavra inaugural. Ainda não. Olha pela janela. Os personagens no mesmo lugar. O carregador com as bagagens. O bombeiro do abastecimento perto da mangueira de combustível.³¹

[...]

Enxergue.

Um rapaz se aproxima de Arabella, alto, magro, calvo, óculos, vestindo camisa branca e calças pretas; ele se aproxima de onde ela está sentada; ela faz de conta que não o vê se aproximar, ela faz de conta que não o vê sentar-se ao lado, disfarçada em digitar um diário imaginário em pleno avião.³²

Segunda camada (autobioficção de Manoela):

A tecnologia

[...]

Porque contar uma história que aconteceu é muito fácil; difícil é contar uma possibilidade, pois a história de meus pais não foi digitada em um computador pessoal. Ela foi contada boca a boca, para mim, filha mais velha, e depois para

²⁹ Idem. Diários de Bordo. In Op. cit., p. 127, colchetes nossos.

³⁰ Idem. Diários de Bordo. In Op. cit., p. 145, colchetes nossos.

³¹ Idem. Op. cit., p. 10.

³² Idem. Op. cit., p. 12, colchetes nossos.

meus irmãos. Como passar do oral para o escrito no papel, do escrito no papel para o escrito a máquina, e máquina de laptop, escrita digital?³³

[...]

Sento à janela, e vejo os carregadores com as bagagens, o bombeiro do abastecimento perto da mangueira de combustível. Bem de longe vem, e mais perto, e senta ao meu lado, alto, magro, calvo, óculos, vestindo uma camisa branca e calças pretas, o meu personagem de ficção.³⁴

Analisando os exemplos sob o quadro do pacto autobiográfico, encontramos os trechos da primeira camada “principalmente” no círculo da autoficção “e” contidos no espaço sombreado – o acontecimento meio real, meio fictício da estudante de doutorado da segunda camada é reproduzido na primeira camada. Os trechos da terceira camada habitam “principalmente” o círculo da autobiografia “e” contidos no espaço sombreado – inverte-se o sentido do voo (em vez da realidade de Lisboa-Porto Alegre, ficcionaliza-se para Porto Alegre-Lisboa). A *persona* (Manoela) sem sobrenome da segunda camada “se transfere”, “desliza” entre as *personas* dos círculos da autoficção (Arabella Fantini) e da autobiografia (Patricia Gonçalves Tenório) – é e não é realidade ao mesmo tempo, é e não é autoficção.

Tomemos outros exemplos – não comprometedores à autora da tese – nas nossas três camadas, que sejam, ao mesmo tempo, realidade e ficção, e que realizem essa transferência, esse deslizamento: a autobiografia.

Experiência de Patricia Gonçalves Tenório em 2010 na New York Film Academy:

Primeira camada:

Beatriz preferia as imagens às palavras. As imagens cinematográficas. Aos dezessete anos foi para Nova York aprender cinema. A irmã mais nova um ano enviava para Arabella cartões-postais de fotografias da cidade, dos artistas preferidos de cinema, e não precisavam de palavras para as duas irmãs se comunicarem. Como se fosse uma série de quadrinhos de histórias infantis, que não precisam de palavras para fazerem sentido, dizerem uma à outra por onde passou, que filme assistiu, ou a nova técnica apreendida na escola de cinema.³⁵

³³ Idem. Op. cit., p. 83.

³⁴ Idem. Op. cit., p. 84.

³⁵ Idem. Op. cit., p. 21.

Terceira camada:

Diário LXXXII

[...]

25/01/2017 11h54

Revisando o texto, lembrei que eu ia falar em *A rosa púrpura do Cairo* do pôr do sol a que Arabella assiste ainda criança, quando viaja na companhia aérea na qual o pai trabalha. Talvez eu mude também os subcapítulos sobre cinema em Anabella para falar mais sobre o que aprendi na NYFA.³⁶

Experiência da adaptação de *As joaninhas não mentem*, de Patricia Gonçalves Tenório, para o teatro em 2011:

Terceira camada:

Diário LXXXII

[...]

12/01/2017 11h06

[...]

Capítulo III – Ariana – Teatro – Experiência da adaptação de *As joaninhas não mentem*³⁷

Primeira camada:

Walter era casado com uma amiga da segunda irmã mais nova de Arabella. Eles se conheceram em Recife na estreia da adaptação da peça de Shakespeare, “Romeu e Julieta”, pelo Grupo de Teatro no qual a amiga e a segunda irmã mais nova de Arabella trabalhavam. As amigas-atrizes foram escutar a entrevista do diretor do grupo. O diretor queria dar um sentido pop ao espetáculo. Trouxe músicas desse estilo que ainda não eram muito conhecidas e inseriu-as nos trechos principais. O tom do figurino e do único cenário foi o branco, pois representava o Amor, mas não no sentido de Amor Paixão, e sim no sentido de Amor Pureza. As músicas pop e a projeção de luzes coloridas sobre o branco suavizavam essa tragédia conhecida há tempos imemoriais.³⁸

Interferência das *personas* escritoras da segunda camada (Manoela) e terceira camada (Patricia) na *persona*(gem) museóloga da primeira camada (Arabella):

Primeira camada:

³⁶ Idem. Diários de Bordo. In Op. cit., p. 154.

³⁷ Idem. Diários de Bordo. In Op. cit., p. 149.

³⁸ Idem. Op. cit., p. 21.

Arabella se prepara para um espaço imaginário. Para entrar na ficção. E, enquanto tenta absorver os perfumes do presente, escutar nos detalhes os sons daquele início de voo, o toque da ponta dos dedos no teclado ergométrico do laptop, os rostos dos passageiros ao redor na tentativa de adivinhar as suas vidas, o sabor da saliva grossa, espessa, em sua boca, enquanto ela concentra os cinco sentidos naquele início de voo internacional, algo muito grande a incomoda, algo que vem de longe, de uma cena atávica, um personagem que não consegue nomear. Um personagem que pode ser ela mesma, há alguns minutos, algumas horas, muitos anos. Uma náusea reúne todos os sentidos, mistura todos os sentidos como se fossem um só.³⁹

[...]

Cartas trazem do outro traços da personalidade que muitas vezes os e-mails não conseguem demonstrar. A carta do curador renomado revelava uma caligrafia segura, elegante, precisa, nem uma linha a mais, nem uma linha a menos. Apenas apresentando a obra de Fernandes Vieira, as fotografias das esculturas de Fernandes Vieira, e os esboços escaneados. E daquelas letras desenhadas, daquela caligrafia segura, Arabella começou a forjar um perfil dos dois personagens, o curador e o escultor que conheceu seu pai.⁴⁰

[...]

Ela não contava com o inesperado do ser humano. Muitas vezes o personagem não obedece aos nossos planos, deseja ir para a direita quando queremos que vá para a esquerda. Deseja trilhar o bem, quando tentamos forjá-lo no mal. E Walter parecia dizer a verdade. Tão verdade que Arabella sentiu nos ossos. Procurou uma saída – sempre há uma saída para o não querer.⁴¹

[...]

No princípio da conversa com Marcelo, Arabella responde com monossílabos; depois, dissílabos; na primeira meia hora estão entabulando frases. Porque o diálogo é difícil de se construir. Para que o diálogo se entabule, é preciso deixar passar a verdade dos personagens através das frases, as características dos personagens através das palavras, e com isso podemos acreditar, e com isso queiramos segui-los durante toda a narrativa.⁴²

[...]

Marcelo se vira para Arabella como se estivessem ligados por um fio. O fio de marionetes sendo movimentado nos personagens, e os personagens pensam agir sós. Ela tenta retomar o controle do personagem. Tenta retomar as rédeas da narrativa quando se aproximam da metade do voo de longas doze horas, de setecentos e vinte minutos, de quarenta e três mil e duzentos segundos de viagem,

³⁹ Idem. Op. cit., p. 13.

⁴⁰ Idem. Op. cit., p. 20.

⁴¹ Idem. Op. cit., p. 22.

⁴² Idem. Op. cit., p. 27.

que ela perfaz para se encontrar com seu destino, que ele insiste em desviar-se do caminho.⁴³

[...]

A bateria do laptop anuncia que vai acabar, e a história nem chegou ao centro, nem chegou ao ponto de alteração da personagem. O que se deve fazer para aumentar a tensão? O que fazer para preencher o tempo com significado, a tela com uma história que está acontecendo no exato instante em que está sendo digitada?⁴⁴

[...]

E dos três filhos de que Arabella – que não se chama Arabella – poderia ser mãe se ainda fosse casada com Marcelo – que não se chama Marcelo. E da carreira de escritora, o mestrado em Teoria da Literatura, o doutorado em Escrita Criativa que não poderia ter seguido se ainda fosse casada com Marcelo – que não se chama Marcelo.⁴⁵

Além da fluidez entre as camadas, que já foi anunciada nos conceitos fantasmagóricos de Lejeune, Freud, Lacan, Tito, e na cura pela transferência de Freud/Lacan, no qual a repetição leva à elaboração, à “reparação” de Ian McEwan, para o(a) leitor(a) preencher a “carcaça” com o gênero literário que melhor lhe aprouver...

Primeira camada:

Como se pode escutar os pensamentos dos outros? Como se pode viver a vida dos outros? Ela ensaia escrever no diário imaginário do laptop. O diário toma corpo inundado pelas memórias e expectativas, percebido nos sons e murmúrios da noite sem pátria do avião.

Porque no avião não se tem pátria, não se tem história, não se é ninguém. Apenas uma portadora de algum significado, e a portadora se preenche no exato instante em que percebe o significado. Como se fosse uma carcaça.⁴⁶

[...]

Ela não acredita em coincidências, mas elas se revelam ali, na hora VIII do voo para Lisboa; ela escuta tudo o que ele fala, porque isso é o mais importante agora, faz de conta que nada sabe, e deixa que ele fale mais, e que se revele mais, para, quem sabe, vir outra turbulência, ela segurar novamente com a mão direita a mão

⁴³ Idem. Op. cit., p. 38.

⁴⁴ Idem. Op. cit., p. 51.

⁴⁵ Idem. Op. cit., p. 57.

⁴⁶ Idem. Op. cit., p. 195.

esquerda de Marcelo, o poder prefigurativo de quem escreve preencher a quem lê, e ele descobrir que Otávio foi o primeiro amor de Arabella.⁴⁷

... encontramos os ecos prometidos do espelhamento por todo o texto.

Na leitura de um livro dentro de um livro:

Primeira camada:

Ela folheia as páginas amareladas do livro. Demora a voltar para a primeira página e começar a relê-lo. Por que o medo? Por que a paralisia? Será porque se passou tanto tempo e não é mais a mesma de quando o leu pela primeira vez aos quatorze anos? Quando estava deitada no sofá da casa de seus avós em Recife, lendo *Não matem as flores*, de J. M. Simmel, e Michel entrou, alto, magro, oito anos mais velho, e perguntou qual o seu nome.⁴⁸

[...]

A ideia de *O vaso* surgiu com Arabella pequena, com o pai ainda presente, Arabella ainda enxergando as cores e escutando as risadas das irmãs junto ao pai em um dia de domingo. E era um domingo bom.

[...]

Por isso escreveu em Recife a primeira versão do texto que nem considera literatura. Por isso, na aula de redação, a professora mandou escrever sobre algo que marcou profundamente a vida. Que usasse todos os sentidos para que ficasse mais real. E Arabella retirou todos os sentidos de Joshua, deixou-lhe apenas o tato, para que ele recuperasse o vaso que um dia ela mesma quebrou, o vaso que poderia conter toda a explicação de sua vida, e por que o pai anos depois fugiu de casa, e por que Otávio nunca deu notícias do lugar para onde se mudou, e por que ela nunca mostraria para alguém aquele texto que considerava literatura ruim, nem considerava literatura.⁴⁹

Nas frases que se conectam em contextos diferentes, em personagens diferentes, feito estivessem ligadas por um mesmo fio:

Primeira camada:

Otávio parecia com o rapaz ao lado. A melhor amiga de Arabella, mais adiante, dirá que ele era perfeito demais para ser verdade. Depois do acidente, o menino de São Paulo a levava todos os dias para casa. E ela andava bem lentamente para

⁴⁷ Idem. Op. cit., p. 49.

⁴⁸ Idem. Op. cit., p. 25.

⁴⁹ Idem. Op. cit., p. 46.

poder conversar mais com Otávio. Ele sabia todos os assuntos. E ela queria saber mais.⁵⁰

[...]

Um dia, Arabella saiu com a melhor amiga para assistirem no cinema ao documentário do U2, *Rattle and Hum*. A melhor amiga dizia para Arabella esquecer Otávio, que ele não iria mais voltar, que ele era perfeito demais para ser verdade. Otávio com o sotaque paulista. A amiga continuava, com sua língua presa, a dizer que Michel era mais interessante, mais velho, mais maduro, e estava em Recife. Possuía até um Monza preto quatro portas, e poderia ensinar Arabella a dirigir.⁵¹

[...]

Então é na conversa que tudo deve se revelar. Eles começam a conversar de maneira mais amena, e perguntam o trivial. Marcelo diz o nome e o sobrenome, e Arabella descobre que ele é o irmão mais velho de Otávio, que, sem querer, a fez derrubar a garrafa de coca-cola no chão do pátio da escola e passarem os últimos meses de quando ele estava em Recife conversando sobre tudo, porque ela queria saber.⁵²

“Parece uma menina pequena, ali, dizendo o nome para o rapaz ao lado que se chama Marcelo. Ele percebe e sorri. Não, ele percebe e ri. E ri de um jeito sincero, ela pensa. E pensa de um jeito aberto, ela ri. E começam uma conversa amena.”⁵³

[...]

Arabella os veria subindo para Gramado pela Rota Romântica. O irmão pede para abrir a janela do carro para que os dois aspirem o ar frio em seus pulmões. Marcelo sorri. Não, Marcelo ri. E ri de um jeito sincero, o irmão pensa. E pensa de um jeito aberto, Marcelo ri. E Otávio grita com o carro derrapando na estrada para se desviar de um caminhão.⁵⁴

A transferência entre as camadas também se encontra na teoria e na ficção amalgamadas dos trechos informativos...

⁵⁰ Idem. Op. cit., p. 18, sublinhado nosso.

⁵¹ Idem. Op. cit., p. 25, sublinhado nosso.

⁵² Idem. Op. cit., p. 49, sublinhado nosso.

⁵³ Idem. Op. cit., p. 26, sublinhado nosso.

⁵⁴ Idem. Op. cit., p. 48, sublinhado nosso.

Primeira camada:

Ela escreveu um artigo no mestrado sobre a tela de Pieter Bruegel, “A Queda de Ícaro”, que representa o final trágico do filho do construtor do labirinto do Minotauro, Dédalo, labirinto no qual pai e filho permaneceram presos até o mítico primeiro voo de um homem. Na pintura a óleo, no canto inferior direito, Ícaro encontra-se de pernas para o ar, no momento exato da sua queda no Mar Egeu.⁵⁵

[...]

O rapaz ao lado a olha diretamente, a olha insistente e Arabella se sente enrubescer das bochechas até a raiz dos cabelos. Ela tenta um sorriso. Ele antecipa a sua voz. Olá. Eu me chamo Marcelo. Qual é o seu nome? Ela não sabe responder, não consegue juntar as letras e pronunciar o próprio nome. Mas lembra que Michel Onfray dizia em *Teoria da viagem* que na viagem de avião se perde a timidez, e podemos falar tudo com a pessoa ao lado, e dali não passariam, dali não continuariam a relação. O que a faz se acalmar e pronunciar o próprio nome. A-ra-be-lla. Como se participasse de um concurso de soletrar.⁵⁶

[...]

Existe um arquivo no laptop de Arabella sobre a Síndrome de Alienação Parental, termo proposto por Richard Gardner. A Síndrome narra a situação na qual um dos ex-cônjuges, depois da separação, tenta denegrir a imagem do outro, causando traumas muitas vezes irreversíveis no sistema psíquico da criança.⁵⁷

... ou mesmo a autorreferencialidade dos exemplos elencados da nossa própria tese.

Conclusões em transferências

Uma tese sob o pacto autobiográfico não poderia encerrar de maneira estática, mas, sim, em transferências, aberta a vários deslizamentos.

Entre tantos textos autobiográficos que foram despertados no estudo da autobiografia e da autoficção no presente ensaio, ou por citação dos teóricos aqui mencionados, ou por intersemiose de conexões, trazemos, no apagar das luzes das “Conclusões em transferências”, dois textos considerados, do nosso ponto de vista – “nosso”, de Patricia Gonçalves Tenório do ensaio teórico da terceira camada, da estudante

⁵⁵ Idem. Op. cit., p. 17.

⁵⁶ Idem. Op. cit., p. 26.

⁵⁷ Idem. Op. cit., p. 31.

Manoela “menos ficcional, mais realidade” da segunda camada, de Arabella Fantini “mais ficcional, menos realidade” da primeira camada –, trazemos duas citações externas, dois textos considerados fundamentais para uma autobioficção.

O primeiro deles foi escrito em forma de carta a um irmão. Chama-se *Cartas a Theo*, do pintor holandês Vincent van Gogh (1853-1890).

Acho, no que me concerne, que existe na vida de cada pintor um período de tentativas, e acredito que já tenha passado por isto há algum tempo. Por outro lado, que em mim tudo avança regular mas seguramente e que, mais tarde, através de um trabalho melhor, terei uma visão retrospectiva do que estou fazendo hoje, que ressaltará melhor o que há nisto de simples e de verdadeiro, e – já que você mesmo o diz – uma maneira vigorosa de conceber e de ver as coisas.⁵⁸

Van Gogh realiza em suas cartas algo que nos inspirou na construção deste diário imaginário em doze horas de avião. Ele realiza uma retrospectiva do passado, transporta-se com esperança para o futuro, registra cada mínimo detalhe do presente. Porque a arte é feita de detalhes.

A nossa última citação externa vem em forma do espelhamento que ele próprio utilizou. No *Diário* sobre o seu primeiro e único romance, *Os moedeiros falsos*, André Gide, nos apresenta, por sua vez, a citação do grande amigo (a quem Gide dedica o “primeiro romance”), o escritor francês Martin du Gard.

Martin du Gard comunica-me esta citação de Thibaudet:

“É raro que um autor que se expõe num romance faça dele um indivíduo semelhante, quero dizer, vivo... O romancista autêntico cria suas personagens com as direções infinitas de sua vida possível; o romancista factício as cria com a linha única de sua vida real. O gênio do romance faz viver o possível; não faz reviver o real.”⁵⁹

E a última citação interna foi retirada desta terceira camada da nossa tese, deste ensaio teórico, na autorreferencialidade que acima citamos, e que nos permitiu transferências entre as *personas*, deslizamentos entre histórias, transitando entre a teoria e a ficção, transformando vida em arte, nessas “*Doze horas: o mito individual em uma autobioficção*”.

⁵⁸ VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Theo*. Tradução: Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, (1882 in) 2007, p. 104 – (Coleção L&PM Pocket).

⁵⁹ GIDE, André. *Diário dos moedeiros falsos*, p. 110.

Terceira camada:

Doze horas: o mito individual em uma autobioficção
[...]

Uma das vantagens do diário virtual é que, muito mais do que o diário escrito à mão, nos afastamos tanto de nós mesmos que nos transformamos em personagem. E, para melhor se narrar um trauma, é preciso este afastamento.

Além do afastamento no processo, colocarmos este ensaio teórico na primeira pessoa do plural (apesar de sob o nome de Patricia Gonçalves Tenório) possibilita uma análise mais racional do que temos em nossas mãos. A terceira pessoa do singular em Arabella Fantini potencializa a ficção, o que nos prepara para a escrita da segunda camada, entre o real e a criação, “em transferências”, na primeira pessoa do singular, com o nome (Manoela) de outra personagem de Tenório, mas sem sobrenome.⁶⁰

O resultado da construção da presente tese está no alargamento da escrita de nossa autora, alimentada pelos teóricos e ficcionistas que descobriu nesses três anos de Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo contato com os colegas e professores em sala de aula, comprovando que não se paralisa a ficção ao se mergulhar na teoria, que pode-se apreender técnicas novas de escritura em ambiente acadêmico, em muito mais de *Doze horas* inscrever a própria história no mito individual de uma autobioficção.

⁶⁰ TENÓRIO, Patricia Gonçalves. *Doze horas*: o mito individual em uma autobioficção. In *Doze horas*. Obra em construção, p. 88 e 106, colchetes nossos.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução: L. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, (397 in) 2013 – (Vozes de Bolso).

ALVES, Cauê. Luz e matéria. In DUARTE, Paulo Sérgio. *Sergio Camargo: luz e matéria*. Porto Alegre, RS: Fundação Iberê Camargo, 2006.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In *O rumor da língua*. Prefácio: Leyla Perrone-Moisés. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*. Tradução: Claudia Berliner. Revisão técnica: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, (1920 in) 2006 – (Tópicos).

_____. *A evolução criadora*. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, (1907 in) 2010.

CAMPBELL, Joseph. V - A saga do herói. In *O poder do mito*. Com Bill Moyers. Organização: Betty Sue Flowers. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

COETZEE, J. M. *Infância: cenas da vida na província*. Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O sonho de um homem ridículo. In *Duas narrativas fantásticas*. Tradução: Vadim Nikitin. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. *Os irmãos Karamázov*. Tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Desenhos: Ulysses Bôscolo. São Paulo: Ed. 34, (1890 in) 2008.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *A aventura de Miguel Littín clandestino no Chile: uma reportagem*. Tradução: Eric Nepomuceno. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, (1985 in) 2014.

GIDE, André. *Diário dos moedeiros falsos*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, (1927 in) 2009.

_____. *Os moedeiros falsos*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, (1925 in) 2009.

LACAN, Jacques. O mito individual do neurótico. In *O mito individual do neurótico*. Tradução: Brigitte Cardoso e Cunha, Fernanda Bernardo, Margarida Medeiros, Tito Cardoso e Cunha. Prefácio: Tito Cardoso e Cunha. Lisboa: Assírio & Alvin; Edição 124, 1987.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Tradução: Isabel Saint-Aubyn. Lisboa, Portugal: Edições 70, (1965 in) 2015.

MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Tradução: Paulina Wacht e Ari Roitman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2015.

NINO, Maria do Carmo de Siqueira. Aventuras artísticas: incoesão e coerência. In: *Revista Tatuí*. nº 4. Recife: Ed. Clarissa Diniz e Ana Luisa Lima, 2008.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

REY, Marcos. *O mistério do 5 estrelas*. Ilustrações: Alê Abreu. São Paulo: Ática, 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução: Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, (1776-1778 in) 2008.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Tradução: J. Guinsburg. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1964 in) 2005.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Tradução: Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, (1594 in) 1998.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Texto revisado e cotejado: Carlos Newton Júnior. 5. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.

TAHAN, Malba. *O homem que calculava*. 55ª edição. São Paulo: Record, (1938 in) 2001.

TENÓRIO, Patricia. *O major: eterno é o espírito*. Recife: Edição do autor, 2005.

_____. *As joaninhas não mentem*. Rio de Janeiro: Calibán, 2006.

_____. *Como se Ícaro falasse*. Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2012.

TENÓRIO, Patricia (Gonçalves). *A menina do olho verde*. Recife: Raio de Sol, 2016.

TENÓRIO, Patricia Gonçalves. *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural. Saarbrücken, Alemanha: OmniScriptum GmbH & Co. KG, Novas Edições Acadêmicas, 2016.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Theo*. Tradução: Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2007 – (Coleção L&PM Pocket).

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Organização: Nicholas Frankel. Tradução: Jorio Dauster. Ed. anotada e não censurada. São Paulo: Globo, (1890 in) 2013 – (Biblioteca Azul).

Referências Cinematográficas

Amadeus. 1984. 161 min. EUA. Direção: Miloš Forman. Produção: Saul Zaentz. Roteiro: Peter Shaffer. Com Tom Hulce, F. Murray Abraham, Elizabeth Berridge, entre outros.

Quanto tempo o tempo tem. 2016. 76 min. Brasil. Direção: Adriana L. Dutra. Roteiro: Adriana L. Dutra e Flávia Guimarães. Codireção: Walter Carvalho. Produção executiva: Cláudia Dutra & Viviane Spinelli. Produção: Inffinito. Com André Comte-Sponville, Marcelo Gleiser, Arnaldo Jabor, Luiz Alberto Oliveira, Raymond Kurzweil, Domenico De Masi, Monja Coen Sensei, Néida Piñon, entre outros.

Rattle and Hum. 1988. 99 min. EUA. Direção: Phil Joanou. Produção: Michael Hamlyn. Com Bono, The Edge, Adam Clayton, Larry Mullen Jr., entre outros.

Uma janela para o amor. A Room with a View. 1985. 117 min. Reino Unido. Direção: James Ivory. Música composta por: Giacomo Puccini e Richard Robbins. Com Helena Bonhan Carter, Julian Sands, Daniel Day-Lewis, Maggie Smith, entre outros.

Links

ABCMED, 2013. *Acromatopsia ou "cegueira de cores": você sabe o que é?* Disponível em: <http://www.abc.med.br/p/sinais.-sintomas-e-doencas/375735/acromatopsia-ou-quot-cegueira-de-cores-quot-voce-sabe-o-que-e.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ALIENAÇÃO PARENTAL. <http://www.alienacaoparental.com.br/o-que-e>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

A QUEDA DE ÍCARO, DE PIETER BRUEGEL. <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/04/13/923350/conheca-queda-icaro-pieter-bruegel-velho.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

CAPELA DA JAQUEIRA. http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=582. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

DOCES PORTUGUESES. <http://www.estilodevidavg.com/products/doces-portugueses-com-historia/>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ERASED DE KOONING DRAWING – Entrevista com Robert Rauschenberg: http://artforum.com/video/id=19778&mode=large&page_id=22. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ESPETÁCULO AS JOANINHAS NÃO MENTEM: <https://www.youtube.com/watch?v=NIAZzP4XzDg>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS GAÚCHOS NA REPÚBLICA TCHECA. <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/internacionais/2715-29-04-2017->

[republica-tcheca-recebe-exposicao-de-arte-contemporanea-gaucha.html](#) Acesso em: 10 de agosto de 2018.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. <https://gulbenkian.pt/>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

LIVRARIA BERTRAND – CHIADO. <https://www.publico.pt/2011/04/21/culturaipsilon/noticia/livraria-bertrand-do-chiado-e-a-mais-antiga-do-mundo-1490867>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

MARGS. <http://www.margs.rs.gov.br/sobre-o-margs/>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

MECENATO. <https://www.suapesquisa.com/pesquisa/mecenas.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

VILLA-LOBOS, Heitor. Site do Museu Villa-Lobos. Disponível em: <http://museuvillalobos.org.br/villalob/biografi/index.htm>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

WILLEM DE KOONING: WAY OF LIVING. <https://www.youtube.com/watch?v=tFJxdZK15Yo>. Publicado em 27/03/2014. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ANEXOS

Diários de Bordo

Diário LXXV

07/03/2016 13h00

(4º andar do bloco 8 da PUCRS)

Na espera pelo Prof. Assis Brasil para saber se posso assistir como ouvinte/aluna especial à disciplina Oficina de Criação I – Narrativa, pensei no seguinte título:

Na margem dos campos vermelhos (ou escondidos).

08/03/2016 05h43

(No quarto 901 do Hotel/Flat Harbour Regent, centro, Porto Alegre)

Sei que esse medo, essa insônia têm a ver com a insegurança da minha situação de aluna ouvinte da disciplina Oficina de Criação I – Narrativa e de aluna especial da disciplina Teorias da Criação Poética (Prof. Ana Lisboa), têm a ver com o volume de coisas para fazer, têm a ver com a monstruosidade do desafio. Mas, com o estabelecimento de uma rotina, penso que irei conseguir me acalmar mais.

12/03/2016 19h15

Consegui escrever dez páginas de um artigo para o blog no bistrô do Solar da Praça da Matriz, e amanhã digito e reviso. Estou no café do Theatro São Pedro. O espetáculo da OCTSP (RS) será às 20h. Leio na programação um musical inspirado em Mário Quintana:

“As únicas coisas eternas são as nuvens.”

19/03/2016 10h04

Pensei:

Um avião que na realidade é um barco moderno da travessia para o mundo dos mortos. O narrador está vasculhando entre os passageiros aquele que será seu personagem principal.

18h30

Estou no café do Theatro São Pedro para assistir ao espetáculo “Depois do Amor”, última direção de Marília Pêra.

Pensei:

“Que o sonho

Não se transforme

Em velho

Vai e vem

Do dia a dia

Que a hora

Em mim

Apague

Qualquer impressão

De angústia

Qualquer invasão

De penúria

Aposto

Num texto bom

Que há de vir

Entre uma linha

E outra
Entre uma palavra
E o som
Da minha própria
Voz

Até
Imaginar-me
Nua
Diante da
Plateia escura
Dos meus
Ais.”

 (“No Theatro São Pedro”)

22/03/2016 04h54

Pensei em colocar o narrador do romance *Nas margens do caminho vermelho* na primeira pessoa do plural (?) e fazer um Diário de Bordo para entregar toda semana ao Prof. Assis Brasil para ele acompanhar o desenvolvimento do romance, já que sou aluna ouvinte e não posso participar dos seminários. Com isso desbloqueio a paralisia que senti ontem.

27/03/2016 19h49

(Voo de São Paulo para Porto Alegre)

Terminei de ler *O naufrago*, de Thomas Bernhard. Adorei. É bom ler esses livros que me dão ideias para escrever o meu.

A cena inicial é a mesma: um avião, um(a) passageiro(a)-narrador(a) que ao fundo observa os outros passageiros irem entrando e se acomodando até encontrar aquele(a) passageiro(a) que gostaria de “estar em seu lugar”.

A estrutura parece com a do Museu de Gavetas de Herbert Distel. Penso em deixar o narrador sem sexo pelo máximo de tempo possível – tentar até o final. E o personagem principal é um homem, cinquenta anos, que faz a sua primeira viagem para a Europa. *Ele* (como o chamo durante todo o romance) é supermetódico, historiador da arte, um duplo do(a) narrador(a), mas que o(a) narrador(a) deseja descobrir como realmente é: o outro lado da história.

Ver Michel Onfray, *Teoria da viagem: poética da geografia*.

Abel x Caim

Nômade x Não Nômade

Pastoreio x Agricultura

29/03/2016 14h34

Estou no bistrô do Solar. Almocei e acabei de ler “Du Lyrisme”, de Jean Michel Mauldoix. Vou agora ler Jorge Luis Borges, *Esse ofício do verso*, e não posso esquecer a frase inicial de *Nas margens dos caminhos escondidos* que pensei quando estava caminhando no parque Farroupilha:

Você já percebeu que um avião se parece com o Museu de Gavetas, de Herbert Distel?

03/04/2016 15h20

E você já percebeu que um avião se parece com o Museu de Gavetas?...

17h10

Ela é a filha mais velha com três irmãs mais novas. Uma mora em Amsterdã (?), para onde *ela* está indo.

Diário LXXVI

10/04/2016 18h05

Estou no avião para decolar de Recife para Lisboa.

11/04/2016 10h07

(Em Lisboa)

Dormi das 06h45 até umas 09h40.

(...)

Estou com muito sono. Mas vou criar coragem, tomar banho, ir à Livraria Almedina, da Fundação Calouste Gulbenkian (para comprar *O museu imaginário*, de André Malraux), e depois tentar almoçar em algum restaurante vegano para estar no hotel até umas 14h, me arrumar para ir ao lançamento do meu *Vinte e um/Veintiuno* na Biblioteca dos Coruchéus.

12/04/2016 12h05

Já estou no avião para Madri.

(...)

No livro é o pensamento da narradora versus o pensamento do rapaz que senta a seu lado.

Ele é médico.

13/04/2016 08h10

(Em Madri)

Hoje é aniversário de V., 25 anos. É uma data marcante e sei que está mexendo com ele. Mas ele vai ficar bem. B. e D. vão ficar bem. Eu vou ficar bem.

E hoje é o lançamento de *Vinte e um* aqui em Madri. A cidade está linda, o dia está lindo, e agradeço a ti, paizinho, por toda essa porção de vida que estás derramando em cada mínimo instante de hoje.

14/04/2016 10h35

Estou no avião de Lisboa para Porto Alegre. Tive bastante sono antes de embarcar, mas agora estou desperta e tentarei terminar de ler *O acorde de Tristão*, de Hans-Ulrich Treichel. Talvez assista a algum filme depois para relaxar e durma um pouco: me ajuda, paizinho!

A herdeira secreta.

A narradora vai recuperar a tela perdida de Fernandes Vieira.

19/04/2016 06h29

Acordei umas 5h, enrolei até umas 6h, meditei e agora vou fazer as orações para mandar o e-mail para a Livraria (sobre os lançamentos de *A menina do olho verde*). Sinto um peso imenso nesse ato. Mas ainda não acabou. Entendo esse bloqueio quando realizo um sonho, mas outros sonhos nascerão para ficar no lugar do sonho antigo e já realizado...

26/04/2016 11h08

E se as histórias terminassem de maneira diferente? Para cada história há duas versões. Por exemplo: Emma (Bovary), mãe de filhos e feliz; Capitu, fiel a Bentinho.

27/04/2016 07h05

Vou fazer minhas orações, tomar café, tomar banho e começar a estudar logo para dar tempo de hoje à tarde ir para a Fundação Iberê Camargo (em Porto Alegre).

(Anotações na Fundação Iberê Camargo)

(Exposição) “Sérgio Camargo – Luz e Matéria”

O romeno Constantin Brâncuși (influência em Paris);

“Germinal n. 1” – primeira escultura abstrata;
 “Os amantes”;
 “Homenagem a Brâncuși”;
 O aparecimento das fendas;
 Parece música: escultura grande, meia esfera.

01/05/2016 15h25

Estou no portão de embarque aguardando chamarem para o voo de SP. Depois é o de POA.

Vou começar a ler *Reparação*, de Ian McEwan. Depois estudo inglês para a aula de amanhã.

(...)

“Como um avião. Tudo o que existe no avião tem um duplo. Se falhar um, tem o outro.” (Prof. Assis na aula de 25/04/2016)

Descrever um avião – a máquina.

17h50

Um livro de artista de Fernández Vieira: um misto de literatura/poesia e artes plásticas. Cada narrador escreve a partir de um ponto de vista – filosófico, psicanalítico, artes plásticas, histórico...

A dupla face de um (do) caminho cor-de-rosa.

Para cada possível narrador em terceira pessoa criar toda uma história, com exceção das características físicas que serão as mesmas do personagem ao lado da narradora em primeira pessoa.

Está lendo um livro: que livro? Algum livro que fale do duplo?

03/05/2016 13h02

Estou no bistrô do Solar. Vou estudar o último texto da Prof. Ana e terminar/adiantar *Reparação*.

(...)

Os fractais e os duplos.

“Em anos futuros, ele *pensaria...*” (p. 72 de *Reparação*) -> Quando chegasse a Madri, ela *conheceria...*

Diário LXXVII

05/05/2016 07h30

(No Hotel/Flat Harbour Regent)

Um hotel é uma casa de passagem; é um não lugar que pensamos ser nosso até recebermos o aviso de final de reserva e que precisamos desocupar o quarto até o meio-dia.

06/05/2016 14h09

Estou no portão de embarque do voo para o Rio e depois para Recife. Vou ler *Reparação*.

17h30

Estou no avião aguardando todos descerem para conversar com o comandante sobre o funcionamento do avião. Sinto-me um pouco nervosa diante da minha ousadia. Mas preciso fazer isso por mim, para ajudar a me sentir mais segura em tudo o que estou fazendo de minha vida, principalmente na escrita desse romance.

18h27

Fiz a entrevista (abaixo) com o comandante Cláudio Cerde e o copiloto Gregor Simões, e eles foram maravilhosos.

Vou agora continuar a ler *Reparação*.

Entrevista com Cláudio Cerde e Gregor Simões:

Na cabine, dois pilotos sempre.

Comandante – master, mais responsável.

Copiloto – proficiência é a mesma.

Sistema hidráulico, elétrico, pneumático, de navegação.

Duas elétricas e duas mecânicas -> bombas hidráulicas.

Dois sistemas independentes de navegação -> um não contamina o outro.

Trabalho:

Cada um tem sua responsabilidade.

Cada um sabe o que tem de fazer.

Copiloto – decolar – parte manual.

Piloto – parte de fonia -> assessoria -> relação de Dédalo e Ícaro.

Começou em 1980 – comandante Cláudio Cerde.

Há seis anos – copiloto Gregor Simões.

Número mínimo de horas de voo para se tornar comandante – muito variável.

Ruth Elli – comissária de bordo.

08/05/2016 16h10

Estou no avião para São Paulo. Foi muito difícil e triste sair de Recife hoje. Que saudade dos meus filhos...

(...)

18h10

Terminei de ler *Reparação*. Lindo o final! Não sei se um dia conseguirei escrever um texto tão bonito... Mas, se não conseguir, como diz Fernando Sabino, “é porque não cheguei ao final...”

Uma estética é uma esfera do absurdo.

09/05/2016 05h44

O Museu de Gavetas é semelhante às duzentas pessoas que encontro na vida e de forma predeterminada. (?)

Cláudio (comandante) é semelhante ao tio de Hamlet na peça de William Shakespeare, mas penso que é ao mesmo tempo diferente, pois tenta provar sua honestidade.

Gregor (copiloto) é semelhante a Gregor de *A metamorfose*, de Franz Kafka.

10/05/2016 16h55

Muita gente se acostuma com o impossível.

13/05/2016 13h59

Estou no aeroporto aguardando a chamada para o voo de Campinas e de lá para Recife. Estou muito cansada, mas, enquanto espero, vou tentar ler *O museu imaginário*, de André Malraux, para usar no projeto de romance.

“Toda arte é uma revolta contra o destino do homem” (André Malraux).
(epígrafe?)

17h43

Estou no aeroporto de Campinas aguardando embarcar para Recife. Estou lendo *O museu imaginário*, mas não sei se tem a ver com o projeto. Vamos ver.

Fernandez Vieira seria um artista de esboços?

Arabella e Felipe.

Ela resgata artistas desconhecidos seguindo o pensamento de André Malraux em *O museu imaginário*.

15/05/2016 16h00

Estou no avião embarcando para São Paulo.

(...)

Um capítulo, a narradora (Arabella), outro capítulo, o rapaz vizinho de cadeira sob um olhar diferente (psicanalítico, filosófico, sociológico, de artes plásticas...);

As duas faces do caminho cor-de-rosa ou *A dupla face do caminho cor-de-rosa?*;

Treinar o olhar, até reconhecer um artista pelo seu “traço”;

As relações entre as artes, entre as artes e os campos de conhecimento, entre as épocas e os artistas.

18/05/2016 06h39

Acordei muito cedo (umas 4h30) pensando ainda no projeto. A criação mexe muito comigo, principalmente quando estou “gestando”...

29/05/2016 17h45

Estou no aeroporto de Brasília fazendo um lanche, depois vou ao banheiro e de lá para o portão de embarque. Bateu um vazio muito grande, vazio “pós-parto” do lançamento de ontem em Recife de *A menina do olho verde*.

19h00

As possibilidades do rapaz ao lado seriam os romances impossíveis que Arabella realmente viveu.

04/06/2016 11h42

Estou na Igreja (do Divino Mestre) da PUCRS. Já vi a sala em que vou fazer a prova de proficiência em inglês (224), e o meu número é o 35.

(...)

Hoje é o primeiro passo para entrar no doutorado em Escrita Criativa daqui. Mas o primeiro passo já foi dado: vir fazer as disciplinas como ouvinte/aluna especial, fazer a prova de francês na Aliança Francesa em Recife no início do ano nas condições pessoais mais adversas possíveis...

“Não há agonia maior do que carregar uma história não contada dentro de si.”
(Maya Angelou, Sala de Escrita Criativa, 2º andar do bloco 8 da PUCRS)

Diário LXXVIII

19/06/2016 17h00

Estou no avião para São Paulo e de lá para Porto Alegre. Li em uma hora menos de vinte páginas, mas já estou cansada. Vou tentar chegar até a página 100 de *A arte da ficção*, de Henry James, neste voo e terminar o livro até chegar a Porto Alegre.

17h20

Da janela do avião vejo a lua cheia:

“Quando a vejo

Ao luar

Parece uma serpente

Que por algum desvio

No destino

Perdeu o poder

De matar

Brilha a lua

Brilha a minha

Face obscura

Por saber

Que existe

Uma saída

Por sentir

Que insiste

Uma ideia

De vencer

Um pouco mais

De mim mesma”

(“Os dois lados da minha moeda”)

21/06/2016 21h00

Me preparo para dormir. Acabei de folhear *As vinhas de Sião*, de Marco Juno, e penso: até que ponto descobrimos o gênio ou o trabalho em um escritor, em um artista? Talvez seja este o tema universal do meu texto, e com isso poder transformá-lo em romance.

30/06/2016 08h39

Na caminhada na praia nasceu Marcelo, professor universitário e poeta que se apaixonou por uma aluna e teve de reprová-la na seleção de mestrado em Letras para não perder o emprego e a coordenação de departamento. Atualmente é filho único e mora com os pais, apesar de ter cinquenta anos. O irmão mais velho, Marcos, morreu em um acidente de carro quando os dois voltavam de uma viagem de férias no campo. Marcos morreu na Serra das Russas (?), voltando de Gravatá, quando pela primeira vez Marcelo bebeu soda limonada com vodca. Marcelo estava dirigindo.

07/07/2016 08h06

O esboço -> *O livro por vir*, de Maurice Blanchot;

Marcelo é o poeta que nunca publicou um livro;

Arabella não troca uma palavra com Marcelo;

Usar *Gesto inacabado*, de Cecília Almeida Salles, e *Teoria da viagem*, de Michel Onfray.

15h31

A história vai sendo narrada como se fosse do ponto de vista de cada um dos onze personagens que, na realidade, é Arabella disfarçada em terceira pessoa do singular, mas

como essas pessoas teriam vivido depois do rompimento da relação com a personagem principal.

08/07/2016 15h21

Estou no aeroporto de Porto Alegre aguardando a ida para São Paulo, e de São Paulo para Recife.

Foi um ótimo final de curso. Agora vou estudar *A jornada do escritor*, de Christopher Vogler, até cansar. Durmo. E estudo novamente.

17h31

Cada personagem vai contando a história de Arabella segundo seu ponto de vista e personalidade próprios. Posso colocar cada personagem narrando uma etapa da Jornada do Herói (12) de Arabella, só que não é a história verdadeira da personagem, mas Arabella numa falsa terceira pessoa, com exceção de Marcelo. Em cada um dos personagens um arquétipo prevalecerá.

09/07/2016 15h47

O décimo segundo capítulo pode ser alguns anos depois, feito em *O inocente*, de Ian McEwan, ou mesmo *Reparação*, dando um fechamento surpreendente à história. Prólogo e epílogo? Mais dez personagens (um para cada capítulo)?

Fazer um paralelo em cada “hora” da viagem com algo que estava acontecendo no mundo naquela época.

10/07/2016 15h42

Colocar a recusa de Arabella em suas irmãs, e a de Marcelo nos outros três personagens imaginados por Arabella (Walter – casado, Michel – homossexual, Agostinho – padre).

11/07/2016 15h43

São quatro capítulos em cada ato (três atos). Organizar para ser passado, presente e futuro.

12/07/2016 14h37

No final, o rapaz chega para Arabella e pergunta:

Meu nome é Marcelo. Posso sentar ao seu lado?

Arabella (ou a moça da poltrona 4a) esfrega os olhos de sono, olha ao redor, o avião completo, cada pessoa em seu lugar, e responde:

Pode.

A mesma cena do início, só que ele se apresenta, diz o nome e ela responde. Ao mesmo tempo intuímos que o livro todo talvez tenha sido um sonho.

13/07/2016 07h31

Arabella pode se sentir culpada por ter permitido a (ou ajudado na) fuga do pai.

14/07/2016 14h23

Descrevo a viagem que fiz para Madri e talvez o dia em Lisboa. Arabella prevendo o futuro em um sonho. Não sei se Marcelo está com ela.

16h12

O pai de Arabella bate na filha quando queria atingir a mulher/esposa. Depois disso, foge de casa.

20/07/2016 12h28

(Em Piracanga, Bahia)

Estou no restaurante aguardando B. e D. chegarem para almoçarmos.

É tudo muito lento aqui. O tempo parece parar, parece alargar mais que o próprio tempo.

21/07/2016 07h19

(Utilizar gravação Leitura de Aura em Piracanga?)

08/08/2016 06h09

“Lembra-te de que minha vida nada mais é do que um sopro’ (Jó 7, 7). É uma estupidez transformar em meta esta vida, que é passageira, que não é definitiva, que será superada por aquela que é a verdadeira Vida.

O viajor não se fixa tanto no caminho, porém no término ao qual deve chegar; o seu caminho é esta vida.

Sua meta é a eternidade.” (Cinco Minutos de Deus – 8 de agosto)

09/08/2016 15h36

Arabella vai falando como se fosse para o rapaz ao lado, sem falar com o rapaz ao lado, e vai imaginando-o de diversas maneiras, com diversas personalidades. E vai imaginando o outro lado das histórias de seus pais, suas irmãs.

10/08/2016 14h28

(No avião para Guarulhos/SP com conexão para POA)

E quando muda de nome, muda de vestimenta, de personalidade.

17/08/2016 15h45

(No avião para São Paulo com conexão para POA)

Contar a história diversas vezes sob pontos de vista diferentes e a partir de pontos no tempo diferentes, feito no filme *Begin Again/Mesmo se nada acontecer* (com Keira Knightley e Mark Ruffalo).

21/08/2016 04h55

(Em Recife)

Os passageiros do avião lembram a Arabella das irmãs, mãe, pai. O rapaz ao lado lembra os ex-amores.

Diário LXXIX

02/09/2016 14h35

Estou na conexão de São Paulo, vindo de Porto Alegre, com destino final em Recife.

Estou na página 180 de *Os moedeiros falsos*, de André Gide – estudando para a prova de conhecimentos. Li quase sessenta páginas desde as 10h30. É pouco, mas espero ler bem mais até chegar a Recife.

Arabella Fantini. E os depoimentos dos personagens feito entrevistas.

07/09/2016 06h07

A vida é decidir nesse assunto extremo, esperando que a morte chegue.

14h50

Estou no portão de embarque do voo para São Paulo e de lá para Porto Alegre.

Vou ler um pouco de *É isto um homem?*, de Primo Levi, da disciplina Literatura e Memória Cultural, ministrada pelos professores Charles Monteiro e Ana Lisboa.

Faltam quatro (ou duas, se não tiver aula no dia 22/09/2016) viagens para terminar a disciplina com o Prof. Charles Monteiro. Depois vem outubro e novembro com a Prof. Ana Lisboa, meses que devem passar bem rápido por causa da seleção e dos seminários.

Enquanto isso, tentarei aproveitar cada momento como se fosse o último – porque na realidade é. E seja o que tu queres de melhor para mim, paizinho...

16h45

Primo Levi me ensina a sobreviver. Apesar de tudo, apesar de todos. Apesar de transparente.

10/09/2016 13h17

“A infância é medida por sons, cheiros e sinais, antes que a sombria hora da razão cresça.” (John Betjeman in *The Boy in the Striped Pajamas/O menino de pijama listrado*)

11/09/2016 11h14

Estou quase terminando de escrever o ensaio poético “De Henri Bergson a Primo Levi”. Sinto um frio na barriga. Sinto medo de terminar de escrever.

A memória de uma sem-pátria.

19/09/2016 16h54

“Vida é narrativa.” (Rogério Robalinho)

21/09/2016 15h40

Estou no avião para São Paulo e de lá para Porto Alegre. Terminei de digitar os dois textos que escrevi segunda-feira e ontem, e vou agora ler um pouco de *As aventuras de Miguel Littín clandestino no Chile*, de Gabriel García Márquez. Estou com duas criancinhas próximas. Espero que elas não façam barulho.

Subtítulos com numeração (romana?) feito em um ensaio.

27/09/2016 11h43

(Em Recife)

Somente agora sento para estudar na biblioteca. Penso que vou estudar até umas 13h, almoço, descanso e volto para terminar de estudar e/ou começar a escrever sobre *A jornada do escritor*, de Christopher Vogler.

Os ex-namorados de Arabella como mentores (inclusive sexuais).

14h20

Começar e terminar com um sonho?

Terminar o primeiro capítulo decolando e o último capítulo pousando.

Diário LXXX

12/10/2016 15h07

(No voo para São Paulo e de lá para Porto Alegre)

A companhia aérea que meu pai trabalhava – doravante chamada apenas de “companhia aérea”.

Arabella está morta? Depois de um acidente de avião?

17h00

Sem pátria (Arabella).

14/10/2016 14h40

(No voo de São Paulo para Recife)

Uma personagem narra dentro de uma personagem, que narra dentro de uma personagem... -> Como se fosse Sherazade nas *Mil e uma noites*.

16/10/2016 05h06

Às palavras vazias de sentido, prefiro as atitudes; as palavras plenas são as próprias atitudes.

19/10/2016 10h40

Na Oficina “Visitas de improviso: a Escrita Criativa como forma de contato entre Literatura e Artes Visuais”, ministrada pela Prof. Dra. Laura Rabelo Erber (UNIRIO) no XXX Seminário Brasileiro de Crítica Literária e III Encontro Nacional de Escrita Criativa, escrevi “Vemos cada vez menos”, uma prosa poética cujo título é emprestado do ensaio de Daniel Arasse e inspirado na foto que a colega Maria Cláudia Gastal me forneceu em troca da foto que enviei para ela.

Maria tem acromatopsia, que é uma doença em que se vê tudo em preto e branco. Penso se não seria interessante fazer com que Arabella também adquirisse a doença depois do tapa que recebe do pai no lugar da mãe. E no final do livro, depois de toda a elaboração do passado, presente e futuro, ela enxerga novamente as cores.

25/10/2016 15h10

Que o mais breve dia parece o leve farfalhar do espírito.

28/10/2016 07h14

(Hotel/Flat Harbour)

Estou um pouco nervosa. Mas sei que isso é normal. Vou tomar café, caminhar no parque, tomar banho e sigo para a PUCRS para ouvir mais uma vez os áudios, almoçar e fazer a prova de conhecimentos da melhor maneira possível, paizinho...

29/10/2016 12h29

(No voo para São Paulo, em seguida, conexão para Recife)

“Viagem é muito mais que um deslocamento físico. É um distanciamento emocional da rotina. Uma suspensão do cotidiano, capaz de abrir tempo e espaço para

deixar em perspectiva seu dia a dia. Uma brecha para espiar de que outras maneiras você poderia viver sua vida.

Sem isso, você não vai a lugar nenhum.”

(Revista Gol, p. 126, n. 175, outubro, 2016, Fernando Luna)

06/11/2016 15h09

(Na Casa Florecer, em Recife)

Live as if you were to die tomorrow. Learn as if you were to live forever.

(Mahatma Gandhi)

09/11/2016 14h30

(No avião para Brasília e de lá para Porto Alegre)

Os cinco sentidos para lembrar cada personagem.

Diário LXXXI

12/11/2016 09h08

Tive muitos sonhos, e tumultuados (mas não me lembro deles). Penso que têm a ver com eu habitar esses dois mundos, entre Recife e Porto Alegre, entre a Teoria e a Poesia, a Crítica e a Ficção, a Vida e a Arte.

Quando conta a memória para outra pessoa, vai se esquecendo;

Todo mundo tem preconceito com alguma coisa;

Quarenta e cinco anos é o meio da viagem (da vida).

14/11/2016 06h57

“Dois homens, duas mulheres”;

“Dois pesos, duas medidas.”

O tema seria que carregamos o bem e o mal ao mesmo tempo dentro de nós, ocupamos dois lugares ao mesmo tempo, feito na física quântica -> O sedentário versus o andarilho (Michel Onfray) ou A teoria e a ficção.

15/11/2016 19h15

Mapa de voo -> Diário de bordo.

19/11/2016

Redes de criação, de Cecília Almeida Salles.

Jean-Claude Bernardet:

- 1) Se interessa mais pela sala de montagem do que pela sala de projeção (p. 12)
 - mais pelo avião que pela viagem:
 - Estética do processo;
 - O romance seria uma grande metáfora da pós-graduação em Escrita Criativa.
- 2) Os índices de pensamento em processo precisam encontrar modos de leitura (p. 14).

24/11/2016 10h44

Arabella: enquanto se lembra do pai, ele está vivo;

Toda a história é feita das possibilidades do que pode acontecer em Madri/Espanha, em Lisboa/Portugal e o passado de Arabella e Marcelo, sem sair do avião.

25/11/2016 14h35

Arabella dialoga com Patricia, que é escritora e pesquisadora em Escrita Criativa.

26/11/2016 05h42

“Curta é a nossa vida, e cheia de tristezas, para a morte não há nenhum remédio... Com o tempo, nosso nome cairá no esquecimento, e ninguém se lembrará de nossas obras.

Nossa vida passará como os traços de uma nuvem, desvanecer-se-á como uma neblina que os raios do sol expulsam e que seu calor dissipa.” (Sab 2, 1-4)

30/11/2016 06h17

A dupla face do caminho cor-de-rosa é um projeto de romance ensaístico que tem como tema a questão da linha tênue entre a teoria e a ficção na Escrita Criativa.

01/12/2016 10h35

(Na igreja da PUCRS)

Fiz o segundo ensaio da defesa de projeto. 07'16". Descobri que hoje não tem missa, o que acontece somente às sextas, às 11h30. Mas eu vou para a missa das 18h30 na igreja da Matriz.

Tem duas pessoas ajoelhadas diante do altar, rezando. Cada uma com seus problemas, seus medos, mas também suas alegrias.

Sinto-me bem aqui. Sinto-me protegida, segura, abençoada por ti em tantos mimos, meu pai...

12h45

(Na frente da sala 305, auditório Irmão Elvo Clemente, local da defesa de projeto.)

Vi a mesa da banca de seleção de doutorado: é aterrorizante. Uma mesa grande, vários papéis espalhados e uma cadeira bem pequena para o participante da seleção.

Mas o que me assusta? Como disse T.: Você é a pessoa que mais sabe do seu projeto de romance. Então, fique tranquila, seja receptiva, positiva, simpática, racional. Tudo junto sem pensar muito, sem pensar em nada.

09/12/2016 06h09

Já são 06h09. Demorei mais para fazer essa reflexão porque fui reler este diário e vão surgindo várias ideias para o romance. Entre elas, uma espécie de diário eletrônico que Arabella escreve durante o voo de doze horas de Porto Alegre para Lisboa.

08h49

Estou no laboratório para fazer a punção. Vou começar a ler *Os irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski.

As mudanças de tempo seriam marcadas pelas datas e os desenhos/esboços seriam as ranhuras da professora Maria?;

“Da autora” ou “Prólogo/Prefácio” escrito por Patricia (Gonçalves) Tenório;

Além do Prefácio, as notas de rodapé serão da autora;

Os subtítulos de capítulo em romano com títulos como em *A menina do olho verde*;

Começa com Arabella, depois Patricia, depois os preenchimentos em pensamento.

13/12/2016 05h33

Ainda estou meio dormente com o resultado de ontem da aprovação no doutorado... Obrigada, obrigada e obrigada, paizinho!

17/12/2016 06h09

“Deus criou o ser humano à própria medida, no qual adicionou uma marca de si mesmo. Fez-nos como um poço de infinita profundidade, que somente um infinito é capaz de preencher. Mesmo que todos os sentidos e capacidades estejam satisfeitos, sempre ficamos insatisfeitos. O insatisfeito também é um caminhante.” (*O sentido da vida*)

20/12/2016 13h35

Dividir em três partes. Uma segunda voz narrando a construção do romance, nomes de personagens etc.

Arabella: de “Arabella em apuros”, peça teatral escrita pela jovem Bryoni, personagem principal de *Reparação* (2001), de Ian McEwan;

Ária: mãe de Arabella. Vem de “ar” e personagem de *As joaninhas não mentem* (2006);

Cláudio: pai de Arabella. Vem do comandante entrevistado no voo da Gol e de Cláudio, tio de Hamlet na peça de William Shakespeare;

Anabella: primeira irmã mais nova de Arabella. Há um jogo de duplicidade nos nomes das irmãs;

Ariana: segunda irmã mais nova de Arabella. É personagem de *As joaninhas não mentem* e filha de Ária;

Ana: terceira irmã mais nova de Arabella. Faz parte também do jogo de duplicidade nos nomes das irmãs;

Marcelo: rapaz que senta ao lado de Arabella no avião. É personagem de “Intervalo”, conto que abre *Grãos* (2007);

Fernandez Vieira: escultor cujos esboços impressionam Arabella. Inspirado em Sérgio Camargo, escultor carioca exposto na Fundação Iberê Camargo em abril de 2016. O nome tem a ver com as ruas João Fernandes Vieira (Recife, Boa Vista) e Fernandes Vieira (Porto Alegre, Bonfim);

Walter: uma das máscaras do rapaz ao lado. Ex-namorado de Arabella, casado, inspirado no crítico de arte Walter Benjamin;

Augusto: segunda máscara do rapaz ao lado. Ex-namorado de Arabella, padre, inspirado no teólogo Agostinho de Hipona. Personagem de *A mulher pela metade* (2009);

Michel: terceira máscara do rapaz ao lado. Ex-namorado de Arabella, homossexual, inspirado no filósofo Michel Foucault;

Letícia: melhor amiga de Arabella. Personagem de *A menina do olho verde* (2016);

Isabel e Graco: avós maternos de Arabella. Personagens de *Como se Ícaro falasse* (2012);

Jonatas: colega de Ariana nas peças de Shakespeare. Personagem de *A menina do olho verde*.

22/12/2016 06h08

Dormi bem (21h30-05h30). Não me lembro dos sonhos, mas veio a frase abaixo:

“Incompreensível, irracional, mas sólido.”

31/12/2016 06h48

Quatro partes (Recife, Porto Alegre, Lisboa, Madri);

Diário de bordo – falsa terceira pessoa [meses do ano (janeiro, fevereiro...) ou data e hora da escrita];

Capítulos em numeral romano tal qual em um ensaio;

As quatro irmãs: três nas áreas de cinema, teatro e música e Arabella em artes plásticas, a mistura de teoria e ficção;

O rapaz ao lado: três nas áreas de conhecimento (filosofia, teologia, crítica de arte/literatura) e Marcelo como a mistura de teoria e ficção (poeta e professor de literatura);

06h56

Dormi bem (22h-06h). Não lembro os sonhos, mas tive várias ideias para o romance. Estou doida para começar a escrevê-lo! Mas vamos terminar de ler *Os irmãos Karamázov*... Quanta técnica, quanto aprendizado nessas quase mil páginas...

01/01/2017 08h31

Colocar nos capítulos/subtítulos nomes de quadros, feito “As Meninas”, de Velázquez, quando for falar das irmãs.

02/01/2017 05h37

Duas pessoas terem o mesmo sonho -> semelhante ao filme *In my dreams*, com Katharine McPhee e Mike Vogel.

Diário LXXXII

04/01/2017 11h25

Escolher doze quadros que serão os títulos dos capítulos (ex: “As Meninas”, de Velázquez);

Toda a culpa do desaparecimento do pai é da própria Arabella, que interferiu na briga do pai e da mãe.

09/01/2017 09h58

Relendo os diários, pensei que Marcelo está viajando pela primeira vez para a Europa, e o medo de avião se assemelha ao medo de publicar um livro com seus poemas.

10h45

Pensei em ir mesclando a narração com trechos dos Diários de Bordo.

11h07

Com isso vou construindo a personagem da narradora e a autora ao mesmo tempo.

10/01/2017 10h13

Lendo o Diário LXVIII (dia 30/06/16 08h39), percebo que Marcelo deve ser gaúcho, de Porto Alegre, e o acidente em que o irmão, Marcos, morre, acontece voltando de Gramado, e não de Gravatá, em Pernambuco. Terei de ir para Gramado para pesquisar bem.

11h09

Estou digitando os Diários e é muito trabalho, pois vou revivendo tudo.

12/01/2017 11h06

Estrutura:

Parte I (Passado – Recife)

Capítulo I – Arabella – Teoria (doutora em Museologia) versus Pintura

Capítulo II – Anabella – Cinema – Experiência na NYFA

Capítulo III – Ariana – Teatro – Experiência da adaptação de *As joaninhas não mentem*

Capítulo IV – Ana – Música – Experiência de apresentação de piano em que se esquece da música

Parte II (Presente – Porto Alegre)

Capítulo V – Michel – Psicologia

Capítulo VI – Augusto – Filosofia/Teologia

Capítulo VII – Walter – Crítica de Arte

Capítulo VIII – Marcelo – Teoria da Literatura versus Poesia

Parte III (Futuro – Lisboa e Madri)

Capítulo IX – Fernández Vieira

Capítulo X – Cláudio

Capítulo XI – Ária

Capítulo XII – Letícia

Telas de Diego Velázquez (1599-1660) que podem ser usadas como fonte de inspiração para os capítulos:

- 1) “As Meninas” (1656);
- 2) “Vênus ao Espelho” (1647);
- 3) “O Triunfo de Baco” (1628);
- 4) “A Rendição de Breda” (1635);
- 5) “A Forja de Vulcano (1630);
- 6) “A Dama com um Leque” (1639);
- 7) “Retrato da Infanta Margarida (1659);
- 8) “A Infanta Margarida Teresa de Espanha em um Vestido Vermelho” (1653);
- 9) “Retrato da Infanta Margarida Teresa em um Vestido Rosa” (1660);
- 10) “Retrato de Dom Luis de Góngora” (1622);

- 11) “Retrato de Maria Anna” (1630);
 12) “Retrato de Filipe IV em Fraga” (1644).

14/01/2017 06h18

Pensei em começar a escrever *A dupla face do caminho cor-de-rosa*. Veio à mente escolher os doze quadros dos doze capítulos de Velázquez e fazer uma espécie de *ekphrasis* deles, mas sem serem ilustrativos, e sim algo que eles em mim despertam e que tem a ver com o que desejo contar em cada capítulo.

Preciso começar a produzir para não sucumbir.

(...)

Não sei ainda como começo a contar a história de Arabella. Talvez do jeito que eu havia previsto antes, ou seja, pelo Museu de Gavetas, aí falo do duplo do avião e entro nos extratos dos Diários de Bordo: me ajuda, paizinho!

07h01

Em vez de Capítulo I... etc., Hora nº 1... etc.

“Esta vida é sempre uma partida. Sempre um desprendimento e uma oferenda. Sempre uma passagem e uma páscoa. Até que chegue a Passagem definitiva, a Páscoa consumada.” (*O sentido da vida*, 14 de janeiro)

15/01/2017 03h59

Dormi cedo (umas 21h) e acordei antes das 03h30, pensando no e-mail de A. e em *A dupla face do caminho cor-de-rosa*.

[...]

E, em relação ao *A dupla face*, penso em reescrever o início, colocando “Resumo/Abstract”, e só deixando Marcelo aparecer na segunda parte.

“Resumo: Esta é a história de dois passageiros em um voo de doze horas, de Porto Alegre a Lisboa, viagem na qual reescreverão suas vidas em suas infinitas possibilidades,

entre a Crítica e a Ficção, a Teoria e a Poesia, a Vida e a Arte, à luz de teóricos como Michel Foucault, Agostinho de Hipona, Walter Benjamin e Michel Onfray.

Palavras-chave: Romance ensaístico, Escrita criativa, Teoria da Viagem.”

15/01/2017 03h59

18h14

Sinto-me um pouco melhor depois de escrever aqui, no Diário.

Revisei o “Resumo”, penso em utilizar somente três telas de Velázquez (“As Meninas”, “A Forja de Vulcano” e “A Rendição de Breda”) para as Partes I, II e III.

“As Meninas”: Realidade versus Ilusão – Como se fosse uma fotografia;

“A Forja de Vulcano”: Visita das artes maiores às menores (Arte versus Ofício Mecânico);

“A Rendição de Breda”: Independência da Espanha. Não humilhação do vencido. (As três telas encontram-se no Museu do Prado, em Madri.)

Com isso, tenho o “Sumário” mais enxuto, e colocaria também epígrafes de *Teoria da viagem* em cada parte (abertura), como se fosse um ensaio (ABNT).

16/01/2017 14h16

Estou na sala de espera de T. Comecei a escrever – escrevi pouco, mas comecei – *A dupla face do caminho cor-de-rosa*. Ao menos organizei o esqueleto. Pensei agora em colocar abaixo do nome das telas, nas Partes I, II e III, “Recife”, “Porto Alegre”, “Lisboa” e “Madri”, em letra menor.

17h19

Acabo de descobrir que o nome de Leo, personagem principal de *O mistério do 5 estrelas*, de Marcos Rey, que cito em *A dupla face*, é “Fantini”, o sobrenome da família de Arabella.

17/01/2017 09h09

Penso em fazer algumas alterações em *A dupla face*. Colocar um ensaio sobre “As Meninas”, de Velázquez, na parte de Arabella (Hora I), e um ensaio sobre *Os irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski, na parte de Marcelo (Hora VIII). Não sei ainda se vou colocá-los – Arabella e Marcelo – juntos no primeiro capítulo, um falando e o outro respondendo, cada um em sua cabeça.

Para fazer os ensaios terei que dar uma parada na escrita para ler alguns textos e me abastecer de teoria.

10h03

Pensei no livro, na parte de Ana colocar “crescia em estatura, em sabedoria e graça”, do Evangelho Segundo São Lucas 2, 52. E penso não usar aspas.

19/01/17 10h27

Pensei durante a caminhada na praia de Boa Viagem que nos capítulos de Arabella serão títulos de livros teóricos; nos de Anabella, de filmes; nos de Ariana, peças de teatro; de Ana, nomes de música. E agora pensei no capítulo de Marcelo, nomes de livros clássicos que eu analisasse. Também pensei em mudar os títulos dos quadros de Velázquez para o espanhol e trocar o quadro da Parte II para “Los borrachos”. E na parte das irmãs ser mais informal, transformando aos poucos Arabella em menos rígida, se abrindo para o Amor Universal.

12h00

Livros para Marcelo:

- 1) *Os irmãos Karamázov*, Fiodor Dostoiévski;
- 2) *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera;
- 3) *O processo*, Franz Kafka;
- 4) *O vermelho e o negro*, Stendhal.

15h47

Filmes para Anabella:

- 1) *Casablanca* – casa em Recife;

- 2) *Bonequinha de luxo* – prostituição/vídeo;
- 3) *Vertigo* – labirintite;
- 4) *A rosa púrpura do Cairo* – acromatopsia.

20/01/17 11h53

Penso em abrir o capítulo de Anabella falando um pouco da segunda hora do avião, as pessoas assistindo a filmes – relacionar *Casablanca* com a casa da família em Recife. Falar um pouco sobre Recife e, em cada subcapítulo de Anabella, falar do tema correspondente que elenquei ontem às 15h47.

Penso em escolher, ou melhor, em continuar escolhendo um trecho de *Teoria da viagem* para ser a epígrafe do capítulo, mas pretendo não usar citações.

13h46

Pensei em *A rosa púrpura do Cairo* falar da cena de Arabella no avião com o pai como comandante. Pensei também em acrescentar que Ária, na parte em que ela descobre a traição de Cláudio, passou muito tempo sem procurar emprego, pois estava grávida das filhas.

22/01/2017 10h26

Vou começar agora a escrever. A partir de hoje só irei revisar o que escrevi no dia anterior, pois já estamos com quinze páginas.

23/01/2017 10h29

Chego agora à biblioteca para escrever.

De repente, tenho vontade de mudar toda a forma do romance. Para mim está soando falso. Talvez esteja soando falso feito está soando falsa essa aproximação de K.

E se fosse uma longa carta para Letícia? Letícia, uma ex-amiga que encontra depois de anos afastada? Ou Letícia, uma amiga de infância para a qual conta a história da aproximação com o pai?

Não sei... Só sei que preciso fazer alguma coisa para que a escrita volte a ser a minha tábua de salvação.

24/01/2017 09h33

Resolvi voltar para a estrutura anterior de *A dupla face*, ou seja, sem ser uma carta para Patricia. Vou revisar o texto inteiro, terminar Anabella e começar Ariana. Até sexta finalizo e este fim de semana termino Ana.

Pensei em usar quatro peças de Shakespeare em Ariana e quatro músicas de Villa-Lobos em Ana:

Ariana:

- 1) *Romeu e Julieta*;
- 2) *Hamlet*;
- 3) *Macbeth*;
- 4) *Muito barulho por nada*.

25/01/2017 10h43

Porque não havia ontem na livraria, resolvi trocar os livros de Shakespeare para usar em Ariana:

- 1) *Romeu e Julieta*;
- 2) *Macbeth*;
- 3) *Sonho de uma noite de verão*;
- 4) *Muito barulho por nada*.

11h54

Revisando o texto, lembrei que eu ia falar em *A rosa púrpura do Cairo* do pôr do sol a que Arabella assiste ainda criança, quando viaja na companhia aérea na qual o pai trabalha. Talvez eu mude também os subcapítulos sobre cinema em Anabella para falar mais sobre o que aprendi na NYFA.

12h29

Penso em colocar no final as Referências e o anexo Diários de Bordo.

14h57

Antes que eu me esqueça, anoto o que refleti na hora do almoço: só consigo prever um texto até certo ponto, até um ponto básico. Dali por diante, tem de ser durante a escrita, o texto vai fluindo e indicando onde irá parar.

16h37

Terminei de escrever a cota de hoje. Estão menores os subcapítulos, quase uma página, mas estou gostando. Vou começar a ler *Sonho de uma noite de verão* para escrever amanhã o subcapítulo que fala dele.

26/01/2017 10h43

Penso em ler até a página 52 de *Sonho de uma noite de verão*, escrever e depois terminar de ler até a tarde. Ou ler um trecho de *Muito barulho por nada* e escrever o trecho de amanhã, já que vou dilatar a pupila e não vou conseguir ler/escrever nada.

27/01/2017 08h50

Heitor Villa-Lobos (1887-1959);

Descoberta de uma linguagem peculiarmente brasileira em música;

5 de março: Dia Nacional da Música Clássica (aniversário de nascimento de Villa-Lobos);

Escapadas pelo interior do Brasil;

Era Vargas: peças patrióticas e propagandistas, com exceção das Bachianas Brasileiras;

Califasia: pronúncia legível e perfeita do texto a ser cantado;

Calofonia: cantar uma melodia com perfeita afinação;

Calirritmia: ajuste de cada palavra do texto com o ritmo da música;

Primeiras composições (influências):

Wagner e Puccini;

Modernismo da Escola de Frankfurt;

Impressionistas.

1920: audácias criativas – serestas, choros, estudos para violão e cirandas para piano;

Período Neobarroco (1930-1945) – Bachianas Brasileiras (ver Teoria do Afeto – época barroca);

Bachiana nº 4 – 4 partes;

“Eu não uso o folclore, eu sou o folclore” (em turnê pela Europa);

Interdisciplinaridade entre Francisco da Silveira Bueno e Heitor Villa-Lobos;

1932 – SEMA (Superintendência de Educação Musical) – Pedagogia da Música e do Canto Orfeônico.

28/01/2017 10h56

Estou ouvindo Bachianas Brasileiras nº 4, por inteiro, para escrever sobre Ana.

Sinto que são quatro movimentos, feito as quatro irmãs. Eu poderia começar pelo momento em que Ana está na apresentação das Bachianas e o pai não aparece.

Teoria dos Afetos: Barroco (século XVII):

Analogia entre música e retórica.

02/02/2017 07h27

Lembrar-se de pesquisar títulos/textos de Michel Foucault, Agostinho de Hipona e Walter Benjamin para colocar nos subcapítulos de cada um.

Diário LXXXIII

08/02/2017 09h42

Lembrar-se de escrever mais sobre Shakespeare, Villa-Lobos... e sobre a experiência em Cinema na NYFA.

09/02/2017 10h30

Pensei em escrever um pequeno prólogo para *A dupla face*, para colocar antes de começar a parte de Arabella, com “o se não existe”.

27/02/2017 09h39

Penso em mudar o ponto de vista nos capítulos das irmãs, para que sejam elas falando, e não Arabella.

28/02/2017 15h35

Penso em começar cada um dos três ex-namorados de Arabella e Marcelo com a mesma cena da arrumação da mala até a chegada ao avião e sentar ao lado da personagem principal.

Vai e vem a fé no meu romance, que, independentemente de tudo e de todos, é o que me salvará.

16h43

Ir amarrando as histórias de Michel, Augusto e Walter respectivamente com as de Anabella, Ariana e Ana.

17h15

Incluir a história política de Arabella, desde o discurso das Diretas Já com Tancredo, Teotônio, Fafá de Belém e Milton Nascimento em Maceió e quando conhece Michel. Fazer um paralelo com os filhos de Anabella na marcha contra o aumento das passagens em Recife.

17h39

Michel vai para Praga (Paris?) via Lisboa. Augusto, para Roma (Toscana); Walter, para Viena?

17h47

Arabella vai imaginando o que o pai diria para cada ato seu (Diretas Já etc.).

18h28

Arabella se dirige/escreve para o pai desaparecido, como se ele tivesse vivido tudo o que ela viveu.

Diário LXXXIV

04/03/2017 mais ou menos 07h30

Uma mala aberta vazia é uma mala cheia de possibilidades.

06/03/2017 19h40

Estou no portão de embarque para Porto Alegre.

Penso se devo incluir em *A dupla face* essa experiência de entrevoos, de barulho de criança chorando em aeroporto, em avião.

16/03/2017 mais ou menos 16h55

O Espírito pairava sobre as águas -> Augusto.

20/03/2017 mais ou menos 15h45

Escrever a história dos personagens por algum gesto específico.

21/03/2017 mais ou menos 18h40

Relação poeta e escrita -> plena -> útero materno -> suspensão poética.

23/03/2017 mais ou menos 11h10

Marcelo Bergson -> judeu.

Arabella Fantini -> católica.

E Arabella (também) se sente culpada por ser o primeiro motivo da mãe continuar no casamento – a primeira filha.

23/03/2017 11h10

Estou no portão de embarque (2) para Congonhas (SP). Já respondi as mensagens de WhatsApp e vou agora fazer a sinopse de *A dupla face do caminho cor-de-rosa*.

Sinopse:

Arabella Fantini, quarenta e cinco anos, museóloga, solteira, católica, filha mais velha de quatro irmãs (Anabella, Ariana e Ana), vive a angústia de talvez ter sido a causa do desaparecimento do pai, Cláudio, comandante de voo comercial, quando este dá um tapa forte no rosto da filha de quatorze anos, tapa que era direcionado à mãe, Ária, tapa que torna Arabella portadora de acromatopsia, patologia em que vê tudo em preto e branco. Marcelo Bergson, cinquenta anos, professor universitário de literatura e poeta que nunca publicou um livro sequer, solteiro, judeu, filho mais novo de dois irmãos, vive a angústia de ter sido o culpado pela morte do irmão mais velho, Marcos, quando os dois vêm de carro de uma festa, ébrios. Marcelo dirige e um acidente fatal faz desaparecer o irmão. Arabella e Marcelo viajam, lado a lado, sem se conhecerem, de Porto Alegre para Lisboa, em um voo de doze horas. Arabella viaja para tentar encontrar em Madri a obra do escultor espanhol falecido Fernández Vieira, cujas fotografias e os esboços chegam às mãos da filha de Cláudio de maneira anônima, com uma carta que afirma que o artista espanhol conheceu o pai da museóloga. Marcelo viaja para um congresso de literatura em Lisboa, convidado por uma ex-aluna-e-amante, na tentativa de escrever/publicar seu primeiro livro de poemas. Arabella escreve uma espécie de diário durante as doze horas de voo.

05/04/2017 06h38

Dormi, tumultuado, das 21h às 6h30, mas sinto que foi uma noite produtiva. Além de escrever (umas 2h15) o que penso ser a abertura do meu texto...

Diário LXXXV

29/05/2017 14h30

Arabella se recorda do porquê de procurar um padrão físico desde sempre: um rapaz por quem foi apaixonada aos treze anos.

Tudo tem uma razão de ser: o desaparecimento do pai, a amargura da mãe, a fuga de casa e dos relacionamentos, tudo para que ela estivesse ali, naquele voo, indo ao encontro da obra de Fernández Vieira.

Ela escreve *O vaso* em uma semana. Cinquenta páginas. Estabelece limites, feito instruíra Umberto Eco em “O pós-escrito a *O nome da rosa*”.

01/06/2017 14h30

Dois romances dentro do romance: *Não matem as flores* e *Os irmãos Karamázov*. E o texto que Arabella guarda na gaveta: *O vaso*.

19/07/2017 08h50

Preparo-me para escrever *Doze horas*. Durante o primeiro semestre de 2017, sob a orientação do Prof. Assis Brasil, criei algumas cenas soltas, como se fossem fichas, só que em 1ª pessoa do singular. No fim do semestre, alterei para o foco narrativo de 3ª pessoa do singular, o título de *A dupla face do caminho cor-de-rosa* para *Doze horas* e juntei as fichas/cenas no mesmo arquivo.

Desde 16/07/2017 revisei o texto colocando as cenas do avião no presente, e as demais no passado. Estou procurando dar coerência aos personagens. E criei um arquivo por dia de escritura. Mudei o nome das irmãs de Anabella, Ariana e Ana para Beatriz, Cecília e Débora, por sugestão do Prof. Assis para serem mais diferentes de “Arabella”, mas permaneci com Fernández Vieira.

Mudei para o curador renomado ser de Madri, mas ir se encontrar com Arabella em Lisboa.

21/07/2017 09h12

O nome do curador renomado é Emílio Velázquez e só aparecerá na última página.

Emílio significa “rival”, ou “o que fala de modo agradável, zeloso, solícito”.

25/07/2017 06h37

“Por mais que você tenha orgulho da palavra, toda palavra se calará.”

09h35

Ver a pasta de fotografias (escaneadas ou reais) das esculturas de Fernández Vieira.

09h59

Mudei a primeira frase do livro de...

“Da janela do avião Arabella pode ver o movimento das bagagens, o abastecimento, os últimos preparativos para fecharem as portas e decolar.”

... para...

“Arabella abre o laptop e fica esperando.”

12h42

Terminei de escrever a cota de hoje. Penso em descrever um pouco o centro do Recife na parte do Teatro Santa Isabel. Descrever um pouco do centro do Rio de Janeiro na parte de Augusto.

O texto está tomando forma.

26/07/2017 08h57

“Desde que perdeu pela terceira vez a mala” (p. 6) => repetir na Romênia.

09h02

Fazer uma *ekphrasis* com o teatro na parte de Cecília.

28/07/2017 09h23

Ver o tempo de pós-graduação para que Arabella tenha mais ou menos trinta e um anos quando conhece Augusto.

Ver dia que escrevi sobre Turbulências e colocar nas Referências.

12h08

O vaso: urnas mortuárias.

30/07/2017 08h55

Ver a referência de *Rattle and Hum*.

Tentava lembrar a cena do tapa, lembrar de Cláudio na cena do tapa, e só se lembrava de Ária.

Colocar uma das epígrafes – trecho de *Reparação*, “Arabella em apuros”.

Fazer uma ligação do final com o vaso de barro e o segredo.

Diário LXXXVII

24/10/2017 17h20

Na página 8, penso em escrever alguma cena falando do relógio/fuso horário ou da decolagem e que termine fazendo um link com a cena do consultório.

17h46

Pesquisar sobre a escrita diretamente no computador.

Me animo a terminar de escrever este ano mesmo, ao menos a parte ficcional.

18h44

A velocidade relativa do avião para as nuvens e para alguém observando da Terra
-> Pedro e Paulo – Henri Bergson e Albert Einstein.

25/10/2017 20h30

(Voo Porto Alegre – Lisboa)

As luzes da cidade, se afastando, se afastando.

O cheiro de cigarro, apesar de saber que não há cigarro a bordo.

Vou começar a revisar; depois, escrever.

21h20

Estou jantando. Não tenho muito tempo de bateria – duas horas apenas. Mas penso ser o suficiente. Acabei de descobrir que tem como carregar o laptop. Mas vou escrever até a meia-noite, ou quando estiver muito cansada, o que acontecer primeiro.

04/11/2017 12h00

(Voltando – Roma/Lisboa/Recife)

“Arabella se pergunta e não sabe se consegue responder.”

Pesquisar sobre Ana Torfs.

Diário LXXXVIII

10/11/2017 06h50

“De Arabella
 Se aproxima
 O fim da sua estória
 O fim da narração
 Em terceira pessoa
 Que ficcionaliza
 A vida do autor

A morte do autor
 Está em cada linha
 Está em cada palavra
 Contada
 Narrada
 Derramada
 Na tela do computador
 Nas letras do teclado
 Que protegem o eu
 Do outro
 E permitem imaginar
 E concedem aproximar
 O fim de uma estória
 A bordo de um avião.”

("Arabella em apuro")

15/11/2017 10h12

Estou no portão de embarque para Brasília, depois para Recife.

Vai dar para escrever bastante. Tive várias ideias durante a caminhada no Parque Farroupilha:

- 1) Falar sobre autoficção no final do trecho que Arabella sonha a minha vida?;
- 2) Falar mais sobre *Quanto tempo o tempo tem* – assistir todo e ampliar;
- 3) Criar um epílogo no qual a filha (ou o filho) de Arabella e Marcelo (sem nome) fala do futuro da vida dos pais depois do voo de avião.

18/11/2017 08h00

Estou no(a) escritório/biblioteca aguardando minhas alunas chegarem para a aula.

Na caminhada/corrida na praia, pensei em colocar a filha de Arabella e Marcelo mais parecida comigo (escritora, mestre em Teoria da Literatura, doutoranda em Escrita Criativa), que descobre os escritos da mãe e reformula algumas questões.

Pensei também em utilizar, na abertura de cada capítulo, epígrafes da Nova Acrópole:

- 1) “Tente mover o mundo. O primeiro passo será mover a si mesmo.” (Platão)
- 2) “Nada existe de permanente a não ser a mudança.” (Heráclito)
- 3) “Nenhum vento sopra a favor de quem não sabe para onde ir.” (Sêneca)

19/11/2017 10h51

Penso em colocar em *Doze horas*, no Epílogo: quem escreve, a filha de Arabella e Marcelo descobre o digitoescrito e resolve investigar o próprio passado, e usa o digitoscrito como fonte de pesquisa para a sua tese em Escrita Criativa – “o que será melhor investigado no Ensaio Teórico”, ela afirma – uma ficção da ficção.

11h46

As frases do Sumário, que estão em negrito nos capítulos, podem ser analisadas sob a perspectiva da Literatura e Linguagem Digital.

23/11/2017 12h20

Mudar o nome de Felipe Travassos para Flávio Travassos.

Verificar lá atrás se Marcelo começa a ensinar assim que chega a Porto Alegre.

Um poeta ou escritor: p. 70

Termina com a narradora entrando em um voo de doze horas de Porto Alegre para Lisboa.

Colocar os livros do Epílogo nas Referências Bibliográficas.

25/11/2017 13h59

Estou no meu quarto me preparando para começar a escrever. Sinto um misto de medo e ansiedade: estou acabando de escrever a parte ficcional de *Doze horas*: me ajuda, paizinho!

27/11/2017 15h41

A profissão (museóloga) que a mãe da narradora abandonou.

28/11/2017 16h52

O uso do “vai” + verbo: além de colocar o discurso no presente, é tipicamente português.

29/11/2017 10h40

O tempo simultâneo – semelhante à Pós-modernidade sem centro, sem grande narrativa, rizomática e de Database Model -> Texto de Hiroki Azuma, na disciplina Literatura e Linguagem Digital.

10h51

As mesmas frases em lugares diferentes, diferentes sentidos, significados: autotextualidade.

10h58

Relendo o texto à luz do final da estória, tudo se ilumina e se compreende. Por exemplo, a culpa de Arabella em ler *Os irmãos Karamázov* na página 44 e o pai da narradora real tetraplégico por causa do acidente no qual ela se sente a causadora.

11h33

“Eles só contariam com a linguagem para manter o enredo” (p. 51) => O presente => Database Model + “com a internet, o espaço desaparece e o tempo torna-se instantâneo” => *Quanto tempo o tempo tem.*

11h57

“E as palavras seriam desnecessárias” (p. 59) => “A morte do autor”, Roland Barthes.

01/12/2017 09h45

Comecei a revisar *Doze horas* antes de enviar para o Prof. Assis.

11h06

Na página 35 de *Doze horas*, os sinais de pontuação no corpo dos amantes lembram um trecho de *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino.

11h13

Terminei fazendo o mesmo que no livro que organizei, *Quatro faces de um encontro* – a partir de telas de um artista, escrever em quatro linguagens diferentes (Filosofia, Crítica de Arte, Psicanálise, Ficção/Poesia) –, só que com as diferentes áreas de Arte (Cinema, Teatro, Música) das irmãs de Arabella e Literatura na personagem principal.

14h45

Terminei agora a revisão de *Doze horas*.

15h22

Relendo os Diários de Bordo, vejo nas anotações de 19/10/2016 10h40 e 19/11/2016 a prefiguração do que preenchi, do que realizei no final da escrita de *Doze horas*.

Diário LXXXIX

18/01/2018 16h21

A realidade dos textos teóricos inseridos na narrativa ficcional;

A literalização da imagem nas frases sem verbo;

A fotografia e a memória afetiva.

18h42

Hamlet: transformação em ficção do que aconteceu na realidade.

31/01/2018 15h55

Doze horas: uma autobioficção:

- 1) Falar sobre a novela;
- 2) O que é autobiografia + exemplos;
- 3) O que é autoficção + exemplos;
- 4) De *O major* até *A menina* – autobioficções de si;
- 5) A construção de *Doze horas*: cenas de (vários) Diários de Bordo.

01/02/2018 14h10

Como exemplos de autobioficção:

- 1) *As palavras*, de Sartre, e a relação com *A náusea*;
- 2) *Diários dos moedeiros falsos* e *Os moedeiros falsos*, de Gide;
- 3) *Se um viajante numa noite de inverno*, de Calvino – dentro do romance;
- 4) *The Words*, filme;
- 5) *A filosofia da composição*, de Poe;
- 6) *Os devaneios do caminhante solitário*, Rousseau.

02/02/2018 08h59

Fernandes Vieira (decidi pelo nome em português): onde não existe escrita (p. 145 de *O pacto autobiográfico*, de Philippe Lejeune);

Dar voz a quem não tem: Arabella;

Fernandes Vieira e o rascunho/esboço;

O desejo de Arabella trazer à tona esses artistas desconhecidos, esses esboços de Fernandes Vieira, tem a ver com a transformação em passivo daquilo que foi vivido, que era ativo, tanto do artista, quanto do trauma particular;

Escrever na parte ficcional sobre os procedimentos (o método) de Arabella para levantar as informações sobre o artista – semelhante a *O major*: entrevistas. Quando o artista é reconhecido, Arabella é reconhecida, como se o artista fosse seu avatar;

Reparação é um modelo de ficcionalização da realidade da romancista, Bryoni, para reparar a própria realidade. Não à toa, o nome de “Arabella em apuros”, apesar do

romance de Ian McEwan ser uma ficção de uma ficção e *Doze horas*, uma ficção de uma autobiografia.

Exemplos não comprometedores da autoficção:

- 1) Curso de cinema em Nova York;
- 2) Quatro irmãs – minha mãe;
- 3) Peça de teatro – “As joaninhas não mentem”;
- 4) Acidente com caco de garrafa de cola-cola no joelho;
- 5) O flat em Porto Alegre.

03/02/2018 07h50

Não matem as flores é uma autoficção interna para o personagem principal Charles, que assume uma nova identidade, Peter;

O retrato de Dorian Gray: uma autoficção externa de Oscar Wilde, o autor: foram usados trechos do romance como provas de acusação no tribunal.

04/02/2018 09h26

Transformar os narradores oniscientes contemporâneos em falas indiretas, ou pensamentos, ou lembranças de leituras no mestrado/doutorado de Arabella;

Confissões, de Santo Agostinho (autoficção);

Escritas ordinárias (p. 208 de Lejeune): escritas de anônimos;

Ver no dicionário: definições de autobiografia e autoficção.

05/02/2018 10h19

Escrever a parte teórica em forma de diário.

11h28

Comecei a escrever em diário.

06/02/2018 17h11

Justificar melhor a escrita no laptop para ganhar tempo por causa da tese e para ter distanciamento por causa do trauma.

12/02/2018 19h11

Tenho de me lembrar de amanhã pesquisar mais sobre Física Quântica em um documento mais sério;

Colocar “principalmente” nos meus livros míticos, fabulosos.

13/02/2018 14h06

Analisar os exemplos nas três camadas sob o quadro do Pacto Quântico;

Escrever sobre os trechos reais na ficção e a forma de ficção no ensaio teórico – ver o caso de Miguel Littín;

“Até o momento da defesa.”

14h43

Penso que devo ampliar mais ainda a parte da Física Quântica falando dos outros cientistas que contribuíram para o conceito final em que coloquei o trecho da aula de Silvio Chibeni.

14/02/2018 13h37

Colocar exemplos de autoficção – sem o uso dos pronomes, com verbos no impessoal, a transformação de imagens em literatura;

Exemplos de literatura digital – subcapítulos em forma de *Twitter*;

Personagens com o mesmo nome de outros textos ficcionais de Patricia Gonçalves Tenório;

Textos teóricos misturados com a narrativa ficcional.

01/03/2018 12h54

Fazendo hoje a “revisão da revisão”, pensei em colocar no ensaio teórico, nos exemplos de “deslize” entre as camadas, o trecho da aula nº 7 da Oficina Literária – Narrativa da página 61, mas não encontrei um local que se encaixasse.

Diário XC

28/03/2018 17h35

Estou no meu quarto depois de ter revisado *Doze horas* e estar com a cabeça a mil para encaixar “O mito individual do neurótico” no que eu já escrevi do ensaio teórico. Sei que devo cortar referências, mas penso que, revisando todo dia o que escrevi no anterior, ficará mais limpo, e os conceitos, mais claros.

O básico é:

- 1) *Doze horas* é uma novela autobioficcional em três camadas:
 - a. Autoficção;
 - b. Autobioficção;
 - c. Autobiografia.
- 2) A autobioficção (1.b) encontra-se entre os dois gêneros (1.a e 1.c) apresentados em “O pacto autobiográfico”, de Lejeune;
- 3) “O mito individual do neurótico”, de Lacan, se encaixa no pacto fantasmático, de Lejeune, como “fantasmas reveladores de um indivíduo”;
- 4) O que é o mito? Pergunta que se anula com a resposta de Jolles. A possibilidade de Aristóteles.

18h31

Nas autobioficções, dados reais deslizam da autoficção para a autobiografia, e vice-versa.

A autobioficção como uma carcaça.

10/04/2018 15h56

Estou chegando à página 50 da tese. É lento, pois vou analisando cada alteração sugerida pelo Prof. Assis, e vou aprendendo com cada uma delas.

Diário XCI

14/05/2018 10h44

Estou na igreja da PUCRS. Vim para cá para revisar o resumo para qualificação, as anotações do caderno e, se der tempo, o ensaio teórico.

12h53

Estou em frente ao auditório Ir. Elvo Clemente, sala 305 do bloco 8 – sala onde fiz a entrevista de defesa de projeto. Deixo dar 13h e envio o arquivo/resumo para qualificação para Prof. Maria, Prof. Assis e Prof. Bernardo.

13h04

Pronto. Já enviei o resumo para a qualificação.

(...)

Sinto-me um pouco nervosa, mas é normal. É um grande passo para mim, para a minha família, tanto para os descendentes quanto para os ascendentes.

Desconstruo o mito familiar.

13h14

Penso em colocar a dedicatória antes do ensaio teórico:

Para meus filhos:

De quem foram roubadas as inúmeras horas

para eu realizar este sonho.

E a epígrafe de *O major* é:

Um sonho é o único direito que não se pode proibir.

(Glauber Rocha)

20/05/2018 10h15

Don't only practice your art

But force your way into its secrets,

For it and knowledge can

Raise men to the Divine.

(Ludwig van Beethoven)

22/05/2018 18h33

Foi um dia bem produtivo. Revisei da página 35 até a 70 da tese. Sei que foram trinta e cinco páginas apenas, mas avancei bem e me preparei para amanhã e depois de amanhã revisar a parte teórica.

Aprendi muito com as sugestões ficcionais do Prof. Bernardo. Essas revisões são sempre um aprendizado. Amanhã verei as sugestões da parte teórica da Prof. Maria.

25/05/2018 16h30

Acabei de enviar o arquivo final para a revisora.

31/05/2018 07h55

Agradecimentos:

Aos inúmeros professores-colegas-amigos da PUCRS, com quem aprendi infinitamente.

E ao tão caríssimo escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil, que desde 2006 me encanta com os caminhos da Escrita Criativa no país.

05/06/2018 15h00

Acabo de enviar o arquivo final de *Doze horas*: o mito individual em uma autobioficção para Prof. Assis Brasil.

26/07/2018 11h39

Acabo de realizar a última revisão antes de enviar para Prof. Assis na próxima semana. Se estiver tudo certo, envio para a banca.

09/08/2018 16h02

Terminei de revisar a tese pela última vez antes de enviar para a banca. A partir de uma sugestão de Prof. Assis, me concentrei nos conceitos de Philippe Lejeune e Jacques Lacan.

10/08/2018 09h00

Preparo-me para enviar o texto final em PDF para Profs. Assis Brasil, Bernardo Bueno e Maria do Carmo Nino. Os exemplares de Profas. Débora Mutter e Tânia Ramos enviarei para Donatela da xérox/gráfica do bloco 8 imprimir.

23/08/2018 12h15

Relendo os teóricos que utilizei para escrever *Doze horas: O mito individual* em uma autobioficção, descubro coincidências que atribuo à absorção da técnica para depois jogar no esquecimento que Auguste Rodin ensinava para os discípulos em seu ateliê.

Escrevi o ensaio de janeiro a abril de 2018 quando o qualifiquei no dia 14. Como se eu visse em parte o que hoje vejo face-a-face da carta de São Paulo aos Coríntios, reviso a versão final que foi enviada no dia 10 de agosto, e sacramentada na leitura dos componentes da banca, para me apropriar do próprio texto e poder defendê-lo com todos os átomos de Epicuro.

Começo ao contrário, por “O mito individual do neurótico”, de Jacques Lacan. Mas antes, um breve resumo da novela *Doze horas*.

É uma novela em camadas, como afirmei no ensaio teórico. Três camadas se inter cruzam e fluem entre si:

A primeira camada, em terceira pessoa do singular, é a ficção de Arabella Fantini, quarenta e cinco anos, solteira e sem filhos, museóloga do Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS), responsável por trazer à tona talentos desconhecidos, e, “numa bela tarde”, recebe a carta de um curador renomado, que apresenta o artista plástico português Fernandes Vieira, e afirma que este conheceu o pai da museóloga desaparecido há trinta

e dois anos. O curador a convida para uma viagem de avião de aproximadamente doze horas, de Porto Alegre para Lisboa. Ao lado de Arabella, senta-se Marcelo Bergson, professor de uma universidade próxima ao apartamento da museóloga, que guarda segredos de ser responsável pela morte do irmão mais novo, e ter se envolvido com uma aluna menor de idade.

A segunda camada, em primeira pessoa do singular, narra a história de Manoela, quarenta e cinco anos, solteira e sem filhos, escritora, estudante de doutorado em Escrita Criativa (supostamente na PUCRS), e como surgiu a ideia da presente tese. Parte da narrativa é ficcional, parte real, coincidindo ser o nome da personagem principal de um livro ficcional da autora, Patricia Gonçalves Tenório, quarenta e oito anos, divorciada e três filhos.

A terceira camada, em primeira pessoa do plural, é composta pelo ensaio teórico e os Diários de Bordo que acompanharam a escrita de Patricia desde a primeira ideia da novela que surgiu em 07/03/2016.

Para cada uma dessas camadas é constituída uma *persona* – Arabella Fantini, Manoela (sem sobrenome), Patricia Gonçalves Tenório. A primeira, mais ficcional que real; a segunda, um amálgama de realidade e ficção; a terceira, quase pura realidade, mas que se mistura com as outras duas *personas* na “impessoalidade da primeira pessoa do plural”.

Em “O mito individual do neurótico”, Jacques Lacan apresenta o estudo de caso de Sigmund Freud “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”. Nestes “fragmentos de análise”, Freud narra a história de um paciente que reproduz na própria vida acontecimentos da vida paterna, e com isso desencadeia a neurose obsessiva. O nome “Homem dos Ratos” é devido à fixação instintual que o relato da introdução de um rato excitado por meios artificiais no reto do supliciado provoca no paciente.

O pai do Homem dos Ratos (HR) era um suboficial que, na juventude se apaixona por uma moça pobre, mas é forçado a se casar por conveniência com uma moça rica. O suboficial tem a vida salva por um amigo que lhe paga uma dívida que adquiriu em jogo. HR, ao ser acionado pelo pai a se casar com uma moça rica, entra em crise quando se vê forçado a encaixar no presente os cenários e os personagens da geração anterior.

Lacan revisita o estudo freudiano quando relaciona o mito familiar do HR com seu mito individual, o mito que precisa ser revisitado inúmeras vezes até a elaboração. Com o caso do Homem dos Ratos, Freud inaugura o conceito de transferência, no qual o paciente transfere para o set analítico o mito construído com a ajuda do terapeuta, e que Lacan atualiza na necessidade do espelhamento no outro para se forjar sujeito.

13h50

Aplicando na nossa novela em três camadas, encontramos a necessidade de Patricia Gonçalves Tenório encontrar uma técnica que a afaste da realidade se perfazendo em ficção, sem deixar de ser realidade e ficção ao mesmo tempo, um amálgama. Uma autoficção. Ao criar uma *persona*(gem) com características reais e ficcionais ao mesmo tempo, Manoela – nome de *A menina do olho verde*, mas sem sobrenome, solteira e sem filhos, escritora, estudante do doutorado em Escrita Criativa (supostamente na PUCRS) –, Patricia pode transferir em espelhamento narrativas traumáticas da vida real na tentativa de elaboração do(s) trauma(s) e forjar uma identidade, encontrar a voz própria de quem escreve, a voz que Manoela busca no Monte da Resposta Perdida que é Porto Alegre. E Arabella Fantini, uma segunda transferência, que assegura o distanciamento preciso – a primeira camada sendo escrita primeiro para encontrar o tom justo da segunda camada.

E o diário no laptop em um voo de *Doze horas?* O processo que também é espelhado na terceira camada dos Diários de Bordo, buscou em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*, de Philippe Lejeune, subsídios para tentar forjar o gênero híbrido da autoficção.

Além de conceituar o que é autobiografia, autoficção, diário, relacionar a autobiografia com o processo psicanalítico, Lejeune realiza o que tentamos neste breve resumo: com a passagem do tempo, se escreve, e se lê, e se re-lê em busca de um (cada vez melhor) autoconhecimento. Afirma que somos muitos “eus” no discurso autobiográfico, reunidos e possuídos pela mesma voz mitológica, o que coaduna com o estudo de Lacan aplicado em nossa tese.

A escolha do diário digital, em preferência aos cadernos escritos à mão, tem a ver com o “distanciamento preciso” procurado por Tenório. Apesar dos Diários de Bordo terem sido – na maior parte – escritos à mão, a escrita digital entrou na vida da autora da tese ao ingressar na academia – Mestrado em Teoria da Literatura (UFPE, 2014-2015) –,

e o curto espaço-tempo para a produção teórica, e em seguida ficcional na PUCRS desde 2016. Com exceção das últimas entradas – esta, inclusive –, os Diários de Bordo foram extraídos a partir do LXXV caderno, dentre uma série de mais de noventa e um cadernos alimentados desde 2006, há doze anos, coincidindo o ano de encontro em maio, pela primeira vez, com a Oficina de Criação Literária, do escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e o lançamento de seu segundo livro, a fábula-adulta *As joaninhas não mentem*, (elas fazem ficção!) no qual Patricia Gonçalves Tenório faz as pazes com o texto ficcional após o interdito de lançamento da biografia do avô paterno, *O major – eterno é o espírito* (2005).

Este é o resumo de uma tese. E, como resumo, nas fronteiras da realidade e da ficção, forjando um “corpo-próprio” da identidade literária, quando se transfere para o outro para se constituir, encerramos esse breve panorama em pouco mais de três páginas do que está mais aprofundado nas quase trinta páginas do ensaio teórico *Doze horas: O mito individual em uma autobioficção*.

CADERNO
DE
IMAGENS



I – Um dos inúmeros voos de Recife para Porto Alegre.



II – O pôr do sol entre as nuvens.



III – Na entrada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.



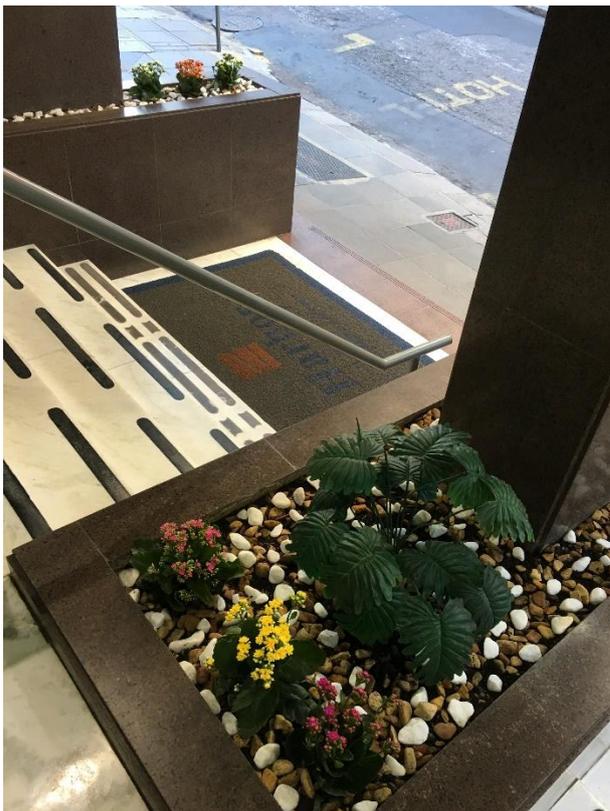
IV – O ipê em flor, as borboletas amarelas na PUCRS.



V – Abril – 2017. Um café entre os amigos-colegas da PUCRS. Da esquerda para a direita: Stéfanie Medeiros, Fred Linardi, Sara Albuquerque, Gisela Rodriguez, Gabriela Richittini, Valdomiro Martins, Luís Roberto Amabile, Bibiana Simionatto, Andrezza Postay e Patricia Gonçalves Tenório.



VI – 18/10/2017 – Depois do lançamento de *Sobre a escrita criativa* na PUCRS, coletânea de artigos fruto do I Seminário Nacional em Escrita Criativa de Pernambuco (13 a 15/10/2017). Da esquerda para a direita: Patricia Gonçalves Tenório, Luís Roberto Amabile, Alexandra Lopes da Cunha, María Elena Morán, Annie Müller, Gustavo Melo Czekster e Daniel Grubber.



VII – Na saída do Harbour Hotel/Flat onde Patricia habitou durante dois anos. O hotel virou ficção em 08/12/2017 ao fechar suas portas.



VIII – Edifício Jatobá – o apartamento quarto-sala-cozinha de Arabella que fica em frente ao antigo Harbour.



IX – O Parque Farroupilha ou Redenção em Porto Alegre: fonte de ideias na escrita de *Doze horas*.



X – 07/05/2017 – Viagem de pesquisa para Gramado, RS, para a construção do personagem Marcelo.



XI – Fundação Calouste Gulbenkian – Lisboa: cenário do deslizamento da terceira camada com Patricia para a primeira camada com Arabella.



XII – Mais um deslizamento entre as camadas para a autobiocção: Livraria Bertrand – Lisboa.